UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERESA ONTAÑON BARRAGAN

ATIVIDADES CIRCENSES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

EQUILÍBRIOS E DESEQUILÍBRIOS PEDAGÓGICOS

Campinas, 2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Teresa Ontañon Barragan

ATIVIDADES CIRCENSES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

EQUILÍBRIOS E DESEQUILÍBRIOS PEDAGÓGICOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do titulo de Mestre em Educação Física. Área de Concentração Educação Física e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA POR TERESA ONTAÑON BARRAGAN E ORIENTADA PELO PROF. DR. MARCO ANTONIO COELHO BORTOLETO

Campinas, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA UNICAMP

Ontañon Barragan, Teresa, 1984-

On8a Atividades circenses na educação física escolar: equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos / Teresa Ontañon Barragan. - Campinas, SP: [s.n], 2012.

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Atividades circenses. 2. Educação física escolar. 3. Currículo escolar. I. Bortoleto, Marco Antonio Coelho. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para a Biblioteca Digital:

Título em inglês: Circus activities in physical education: pedagogical balances and unbalances.
Palavras-chaves em inglês:
Circus activities
Physical education at school
School curriculum
Área de Concentração: Educação física e sociedade
Titulação: Mestrado em Educação Física
Banca Examinadora:
Marco Antonio Coelho Bortoleto [orientador]
Jocimar Daolio
Eliana Ayoub
Data da defesa: 09-04-2012
Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO JULGADORA

Marco Antonio Coelho Bortoleto

Orientador

Jocimar Daolio

Eliana Ayoub

Dedico este trabajo especialmente a mi MADRE y a mi PADRE que creyeron en mí y me apoyaron en decisiones que no fueron fáciles, a mi sobrinito DARÍO, a mi querida FAMILIA y AMIGOS culipardos, madrileños, canarios, españoles, brasileiros, colombianos, chilenos o de cualquier rincón del mundo que me ayudaron a llegar hasta aquí y a Miguel Ángel por conquistar y cuidar mi CORAZÓN durante estos años…

¡Muchísimas gracias a todos!

Tal y como mi madre me enseñó una vez… Continúo mi camino a Ítaca disfrutando cada segundo del viaje y en busca de nuevos puertos. [1]

[1] Peço desculpas a quem possa se incomodar por escrever em espanhol esta dedicatória e agradecimentos, mas quero agradecer do fundo do meu coração, e o meu por enquanto, só fala uma língua, a materna.

AGRADECIMIENTOS

En primer lugar quiero agradecer a la "Universidade Estadual de Campinas" y a la "Faculdade de Educação Física" por ofrecerme la oportunidad de estudiar en su programa de postgrado, asimismo quiero agradecer a todos los profesores, funcionarios y alumnos con los que me crucé en este tiempo y participaron de una u otra manera en mi formación.

Le doy las gracias también a mi orientador, Marco A. C. Bortoleto, alias, "Marquinho", por las enseñanzas, oportunidades y paciencia prestada.

Al grupo de estúdios CIRCUS (Grupo de estudos e pesquisa das artes circenses) y a todos sus integrantes, Daniel Lopes, Marcio Parma, Daniela Calça, Fausto Oliveira, Diego Ferreira,... Destacando y agradeciendo especialmente la colaboración de Rodrigo Mallet por su participación en el trabajo, sus consejos y risas, a Erminia Silva por sus significativas observaciones y su singular punto de vista y a Thiago Sales por su importante ayuda y disposición.

Al programa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por la financiación sin la cual mis estudios no habrían sido posibles.

A los profesores, dirección y alumnos de las escuelas investigadas en Campinas y Figueres, ambas me abrieron las puertas y me recibieron enormemente bien.

A los miembros del tribunal, que contribuyeron desde la "Qualificação" y posteriormente en la "Defesa" de esta tesina de "Mestrado", Prof. Dr. Jocimar Daolio y Profa. Dra. Eliana Ayoub, les agradezco sus correcciones y sugestiones propuestas, ya que sin duda ayudaron a mejorar el presente trabajo.

ONTAÑON, Teresa. Atividades circenses na educação física escolar: equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos. 2012. 143f. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RESUMO

É notório o aumento do trato das atividades circenses como conteúdo na educação física escolar, dinâmica que pode ser observada igualmente no incremento da produção acadêmica. Tomando como ponto de partida o contexto anunciado anteriormente, o objetivo desta pesquisa consistiu, em primeiro lugar, em analisar "o estado da arte" no que diz respeito à produção acadêmica dedicada ao estudo das atividades circenses no âmbito educativo, particularmente na escola, para, num segundo momento, realizar um estudo de campo descritivo sobre como esta prática vem sendo abordada em duas escolas, uma no Brasil e outra na Espanha. Os resultados confirmam a tendência anunciada, isto é, de que as atividades circenses estão cada vez mais presentes nas aulas de educação física e de que existe um incremento da produção acadêmica sobre este assunto, embora a maior parte dos estudos ainda trate sobre relatos de experiência. Contudo, apesar do aumento da sistematização e da reflexão sobre a pedagogia das atividades circenses, percebemos que os avanços ainda são tímidos frente ao significativo aumento das experiências escolares. Por outra parte, a pesquisa revela como diferentes propostas pedagógicas, tanto na iniciativa privada quanto na pública, podem alcançar resultados expressivos, quer na dimensão conceitual como também na prática das atividades circenses.

Palavras-chave: Atividades Circenses; Educação Física Escolar; Currículo Escolar.

ONTAÑON, Teresa. Circus activities in physical education: pedagogical balances and unbalances. 2012. 143f. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ABSTRACT

We are attending to an increase in the treatment of circus activities as content in physical education during school years; this is a dynamic that can also be observed in the increase of academic output. Taking as a starting point the context previously announced, the aim of this research was, firstly, to analyze "the state of art" in terms of the academic output devoted to the study of circus activities within the educational field. This research is focused particularly on school years with the intention of, in a second step; carry out a descriptive field study on how this practice is developed in two different schools, one located in Brazil and the other one placed in Spain. The outcomes confirm the tendency previously announced, that means that the circus activities are increasingly present in physical education classes and that it also exists an increase in academic output on the subject, although most of the studies are still mainly based on experience reports. Still, despite the increasing of the systematization and reflection on the pedagogy of circus activities, we notice that the progress is still tepid compared to the significant increase in the school experiences. On the other hand, the enquiry shows how different educational proposals in both the private and public initiative can achieve significant results, either in the conceptual dimension, but also in practice, of the circus activities.

Key-Words: Circus Activities; Physical Education at School; School Curriculum.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: ANÁLISE DA PRODUÇÃO POR CATEGORIAS. 36
QUADRO 2: ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA POR PAÍS DE PUBLICAÇÃO. 45
QUADRO 3: ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA POR ANO DE PUBLICAÇÃO. 46
QUADRO 4: EXEMPLO DE DIÁRIO DE CAMPO (ESCOLA CURUMIM)..... 59
QUADRO 5: ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA CURUMIM 66
QUADRO 6: ASPECTOS POSITIVOS E INCONVENIENTES DA METODOLOGIA DE TRABALHO POR ATELIÊS..... 68
QUADRO 7: ATIVIDADES REALIZADAS NO I.E.S. NARCÍS MONTURIOL 76

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1. Lista completa dos documentos analisados na revisão bibliográfica 1033
ANEXO 2. Guia de registro no Diário de Campo 1111
ANEXO 3. Roteiro da entrevista semiestruturada 1133
ANEXO 4. Carta de solicitação às instituições (português): Escola Curumim 115
ANEXO 5. Carta de solicitação às instituições (espanhol): I.E.S. Narcís Monturiol.....119
ANEXO 6. TCLE (português): Professor da escola Curumim 1233
ANEXO 7. TCLE (espanhol): Professor do I.E.S. Narcís Monturiol. 125
ANEXO 8. Transcrição da entrevista, Escola Curumim 127
ANEXO 9. Transcrição da entrevista, I.E.S. Narcís Monturiol. 133
ANEXO 10. Tabela exemplo das figuras no trapézio utilizadas no I.E.S. Narcís Monturiol.....139
ANEXO 11. Proposta de atividades circenses inclusivas 141

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....19

CAPÍTULO 1: ATIVIDADES CIRCENSES - ESTADO DA ARTE.....25

1.1 Notas contextuais: a educação física, a ginástica e o circo 27

1.2 A literatura especializada como ponto de partida.....32

1.2.1 Por uma metodologia para a análise da literatura 33

1.2.2 O cenário encontrado.....36

1.2.3 Atividades circenses nas aulas de educação física: um equilíbrio possível 47

CAPÍTULO 2: QUANDO AS ATIVIDADES CIRCENSES ENCONTRAM ESPAÇO NA ESCOLA.....53

2.1 Organização da pesquisa de campo.....55

2.1.1 A observação do processo pedagógico.....57

2.1.2 A entrevista com os professores.....60

2.1.3 A análise dos dados.....61

2.2 A escola Curumim 62

2.3 O I.E.S. Narcís Monturiol: mais de uma década de atividades circenses 73

CONSIDERAÇÕES: O NÚMERO FINAL... 83

REFERÊNCIAS.....95

ANEXOS 101

INTRODUÇÃO

> Circo é a concentração silenciosa, a arte de brincar sem dizer palavras... É uma grande e poderosa escola (Charles Chaplin - The Circus, 1928).

As artes do circo, coloquialmente denominadas como "o maior espetáculo da terra", estendem-se das pequenas vilas do interior às grandes metrópoles, dos bairros periféricos aos centros urbanos, dos picadeiros às ruas, constituindo-se num fenômeno cultural universal.

Os relatos corriqueiros revelam o fascínio e a admiração que o grande público tem por esta linguagem artística, mas também o profundo desconhecimento e certos preconceitos, que extrapolam inclusive o cenário popular, alcançando a esfera acadêmica.

Minha biografia revela, em primeiro lugar, uma infância vivida numa pequena cidade espanhola, onde a oferta cultural e artística era reduzida. Quando o circo chegava à cidade, meus pais eram praticamente obrigados a levar a mim e a meu irmão ao espetáculo. Na saída do circo, o espetáculo não terminava: meu irmão virava domador de leões e eu acrobata, equilibrista, malabarista e às vezes tudo ao mesmo tempo.

Esse gosto pelo circo sempre esteve presente em mim. Lembro-me de quando assisti pela primeira vez a um espetáculo do "Cirque du Soleil", pelos idos de 1995, uma experiência magistral que não posso descrever em palavras, uma sensação incrível ao ver aqueles artistas mostrando um extraordinário controle corporal. Ao sair, meu tio me viu tão emocionada, que no aniversário seguinte me presenteou com o que hoje chamo de "mala circense", isto é, uma mala cheia de instrumentos circenses (três bolinhas, um prato-chinês, três claves, três caixas ou *cigar box*, um diabolô e um nariz de palhaço). Este foi, certamente, o melhor presente que já ganhei na vida.

Foi assim que comecei a praticar malabares, sozinha ou com amigos interessados em aprender. Não tínhamos nenhum tipo de instrução ou suporte pedagógico, mas aprendemos o básico de diversas técnicas e modalidades malabarísticas, tudo de modo autodidata. Esses conhecimentos elementares ajudaram-me a brincar de malabares, contudo, este processo permitiu-me, para além de algumas habilidades corporais, desenvolver a serenidade e paciência necessárias para aprender tudo aquilo de que gosto.

A afinidade pelas práticas corporais não é uma novidade em minha biografia. Meus pais sempre me incentivaram a praticar esportes, por isso considero que tive uma infância intensa, na qual procurava brincar ou fazer algum tipo de esporte sempre que possível, e certamente foi esse contexto que me motivou à escolha profissional. Quando terminei o Ensino Médio, já havia tomado minha decisão. Logo ingressei na "Facultad de Ciencias de la Actividad Física y el Deporte", da Universidade Politécnica de Madri, buscando formar-me em educação física.

Durante a graduação aprendi muito, e não tenho como negar, porém sentia que muitas das coisas que aprendia estavam pouco relacionadas com a vida real, careciam de significado para mim, como, por exemplo, o fato de ter de fazer uma prova de futebol na qual tinha de fazer dez toques sem deixar cair a bola e outras várias provas, ou aprender mais de cem músculos com suas inserções, inervações e demais sem sequer saber em qual atividade se usava tal ou qual músculo.

Logicamente nem todos os conteúdos eram assim. No entanto, havia muitas coisas que me deixavam meio confusa; eu não entendia por que os alunos tinham de aprender todas essas coisas sem compreender o sentido. Fui encontrar certo significado no terceiro ano, cursando componentes curriculares relacionados com educação física e sociedade. Nessas aulas discutíamos e conversávamos juntamente com o professor sobre problemas, situações ou temas então atuais que surgiam relacionados ao esporte e à educação física. Pela primeira vez, desde que comecei a faculdade, pude expressar minhas opiniões e não fui obrigada a "engolir" os conhecimentos para depois "vomitá-los" no dia da prova.

Entendia que queria ser participante da minha formação. Desde a escola vinha aceitando tudo o que me impunham. No sistema em que fui educada, os alunos desde cedo são ensinados a sentarem-se na cadeira, ficarem quietos, aprenderem, memorizarem e estudarem o que é mandado[2]. Enfim, não queria continuar obedecendo sem questionar. Não me conformava, afinal, para mim a educação não deveria ter esse formato e, portanto, eu não queria "pasar por el aro", expressão popular em espanhol empregada quando somos "adestrados", de modo similar aos animais adestrados para esportes ou espetáculos (inclusive no circo).

[2] Identificar estas características ficou muito mais fácil quando tive contato com as obras de Paulo Freire e mesmo Rubens Alves, algo menos provável se eu não tivesse vindo ao Brasil.

No último ano de graduação, apresentei uma solicitação para participar de um programa de intercâmbio numa faculdade brasileira, e me concederam a bolsa. Foi assim que cheguei à Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Desde o começo me identifiquei com o ambiente, com o tratamento recebido. Cursei vários componentes curriculares relacionados com a educação física escolar e os aspectos sociais da educação física, e percebi que a maioria das aulas buscava desenvolver um posicionamento crítico nos alunos por meio do qual pudéssemos expressar nossa opinião, algo pouco frequente na formação que eu vinha recebendo na Espanha. Foi assim que tive contato com alguns textos, identificando-me com a perspectiva crítica da educação física, desenvolvida por parte dos professores da FEF-UNICAMP, e que deram um novo alento às minhas inquietações pedagógicas.

Por outro lado, percebi rapidamente que a realidade da maior parte das escolas brasileiras, sobretudo as públicas, era bem diferente daquilo que a universidade de modo geral informava. Sentia um grande distanciamento entre elas, e que isso se repetia tanto na Espanha quanto no Brasil. Assim, da mesma maneira que acontecia na Espanha, no Brasil percebia que muitos professores buscavam padronizar "os comportamentos" dos alunos, e muitas práticas ministradas apresentavam-se carentes de significados para eles, que não refletiam sobre problemas transversais, como a discriminação, as questões de gênero, e outras questões características da educação atual. Não refletiam ao menos sobre como transformar sua realidade para que pudessem usufruir de uma melhor condição social e cultural.

Ao terminar meu intercâmbio universitário, com duração de um ano, regressei à Espanha levando tudo o que aprendi, mas com uma certeza: precisava voltar ao Brasil. Consequentemente, finalizei a graduação enquanto já agilizava os trâmites para voltar e continuar com a minha formação acadêmica no Brasil.

Meses depois, ingressei no programa de pós-graduação da FEF-UNICAMP, pretendendo de alguma maneira iniciar minha jornada de pesquisa e assim poder contribuir com aquilo que considerava importante. Enfim, fui motivada pela ideia de que a educação é o primeiro passo necessário para transformar a sociedade, e penso que, na condição de educadores, devemos trabalhar para que a educação caminhe no sentido de deixar de ser sinônimo de uma repetição sistemática de conceitos e procedimentos, de modo acrítico. Entendo ser necessária uma maior densidade teórica, maior proximidade entre a teoria e a prática, mais articulação entre o domínio

social, que envolve a atividade educativa, para então podermos alcançar uma consciência mais intensa que permita mudanças reais, profundas e irreversíveis.

Por outro lado, o interesse de abordar as atividades circenses e sua relação com a educação física foi alavancado por interesses pessoais e minha grande afinidade com o tema. Além de praticar estas atividades desde a infância e desfrutar muito disso, acredito no potencial que estas têm como conhecimento escolar, posicionamento construído a partir de diversas experiências profissionais na área. Já durante a graduação, trabalhei com crianças com aulas de basquete, natação e atividades pré-desportivas e recreativas. Foi com estas últimas que tive a oportunidade pela primeira vez de trabalhar com as atividades circenses e percebi que nesse ambiente aconteciam situações pouco frequentes em outras atividades.

Nas aulas de basquete, por exemplo, a maior preocupação das crianças era se destacar sobre os colegas e vencer. Já nas aulas de natação a atenção das crianças centrava-se em aprender a nadar para não beber água ou afogar-se. Em contrapartida, nas aulas em que utilizávamos as atividades circenses outras formas de relações interpessoais aconteciam de maneira quase espontânea, além de que o trato de temas transversais era facilitado. Em suma, não tratávamos os alunos exclusivamente no plano físico, senão também nas questões sociais, artísticas e humanas.

Senti-me na obrigação de contribuir para a mudança da qual a educação física tanto precisa, a meu ver, buscando não ser partícipe de uma educação física cuja única finalidade é aprimorar o corpo, ensinando a técnica pela técnica sem dar um significado real a esta, em prol da eficiência, como explica Daolio (1995). Foi então, buscando contribuir para uma educação física que efetivamente alcance a formação integral do aluno, isto é, numa abordagem em que o aluno é tomado como sujeito e que permita melhores interfaces da teoria e da prática pedagógica, que nos propusemos a estudar, neste trabalho, de que maneira, porque e em que situações e contextos as atividades circenses vêm sendo abordadas nas aulas de educação física.

Evidentemente, não vemos as atividades circenses como a "solução de todos os problemas", mas como uma possibilidade que aposta:

> Na alegria e na recuperação do potencial civilizatório que caracteriza a esta arte milenar, que desde suas origens teve por base a diversidade, a aceitação do outro, o sentimento do fantástico e do mágico, a superação dos limites, a convivência e criação coletivas e, acima de tudo, a brincadeira e o jogo levados a sério (TRINDADE, 2010, p.18).

Consequentemente, partilhamos da afirmação de Bortoleto (2006), quando afirma que as atividades circenses representam, para além de uma "educação exclusivamente corporal", a possibilidade de uma aproximação entre os elementos centrais próprios da educação artística, estética e corporal, com foco na criatividade e a partir da liberdade, da autonomia e da crítica, características pouco frequentes nas aulas de educação física na atualidade.

A partir do pressuposto acima mencionado, esta pesquisa visa, num primeiro momento, a investigar como este encontro entre a educação física e as artes circenses vem acontecendo, especialmente nas últimas duas décadas, a partir de uma análise do modo como a literatura vem registrando e sistematizando tais saberes. No segundo momento, descrevemos como as atividades circenses vêm sendo desenvolvidas em duas escolas, uma no Brasil e outra na Espanha, buscando conhecer os elementos fundamentais dessas experiências pedagógicas, que representam dois modos distintos desta aproximação entre as atividades circenses e a educação física escolar.

Quanto à organização do conteúdo, o primeiro capítulo discorre sobre como as atividades circenses são abordadas na literatura a partir de uma ampla revisão bibliográfica sobre os estudos acadêmico-científicos que abordam essas atividades, prestando especial atenção àqueles que analisam as questões pedagógicas relativas ao ensino dessas práticas no espaço escolar e apresentando situações de "equilíbrios" e "desequilíbrios" que apareceram ao longo desta revisão, onde encontramos autores que demonstraram uma grande preocupação com as práticas e com o processo pedagógico utilizado nas aulas e outros que infelizmente não mostraram estas preocupações, utilizando as atividades circenses como simples conteúdo motivador e diferente. Esta apresentação do "estado da arte" foi, em nossa opinião, imprescindível para os debates propostos ao longo deste trabalho.

O segundo capítulo dedica-se à descrição da pesquisa de campo, isto é, ao relato pormenorizado de duas experiências pedagógicas em que as atividades circenses fazem parte do currículo regular da educação física de uma maneira planejada e cuidadosamente pensada, com um projeto educativo consistente e bem conceituado. São duas escolas, sendo uma na cidade de Campinas (Brasil) e outra em Figueres (Espanha). Nesse momento, nossa descrição teve como objetivo revelar caminhos possíveis e consolidados para o trato das atividades circenses nas aulas de educação física, bem como o modo como essas aproximações foram

construídas nessas duas instituições que se apresentaram como dois excelentes exemplos do que entendemos como equilíbrio pedagógico.

Concluímos o texto, apresentamos nossas considerações finais sobre os aspectos mais relevantes da investigação, assim como as perspectivas surgidas a partir deste trabalho.

Sem mais palavras, vamos iniciar o espetáculo...

CAPÍTULO 1

ATIVIDADES CIRCENSES

ESTADO DA ARTE

> A lo largo de los últimos veinte años, la enseñanza de las Artes del circo ha sufrido una evolución sensible que demuestra una modulación radical de la transmisión del saber: de una enseñanza puramente familiar, autárquica y exclusiva, se ha mudado a una actividad de ocio practicada en los cuatro rincones del territorio y en el marco de una multitud de estructuras de importancia y cualidad diversas (BROZAS, 1999, p.124).

1.1 Notas contextuais: a educação física, a ginástica e o circo

Nosso objetivo neste trabalho não inclui uma análise exaustiva da história da educação física nem tampouco da arte circense, objetos complexos e que vêm sendo amplamente estudados e discutidos por outros pesquisadores da área. Contudo, entendemos ser fundamental analisar alguns aspectos que permitem entender as aproximações e os distanciamentos construídos historicamente entre esses fenômenos, que logo respaldarão as interpretações no decorrer desta dissertação.

Neste sentido, a revisão das obras de alguns autores contemporâneos, tais como Soares (1994, 1998) e Blazquez (2006), no que se refere à ginástica e a educação física, e, por outro lado, Silva (1996, 2009) e Viveiro de Castro (1998), entre outras, no que tange ao circo, foram, em nosso entendimento, fundamentais para avançar nos propósitos do presente trabalho.

Por meio desses referenciais, observamos que a educação do corpo representou e ainda representa um tema de grande relevância nas mais diferentes civilizações e sociedades, tendo se convertido num assunto de intensa discussão e sistematização científica na modernidade. Logo, o conceito de corpo, bem como o de educação física enquanto área do conhecimento que estuda o corpo, sua motricidade e a cultura corporal constituem construções cujos significados remetem a diferentes sentidos e implicações de acordo com o momento histórico e os sujeitos. Dada a impossibilidade de uma análise pormenorizada desse processo, restringimo-nos a observar alguns aspectos de como os movimentos ocorridos na Europa entre os séculos XIX e XX influenciaram o fenômeno aqui estudado.

Nesse período, constituiu-se e paulatinamente se consolidou um campo do conhecimento que tem como objeto de estudo o corpo e sua motricidade. Inicialmente conhecida como ginástica, esta ciência moderna foi aos poucos se configurando no que hoje denominamos educação física. Entre os fundamentos que ajudaram na constituição dos conhecimentos dessa área encontram-se aqueles oriundos das artes do circo. É exatamente esta relação secular entre a

educação física e as artes circenses que nos interessa neste momento, pois certamente nos ajudará a compreender algumas das relações observadas na atualidade.

Por inúmeras razões, que não discutiremos aqui, os séculos XIX e XX impõem em suas práticas corporais a busca por homens e corpos saudáveis, capazes de trabalhar e de suportar o rigor do adestramento marcial-militar. Foi com este pressuposto que a "educação física" se viabilizou na construção do "homem novo"; forjando-se como uma ferramenta a serviço de um sistema que surgiu e ganhou força rapidamente, e cujos princípios visavam a disciplinar e adestrar os corpos ao serviço dos interesses institucionais, como expõe detalhadamente Soares (1994). Assim a educação física durante o referido período pautou-se no paradigma médico-higienista, centrado num conceito de corpo engendrado pelos conhecimentos próprios às ciências biológicas, que preconizava a educação do corpo, ensinando desde a infância a "retidão corporal" (SOARES, 1998) e, ao mesmo tempo, valores morais, regras de comportamento e hábitos próprios desta óptica médica.

Neste contexto, a partir da metade do século XIX surgem em vários países da Europa, inspirados nas ideias de grandes filósofos e pensadores como Rousseau, Basedow, Pestalozzi ou Guts Muths, entre outros, os "métodos ginásticos", cujo conteúdo continha a "expressão da cultura a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia" (SOARES, 1998, p.18).

Gradativamente, estes movimentos disseminaram-se por distintos países europeus, na sua maioria a serviço das instituições governantes. Dessa forma, consolida-se um campo do conhecimento, ainda incipiente, mas que ganhava força e se beneficiava do respaldo político-institucional, cuja denominação mais comum foi a de "educação física".

Seja como ginástica, seja como educação física, estes modelos de intervenção pedagógica sobre o corpo e sua motricidade se apresentavam como um produto científico cujo rigor propunha o distanciamento do uso e da educação do corpo para fins alheios àqueles desejados pelas instituições (trabalho, etc.). Por conseguinte, este pensar científico do corpo afasta-se dos corpos e das práticas que visavam ao entretenimento e ao espetáculo, os quais supostamente negavam o princípio utilitário dos gestos, bem como da economia de energia (SOARES, 1998). Nas palavras da autora:

> Desse modo, práticas corporais realizadas nas feiras, nos circos, onde palhaços, acrobatas, gigantes e anões despertavam sentimentos ambíguos de maravilhamento e medo, passam a ser observados de perto pelas autoridades. O circo é uma atividade que exerce grande fascínio na sociedade europeia do século XIX. Ali o corpo é o centro do espetáculo, de todas as "variedades" apresentadas pela multifacetada atuação de seus artistas (SOARES, 1998, p.23).

Como podemos ver, o encontro entre os conhecimentos seculares do circo e a recém-emergente área de estudo, a educação física, ocorreu de modo marcante nesse período, porém as divergências e preconceitos entre ambas levaram à negação daquilo que hoje denominamos artes do circo, pela educação física.

Esta tensa relação e sua ambiguidade, isto é, por um lado inspirar-se no conhecimento circense, admirá-lo, e por outro negá-lo, representa até hoje um dilema indigesto para os estudiosos de ambos os lados (educação física e circo). De fato, o circo e as demais linguagens artísticas sempre conviveram com tensões com outras áreas do conhecimento humano, especialmente com a ciência moderna (SOARES, 1998).

Isso provavelmente se deva a que a atividade desempenhada pelos artistas do corpo, mais precisamente do circo, contradizia os padrões impostos na sociedade daquela época, ao contrário da ginástica, que obedecia aos princípios da ciência moderna, legitimando-se como única referência para a educação do corpo do homem moderno. Assim, a ginástica – e seu declarado método de controle corporal – consolidou-se como o método próprio e adequado para o espaço escolar-educativo.

Mais uma vez insistimos em que, apesar de tantos esforços para negar o circo, vemos claramente sua importância na constituição dos métodos ginásticos e, por conseguinte, da educação física. A observação cuidadosa das técnicas, equipamentos e exercícios corrobora esta tese (BORTOLETO, 2010). Enfim, existe um sem-fim de relações entre esses fenômenos, que mais os aproximam do que os afastam, e que certamente nos interessam, mesmo estando o nosso trabalho distante mais de um século e meio desses fatos acima relatados:

> Considerando nossa vocação pedagógica, nossos estudos sobre a Ginástica nos levaram a defendê-la como um conteúdo "necessário" para a Educação Física escolar, uma atividade fundamental para o desenvolvimento global de nossos alunos. Toda essa contribuição que oferece a Ginástica também o faz o circo (BORTOLETO, 2010, p.116).

Devemos recordar que as relações mencionadas existiam, embora não fossem desejadas por grande parte da sociedade da época, especialmente daqueles que visavam a importar esse novo conceito de corpo e de sua educação. Possivelmente seja esse um dos motivos que levaram autores como Amorós[3] a fazer alusão somente aos exercícios cênicos ou funambulescos – isto é, circenses –, imprimindo neles um caráter utilitário (SOARES, 1998). Contudo, em consonância com o discurso de Bortoleto (2010), agora desejamos essa aproximação, embora saibamos que ela não virá sem tensões, contradições.

É certo que este anseio de uma reaproximação não é tão recente, pois aparece ao longo da segunda metade do século XX, quando a educação física iniciou um processo de renovação de seus conteúdos e procedimentos pedagógicos (BLAZQUEZ, 2006), dentre os quais a dança, as lutas e o circo surgiram como possibilidades (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Essas novas perspectivas teóricas, a psicomotricidade, o desenvolvimentismo ou a cultura corporal de movimento entre outras, permitiram a incorporação da expressão corporal como conteúdo disciplinar e, portanto, da dança, das atividades rítmicas e também do circo (BORTOLETO e MACHADO, 2003).

Outro aspecto que merece destaque, ocorrido especialmente ao longo do século XX, diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos circenses, que, preocupados com o futuro dos seus filhos face à necessidade de educação, mobilizam-se para criar condições a fim de que eles pudessem estudar fora das lonas (do circo). Deste modo, observa-se o surgimento de uma nova possibilidade de aprendizagem dos saberes circenses, ou seja, uma opção ao tradicional sistema de formação familiar – transmissão entre gerações – até a maneira hegemônica, conforme análise de Silva (1996). Como consequência deste fenômeno, segundo Duprat (2007), surge um movimento de formalização e instituição das "escolas de circo" tanto no cenário nacional quanto internacional (SILVA e CÂMARA, 2004).

Estes novos espaços de formação dos artistas circenses logo se abrem para qualquer pessoa que deseje conhecer as artes do circo, mesmo que não almeje converter-se em artista profissional. Consequentemente, novos e intensos debates em torno dos conceitos, técnicas e, o que mais nos interessa, pedagogias empregadas para o ensino das artes circenses ganham

[3] Francisco Amorós e Ondeano (1970-1848), coronel do exército espanhol, exilado em Paris e considerado como o idealizador do método ginástico francês a partir dos ideais de Guts Muths e Pestalozzi, que teve grande aprovação e que se caracterizava por um marcado caráter militar e uma exigência acrobática alta (BROZAS, 1999).

força e maior amplitude, alcançando inclusive os estudiosos da educação física (FOUCHET, 2006). De modo ainda mais contundente, educação física e circo se veem ainda mais próximos.

Em consequência destes acontecimentos, o oferecimento de aulas de circo em projetos sociais, clubes, academias e, fundamentalmente, nas aulas de educação física escolar tem um crescimento significativo nas últimas décadas do século XX (COMES *et al*, 2000), conforme veremos mais adiante. Ao enxergarem essa nova possibilidade de trato das atividades circenses como componente curricular, deram-se início, entre os profissionais da educação física, a novas tentativas de sistematização desses conhecimentos à luz das teorias e procedimentos próprios da educação física (BORTOLETO *et al,* 2008), processo do qual este trabalho faz parte. Este panorama é o que justifica novos esforços acadêmicos como os que nos propomos neste trabalho.

Aliás, a grande maioria dos profissionais da educação física que se "aventura" na arte de ensinar atividades circenses a seus alunos faz uso do mesmo modelo pedagógico cristalizado nas famílias circenses: o empirismo. Com uma agravante, não possuem formação, nem ao menos uma experiência secular acumulada geração após geração. Consequentemente, não é exagero afirmar, que muitos alunos estão a mercê de experiências respaldadas em grande medida pelo "achismo", na reprodução, na cópia e no processo de "tentativa e erro". A superação deste empirismo representa, sem sombras de dúvida, o "pano de fundo" desta pesquisa.

Com base no exposto, buscamos encontrar distintas possibilidades de trabalho que sistematizem e discutam de modo crítico e contextualizado o potencial pedagógico das atividades circenses, na sua intersecção com as aulas de educação física escolar. Este esforço visa, ademais, a superar os preconceitos, as teorias e os princípios obsoletos, que, como vimos anteriormente, foram criados ao longo de uma contraditória, porém "convincente", história da educação física, no sentido que defendem Brasileiro e Marcassa (2008).

Evidentemente, defendemos que as atividades circenses constituem parte da cultura corporal, e, deste modo, devem ser entendidas como conteúdo pertinente à educação física, ou, mais especificamente, como um conjunto de práticas e conhecimentos próprio às atividades expressivas e artísticas (MATEU, 2010; BORTOLETO, 2006)[4]. Foi exatamente para aprofundarmos este assunto que recorremos à literatura e aos especialistas, estudiosos que muito nos têm a dizer.

[4] Esta aproximação já está presente em projetos pedagógicos, como, por exemplo, a proposta curricular do Estado do Paraná, em que os autores propõem o estudo da origem da ginástica, a construção de coreografia e a pesquisa sobre a cultura do circo, acrobacias ou malabares (PARANÁ, 2008).

1.2 A literatura especializada como ponto de partida

> Respeitável público, senhoras e senhores, comecemos, portanto, a aula. Nada de dores, só risos. Criança pode aprender como criança. Escola pode ter cara de circo (FREIRE, 2011, p.10).

Como já ressaltamos anteriormente, observamos, particularmente nas últimas duas décadas, um exponencial crescimento da produção acadêmica sobre a prática das atividades circenses nos espaços educativos, tanto no âmbito formal quanto não formal, como consequência do aumento das experiências pedagógicas nas aulas de educação física escolar. Este fato é apreciável tanto no cenário nacional – de acordo com estudos como os de Bortoleto e Machado (2003), Duprat e Bortoleto (2007), Baroni (2006) e Duprat e Gallardo (2010) – quanto no internacional, como salientam as contribuições realizadas por Coasne (1992), Aguado e Fernandez (1992), Fodella (2000) e Invernó (2003), por exemplo.

Isso significa dizer que as atividades circenses como conteúdo programático nas aulas de educação física vêm conquistando cada vez mais espaço em instituições responsáveis pela escolarização formal – desde escolas a universidades – e também em outros espaços educativos, entre eles projetos sociais e escolas profissionalizantes de circo. Nestes locais, observam-se propostas que pretendem atender a diferentes objetivos, dentre os quais se destacam os educacionais, de lazer, recreativos, sociais e também artísticos, conforme destaca Bortoleto (2003). Assim, pois, estamos diante de um fenômeno que vem abarcando cada vez mais a atenção não somente dos profissionais da educação física, mas também de muitas outras especialidades (pedagogia, sociologia, história, medicina, etc.). Deste modo, observamos os primeiros momentos da constituição de um "novo" campo de estudo, ao menos para a educação física.

Contudo, a incipiência desta temática faz com que a análise acadêmica, que começa a ser plasmada na literatura especializada, seja ainda desconhecida para a maioria dos especialistas, isto é, para os professores de educação física.

Foi, então, com o objetivo de dirimir algumas de nossas dúvidas que demos início à nossa pesquisa, buscando conhecer o "estado da arte" mediante um cuidadoso e amplo levantamento da produção acadêmica (revisão bibliográfica) e sua posterior organização e análise, uma das quais procurou destacar o tipo de abordagem pedagógico-metodológica relatada e as especialidades (modalidades) circenses estudadas, além de outros aspectos que permitem

discutir as relações que as atividades circenses mantêm com o ambiente escolar e com os saberes próprios da educação física como campo do conhecimento, objeto principal deste trabalho.

Em suma, nossa análise pretende destacar algumas das interessantes reflexões já disponíveis, sistematizar estas produções, de modo a organizar o conhecimento acumulado, e, consequentemente, facilitar as discussões deste e de outros trabalhos, além de contribuir para a diminuição da dispersão conceitual entre os pesquisadores e educadores que se aventuram neste promissor campo de estudo e intervenção.

Em referencia à terminologia utiliza ao longo deste trabalho, gostaríamos de fazer um esclarecimento ao respeito do termo utilizado ao longo deste trabalho, adotamos o termo "atividades circenses" em conformidade com os argumentos apresentados por Bortoleto (2008; 2010), que defendem que a educação física elabora atividades que tratam de oportunizar aos alunos o contato com alguns elementos da linguagem circense, sem a pretensão de discutir a ampla e complexa arte do circo, cuja responsabilidade incide sobre as escolas profissionalizantes de circo.

1.2.1 Por uma metodologia para a análise da literatura

De acordo com as diretrizes metodológicas próprias para uma pesquisa científica, tal como estabelecem Lakatos e Markoni (1991), selecionamos o método e as técnicas e instrumentos para a coleta dos dados, atendendo aos fatores diretamente relacionados com o objeto deste estudo, assim como com a natureza dos fenômenos e recursos disponíveis.

Dessa maneira, realizamos uma revisão bibliográfica que consiste numa pesquisa teórica sobre a produção acadêmica referente às atividades circenses, especialmente daqueles estudos que tratam das relações com a educação física e com o espaço escolar. Para tal, selecionamos as publicações que tratam dos aspectos pedagógicos, incluindo relatos de experiência e manuais pedagógicos. Contudo, não consideramos estudos cujo enfoque estivesse apenas nas questões históricas ou estéticas das artes do circo, sem relação direta com sua dimensão educativa, embora devamos reconhecer que tanto as questões históricas quanto as estéticas são de grande relevância para a construção da teoria pedagógica.

Após um levantamento preliminar, observamos uma produção extremamente ampla, motivo que nos levou a limitar nossa análise a livros e capítulos de livros, bem como a

artigos científicos publicados em revistas indexadas presentes no sistema Qualis Capes[5] 2010-2011 – classificadas tanto nacional quanto internacionalmente. Logo, não analisamos outras formas de produção acadêmica, como dissertações, teses, relatórios de pesquisas de iniciação científica, monografias de cursos de especialização e trabalhos apresentados em congressos, embora sejam abundantes e também mereçam futuras análises.

A busca empreendida se estendeu aos acervos de diversas bibliotecas, bem como a acervos pessoais, além de recorrermos às bibliografias das próprias publicações nacionais e internacionais encontradas. No que tange às publicações em revistas científicas indexadas, consultamos diversos indexadores (Latindex, Lilacs, Sportdiscus, Scielo, Medline - Pubmed, entre outras), além de consultas diretas às bases de dados de algumas das principais revistas brasileiras (Motriz, Revista Olhar do Professor, Pensar a Prática, Movimento, RBCE, Licere, etc.) e internacionais (Revista Educación Física y Deportes - Argentina, Revista Revue d´Education Physique EPS - França, Revista Digital de Educación Física, Ciencia y Deporte - Espanha, Apunts Educación Física - Espanha, entre outras). Em todas as buscas utilizamos as seguintes palavras-chave: circo, educação física, atividades circenses e pedagogia, todas elas em distintos idiomas, entre eles, português, espanhol, francês, alemão, dinamarquês e inglês.

Uma vez selecionados os textos, tratamos de determinar as diferentes dimensões do estudo e, a partir delas, elaborar distintas categorias de análise, que, a sua vez, permitiram a posterior sistematização dos textos, conforme estabelecem Anguera (1983) e Franco (2005). As categorias da análise foram as seguintes:

1. Pedagogia das atividades circenses em geral: publicações referentes ao ensino das diferentes modalidades circenses que não especificaram o público para o qual estavam dirigidas, podendo ser utilizadas tanto por professores de educação física quanto por profissionais da recreação e do lazer, animadores socioculturais ou praticantes interessados na área ou na aprendizagem das diferentes técnicas circenses.
2. Planejamento do conteúdo "atividades circenses" em unidades didáticas: publicações sobre uma ou mais modalidades circenses que propõem sistematizações dos conteúdos a

[5] Sistema de avaliação de periódicos do programa CAPES (Brasil) que relaciona e classifica os veículos utilizados para a divulgação da produção intelectual dos programas de pós-graduação.

serem utilizados pelo professor na aula, organizado seus objetivos, metodologia, atividades, etc.

3. Circo como conteúdo específico da educação física: textos referentes às atividades circenses tratadas como conteúdo a ser utilizado nas aulas de educação física que defendem a inclusão destes conhecimentos nas aulas ou que oferecem argumentos que apoiem o debate no campo disciplinar da educação física.
4. Desenvolvimento e aprimoramento técnico em modalidades circenses específicas: bibliografia especializada em uma modalidade circense (malabares, aéreos, monociclo, equilíbrio, acrobacia, etc.) orientada ao público em geral e que aborda aspectos técnicos e procedimentais.
5. Relatos de experiência: publicações que narram diferentes situações nas quais as atividades circenses foram objeto pedagógico em aulas de educação física e também em outros contextos educacionais.
6. Outros temas: demais bibliografias que abordam aspectos das atividades circenses que não necessariamente se enquadram no âmbito da educação física ou que enfocam as questões pedagógicas, mas que de algum modo contribuem para o debate sobre os aspectos filosóficos, históricos, culturais, psicológicos, bem como sobre a formação da capacidade crítica dos próprios professores ou dos praticantes/alunos.

Buscando contextualizar nossa análise, identificamos ainda o país de origem, o ano das publicações, assim como outras informações que julgamos pertinentes à medida que fomos realizando o processo de análise, o qual foi divido em dois momentos: primeiramente realizamos uma primeira redução, mediante uma leitura superficial dos textos, com o objetivo de definir se o conteúdo coincidia ou não com o objeto da presente pesquisa. Uma vez selecionado o material que era pertinente, fizemos uma segunda leitura mais aprofundada, analisando e categorizando o conteúdo.

Como veremos ao longo deste trabalho, este estudo detalhado da literatura disponível foi imprescindível para subsidiar a pesquisa de campo que compôs este trabalho e a discussão realizada ao longo dela.

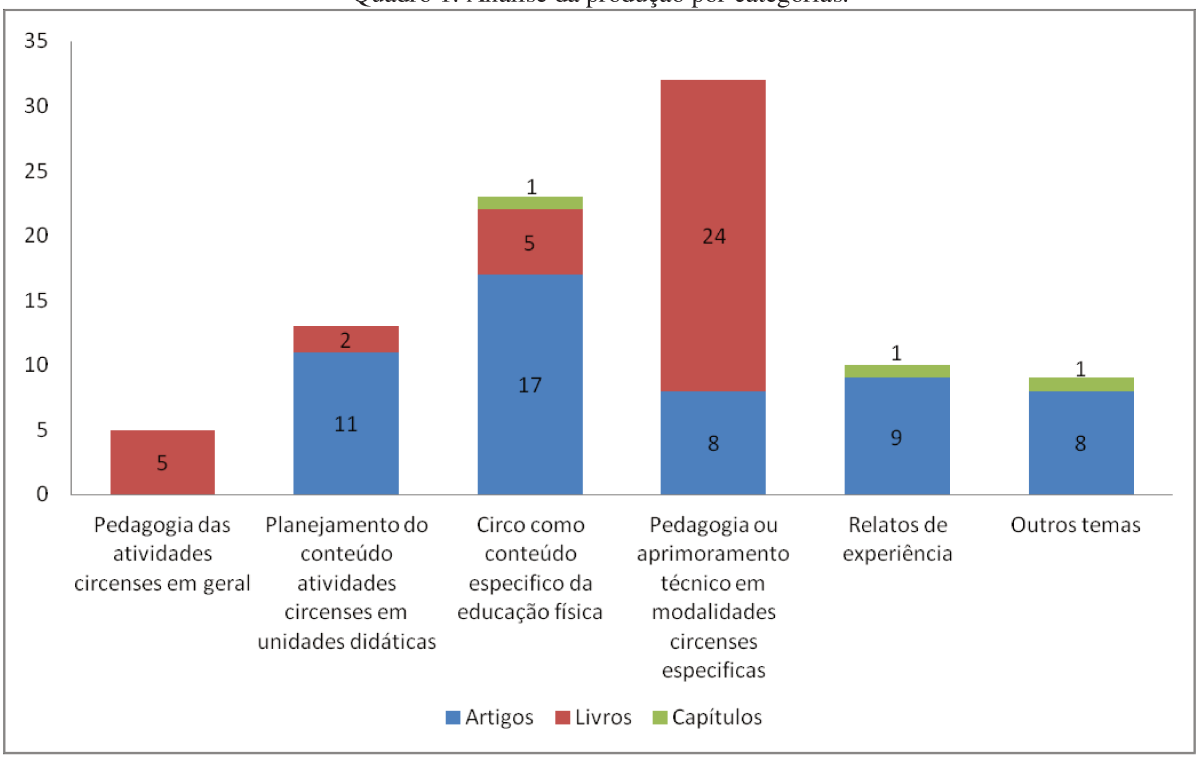
1.2.2 O cenário encontrado

> O circo é um conhecimento emergente em nossa sociedade, apesar de sua longa história. Nesse sentido, observamos a crescente abertura de escolas de circo, clubes e academias que ensinam essas atividades, assim como a prática informal dessa arte em outros espaços públicos ou privados. Da mesma forma, vemos um aumento significativo das escolas que têm tratado esse tema durante as aulas de educação física (DUPRAT e BORTOLETO, 2007, p.16).

De modo geral, foram localizados 172 documentos[6], sendo 76 livros, 3 capítulos de livro e 93 artigos. Contudo, dentre os documentos encontrados analisamos somente aqueles obtidos na íntegra (texto completo), isto é, 36 livros e 3 capítulos de livros, além de 53 artigos, o que totalizou 92 textos. A pesar de todos os nossos esforços, muitas das referências bibliográficas encontradas não nos permitiu análise, já que não dispúnhamos do material de maneira íntegra, o que revela um primeiro limite deste estudo.

Após a segunda leitura, os documentos foram classificados de acordo com as categorias de análises preestabelecidas, descritas anteriormente. Deste modo, encontramos a distribuição abaixo.

Quadro 1: Análise da produção por categorias.



[6] A lista dos documentos completa, pode ser consultada no Anexo 1.

Esta primeira aproximação permite observar que os trabalhos analisados se dedicam majoritariamente à proposição de modelos de ensino-aprendizagem de diferentes modalidades circenses, dentre as quais se destacam os malabares (bola e clave, principalmente), a acrobacia e a perna de pau. Possivelmente o motivo deste tipo de abordagem procedimental se explique pela incipiência do assunto e a urgente necessidade de divulgação dos saberes elementares para seu ensino nos diferentes espaços educativos, causada pela falta de material didático, como salientam Invernó (2003), Fouchet (2006) e Bortoleto *et al* (2008).

Essas publicações sistematizam os aspectos pedagógicos peculiares às atividades circenses, abordando algumas das modalidades circenses em forma de "manual didático" e colocando, assim, especial atenção nos fundamentos técnico-procedimentais empregados na fase de iniciação – ou melhor, na introdução destes saberes a alunos novatos. Estas obras, todas em forma de livros, defendem uma ordenação lógica, segundo o critério de complexidade das atividades, como um fator primordial para uma aprendizagem progressiva e segura, uma elaboração similar à realizada pelos estudiosos da ginástica, como podemos observar em Nunomura e Nista-Piccolo (2004).

Entendemos que essas publicações representam um excelente recurso instrumental para professores que decidam incluir as atividades circenses como conteúdo programático, seja nas aulas de educação física, seja em atividades extraescolares/curriculares ou recreativas, nas quais, com frequência, segundo ressalta Abrahão (2011), falta formação específica.

TABELA 1 – Publicações da categoria pedagogia das atividades circenses em geral[7]
KRABBE, P. Hopla Gogler. Odense: Fins Paedagog-Seminarium, 1988
FOUCHET, A. Las Artes del Circo: Una aventura pedagógica. Buenos Aires: Editorial Stadium, 2006.
BORTOLETO, M. A. C. *et al*. Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Editora Fontoura, 2008.
BORTOLETO, M. A. C. *et al*. Introdução à pedagogia das atividades circenses. Volume 2. Jundiaí: Editora Fontoura, 2010.
BORTOLETO, M. A. C., PINHEIRO, P. H. G. G e PRODÓCIMO, E. Jogando com o circo. Jundiaí: Editora Fontoura, 2011.

[7] Estas tabelas foram ordenadas atendendo ao ano de publicação das mesmas, começando do mais antigo ao mais novo.

Por outro lado, parece-nos que o foco dado aos malabares se deve à facilidade de ensino desta modalidade, já que não requer recursos materiais caros ou complexos, podendo ser praticada individual ou coletivamente, além de expor raramente os alunos a situações de risco, conforme destacam Duprat e Bortoleto (2007) e Comes *et al* (2000). De fato, os malabares[8], que preferimos chamar de conjunto de práticas de manipulação de objetos, são comumente ensinados a partir da construção artesanal dos objetos básicos/clássicos (bolas, claves, aros, caixas, etc.), como já relatado por Bortoleto *et al* (2008 e 2010). A facilidade do ensino dos malabares na escola pode ser observada nos trabalhos de Duprat e Gallardo (2010) e Takamori *et al* (2010), os quais relatam diferentes experiências no âmbito escolar.

TABELA 2 – Publicações da categoria pedagogia ou aprimoramento técnico em modalidades circenses específicas
FERRER, H. La jonglerie pas à pas. Paris: Revue EPS 1, nº 36, jan./fév., pp.21-22, 1988.
FIFE, B. Dr. Dropo's Juggling Buffoonery. Londres: Piccadilly Books, Ltd., 1988.
ERNEST, J. Contact Juggling. USA: Butterfingers Books, 1990.
BUSSE, H. Artistik: Hohe schule der Körperkunst. Leipzig: Editorial Meyer & Meyer Verlag, 1991.
FINNIGAN, D. The complete Juggler – All the steps from beginner to professional. USA: Editorial Butterfingers, 1992.
SCHAMBACHER, D. La jonglerie, plaisir simple et facile. Geneva: Jonglerie Diffusion SA, 1994.
SCHAMBACHER, D. El Diabolo. Barcelona : Jonglerie Diffusion SA, 1996.
SCHAMBACHER, D. Las Pelotas. Barcelona: Jonglerie Diffusion SA, 1997.
SCHAMBACHER, D. Mazas. Barcelona: Jonglerie Diffusion SA, 1998.
DANCEY, C. How to ride your Unicycle. A beginner´s guide to the most ridiculous form of transport ver invented. USA: Butterfingers Books, 1998.
BROZAS, M. P. Las Dimensiones Pedagógicas de la actividad acrobática en L´acrobatie et les acrobates (1903) de Strehly, G. Buenos Aires: Revista EFDeportes. Año 4, nº 14, Junho, 1999.
NAVAS, M. Fichero de Gimnasia Natural. Barcelona: INDE Publicaciones, 1999.
COMES, M. et al. Fichero de Juegos Malabares. Barcelona: INDE, 2000.
DINKLAGE, B.; BARDELL, B. Die Kunst des Einradfahrens. Alemanha: Edition Aragon, 2000.
HACKETT, P.; OWEN, P. Escuela de Malabarismo, Guía paso a paso de los juegos malabares. Madrid: Editorial TUTOR, 2000.
SÁEZ, P.; TOMÁS, O.; GIL, S. Quadern D´educació Física Malabars, Nivell 1. Valencia: ECIR Editorial, 2001.
JAFFE, E. Juggling. Minneapolis (USA): Compass Point Books, 2002.
DANCEY, C. The Enciclopaedia of Ball Juggling. USA: Butterfingers Books, 2003.
BERNAL, J. Juegos y ejercicios de malabares. Sevilla: Ed. Wanceulen, 2003.
BORTOLETO, M. A. C. A perna de pau circense: O mundo sob outra perspectiva. Rio Claro: Revista Motriz, Vol. 9, nº 3, dez., 2003.

[8] Frequentemente denominados em espanhol "juegos malabares", conforme Comes *et al* (2000).

BORTOLETO, M. A. C. Rola-bola: iniciação. Espírito Santo de Pinhal - SP – Brasil: Revista Movimento & Percepção. ISSN 1679–8678. Vol. 4, Nº 4-5 jan. dez., p. 100-109, 2004.
RAMIREZ, G. L'entraînement acrobatique au sein du cirque: de l'enfant à l'artiste. Paris : Edition L'Harmattan, 2005.
WILKENS, A.; MAGER, R. Unicycling: First Steps - First Tricks. Meyer & Meyer Verlag, 2006.
BLOCK, F. La corde lisse acrobatique. Bruxelles: L'Atelie du Trapèza, 2006.
BORTOLETO, M. A. C. ; CALÇA, D. H. Circo e Educação Física: Compendium das Modalidades Aéreas. Revista MOVIMENTO e PERCEPÇÃO Vol. 8, nº 11, 2007.
BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. O tecido circense: Fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. Campinas: Revista Conexões, V. 5, n° 2, pp. 78-97, 2007.
SCHAMBACHER, D. How to teach and enjoy juggling, Mister Babache Methodology. Geneva: Jonglerie Diffusion SA, 2007.
BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. El trapecio circense: estudio de las diferentes modalidades. Buenos Aires: Revista EFDeportes, año 12, n. 109, jul. 2007.
HAUW, D. (org.) L´acrobatie. Paris: Editora EPS, 2010.
SÁNCHEZ, G.; SÁNCHEZ, L. Metodología de enseñanza de malabares con pelotas. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15, nº 143, abr., 2010.
NAVAS, M. Fichero de acrobacias en el suelo. Barcelona: INDE, 2010.
BLUME, M. Akrobatik mit Kindern und Jugendlichen. Leipzig: Meyer & Meyer Verlag, 2010.
ROSADO, P. Introducción a las técnicas circenses desde uma perspectiva integradora de género. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 16, nº155, Abr. 2011.

Vimos também que grande parte dos textos apresenta as atividades circenses como conteúdo a ser tratado nas aulas de educação física, defendendo a sua inclusão na escola e justificando seu uso como um recurso útil, válido e necessário na busca de uma educação física inovadora, corroborando os estudos de Bortoleto e Machado (2003), Invernó (2003) e Brozas (1999). Na sua maioria, notamos que os manuscritos desta categoria iniciam-se por revisões superficiais sobre a história do circo, ressaltando as características primordiais desta linguagem artística e os argumentos que permitem relacioná-la com o campo do conhecimento da educação física.

Em geral, os recortes históricos apresentados são fragmentos pouco esclarecedores, com escassa reflexão crítica, que elencam as estruturas básicas do circo sem o aprofundamento necessário, reforçando a dicotomia entre os conceitos de circo "tradicional" e "novo circo", diferenças defendidas especialmente pelos estudiosos franceses (JACOB, 1992; WALLON, 2008; entre outros) e que são debatidas por outros, especialmente no Brasil, como por Silva (2009). Na opinião de Vendruscolo (2009), p.730:

> É importante expor, todavia, que este movimento do Novo Circo é encarado por alguns autores como um movimento na verdade de sobrevivência por qual o circo sempre passou. Mesmo porque supostamente o circo sempre esteve em outros espaços que não exclusivamente sob uma lona, e que somente agora esta condição se denomina com o Novo Circo. O que pode ser encarado como novo é a visão mercantilista desta arte, conforme Costa 2000.

Vemos também como duas concepções de educação física – "cultura corporal de movimento" e "tecnicista" – são as mais usuais, sendo a primeira mais frequente entre os autores brasileiros, e a segunda sendo utilizada tanto por brasileiros como por estrangeiros. Assim sendo, embora alguns trabalhos defendam as atividades circenses como um dos conteúdos da cultura corporal de movimento, e, portanto, como um saber pertinente à educação física (BORTOLETO, 2011), outros, no entanto, apoiam-se na ideia de que elas representam um excelente meio para o desenvolvimento das capacidades físicas e as habilidades motoras, conforme defendem Sacco e Braz (2010).

TABELA 3 – Publicações da categoria circo como conteúdo específico da educação física
BROZAS, M. La recuperación del trapecio en la Educación Física: de la historia a la didáctica. Buenos Aires: Revista EFDeportes, n.17, año 4, dic., 1999.
ÁLVAREZ, J. Los Juegos y Deportes Alternativos en Educación Física. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 5 - N° 22 – Jun., 2000.
PITARCH, R. Los juegos malabares: justificación educativa y aplicación didáctica en la ESO. Barcelona: Revista Apunts, n. 61, p. 56-61, 2000.
CARRAL, M. El Circo de las Estrellas. Algunas ideas que fundamentan la realización de un circo en la escuela. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 7 - N° 39 – Ago., 2001.
LEPER, R. e VAN MAELE, I. Circus op school: acrobatie, evenwicht en jongleren. Holanda: ACCO, 2001.
VIEDMA, J. Juegos y ejercicios de Acrobacia: la acrobacia como valor educativo. Sevilla: Editorial Wanceulen, 2002.
INVERNÓ, J. Circo y Educación Física. Otra forma de aprender. Barcelona: Inde Publicaciones, 2003.
DOLS, J. Reciclaje y materiales para la educación física en la escuela rural. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 10 - N° 87 – Ago., 2005.
BORTOLETO, M. A. Circo y Educación Física: Los juegos circenses como recurso pedagógico. Buenos Aires: Revista Stadium, n.195, mar., 2006.
GASPARI, J; SCHWARTZ, G. Vivencias em arte circense: motivos de aderência e expectativas. Rio Claro: Revista Motriz, v.13 nº3, p.158-164, jul./set. 2007.
DUPRAT, R.; BORTOLETO M. A. Educação Física Escolar: Pedagogia e didática das atividades circenses. Campinas: Revista Brasileira de Ciências do esporte. Autores Associados, v.28, n.2, p.171-190, jan. 2007.
GOMEZ, P. El circo en la escuela como proyecto. Una propuesta significativa para el desarrollo de los contenidos de la Educación Física escolar. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 12 - N° 115 – Dic., 2007.
KELBER-BRETZ, W. Bretz Kinder machen Zirkus. Dinamarca: Meyer & Meyer Verlag, 2007.

COSTA, A.; TIAEN, M.; SAMBUGARI, M. Arte circense na escola: possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar. Ponta Grossa: Revista olhar de professor, año/vol 11, num. 001, pag. 197-217, 2008.
MARTINEZ, A. El Acrosport y su aplicación práctica como contenido educativo. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 13 - N° 125 - Octubre de 2008.
RIVERA, D. Construye y practica: los malabares en Educación Física. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 13 - N° 125, oct., 2008.
SILVA, C. Vivência de atividades circenses junto a estudantes de educação física: reflexões sobre educação física no ensino médio e tempo livre. Belo Horizonte: Licere, v.12, n.2, jun., 2009.
PEREJIL, R. Cómo utilizar materiales de desecho en las clases de Educación Física. Buenos Aires: EFDeportes, Año 14 - Nº 133 – Jun., 2009.
DUPRAT, R.; GALLARDO, J. Artes Circenses no âmbito escolar. Unijuí (RS- Brasil): Ed. UNIJUÍ, 2010.
BORTOLETO, M. A. A ginástica e as atividades circenses. In FREITAS, A., GAIO, R. e FREITAS, J. A GINÁSTICA EM QUESTÃO: Corpo e Movimento. São Paulo: Editora Phorte, 2010.
VENTURINI, G. *et al*. Atividades circenses na Educação Física Escolar. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15 - Nº 146 - Julio de 2010.
ZADOROSNEI, V. O circo: uma reflexão sob o olhar do desenvolvimento motor sobre a aplicação no ambiente escolar. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15, nº150, nov, 2010
BORTOLETO, M. A. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. Cadernos de Formação RBCE, p. 43, 2011.

Por outro lado, encontramos um número considerável de publicações que propõem diferentes formas de organizar as atividades circenses em unidades didáticas (ou temas). Nelas, os autores estruturam os fundamentos pedagógicos, com especial ênfase na progressão de dificuldade dos exercícios e jogos propostos, especificando ademais os objetivos que se pretendem alcançar. Estas obras oferecem ainda indicações para o ensino deste tipo de prática a partir de suas experiências práticas no espaço escolar (AGUADO e FERNÁNDEZ, 1992).

Essas publicações são, em geral, realizadas por autores espanhóis e argentinos, revelando sua particular busca por distribuir os conteúdos circenses em "Unidades Didáticas", o que, segundo eles, facilita o desenvolvimento deste conteúdo pelos professores nas diferentes séries escolares. Vale recordar que a divisão dos conteúdos em Unidades Didáticas é uma condição que caracteriza o modelo educativo e organizativo da educação física nestes países, conforme menciona Invernó (2003).

TABELA 4 – Publicações da categoria planejamento do conteúdo atividades circenses em unidades didáticas
AGUADO, X.; FERNÁNDEZ, A. Unidades didácticas para primaria II: Los nuevos juegos de siempre: El mundo de los zancos, Juegos malabares Y Juegos de calle. Zaragoza: Inde Publicaciones, 1992.
RANSOM, D. Circus Thematic Unit. USA: Teacher Created Resources, 2002.
BRAVO, M. *et al*. Reutilizamos y jugamos con las cajas chinas: Unidad Didáctica. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 10 - N° 93 – Feb., 2006.
BRAVO, M. *et al*. Aplicación de una progresión didáctica con malabares para la educación secundaria obligatoria. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 12 - N° 115 – Dic. 2007.
PAJUELO, V. Cariocas: aprendo malabares. Unidad didáctica para Educación Física en secundaria. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 12 - N° 109 – Jun., 2007.
BAIGORRI, C.; ROYO, I. Unidad didáctica: ¡Malabares! Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 13 - Nº 127, Dic., 2008.
HIRT, M.; RAMOS, I. Maximum Middle School Physical Education, USA: Human Kinetics, 2008.
LATORRE, J. Unidad Didáctica: Aprendo Malabares. Buenos Aires: Revista EFDeportes, año 14, nº135, ago. 2009.
ORTEGA, C. Unidad Didactica: "A las alturas con los zancos". Buenos Aires: Revista EFDeportes, año 14, nº138, Nov., 2009.
CUENCA, M. Unidad didáctica: 'El circo, un sinfín de espectáculos'. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 14 - Nº 139 – Dic., 2009.
ESPAÑA, J.; MÁRMOL, S. Unidad didáctica: ¡Pasen y vean! Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15 - Nº 146 – Jul., 2010.
PEÑALVER, J.; FERNÁNDEZ, P. Experiencia de una unidad didáctica de malabares con bolas. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15, Nº 149, Oct., 2010.
CASTRO, M.; ROMERO, A. 'Callejeros': unidad didáctica para LOGSE. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 16, Nº 155, Abr., 2011.
RODRÍGUEZ, C. Unidad didáctica para secundaria: Malabares. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 16, Nº 155, Abr., 2011.

Um número considerável de publicações – 11 no total – foi classificado como "relatos de experiência". Estas produções refletem, em nossa opinião, a incipiência do tema entre os professores de educação física. Nelas os autores destacam a reação positiva dos alunos durante os primeiros contatos com as atividades circenses, bem como os problemas e as soluções metodológicas desenvolvidas conforme suas realidades e sensibilidades pedagógicas. Estes relatos consistem ainda numa prova factual de que as atividades circenses estão sendo desenvolvidas nas escolas, embora não venham a exaurir argumentos sólidos que respaldem as decisões pedagógicas tomadas pelos professores, além de escassa alusão e debate com a literatura disponível.

Não sabemos ao certo o motivo desse distanciamento entre a produção acadêmica disponível e os relatos analisados, nem sequer temos provas concretas disso, porém,

independentemente do motivo, pensamos que esta condição fragiliza o conteúdo informado nesses trabalhos. Por outro lado, observamos certo "romantismo pedagógico" nesses relatos, especialmente quando lançam mão de argumentos poéticos – como "a maravilhosa arte do circo"; "o encanto e a magia do circo"; etc. –, pouco condizentes com a realidade pedagógica e com os conceitos técnicos e estéticos que são vivenciados nas aulas de atividades circenses.

TABELA 5 – Publicações da categoria relatos de experiência
BROZAS, M. P.; DÍEZ y VICENTE, M. Creatividad motriz mediante exploración cooperativa: relato de una experiencia (1ª parte). La Coruña: Revista de Educación Física, nº56, 1995.
RODRÍGUEZ, J. M. Organización autónoma y cooperativa del aprendizaje de malabares. La Coruña: Revista Educación Física, nº95, p. 21-25, 2004.
STATE OF QUEENSLAND. Early years curriculum materials: The Circus. Queensland (Australia): Queensland Studies Authorityl, 2006.
BARONI, J. F. Arte circense: a magia e o encantamento dentro e fora das lonas. Pensar a prática, v.9, n.1, 81-99, jan/jun 2006.
CHIQUETTO, E.; FERREIRA, L. A. O ensino de atividades circenses para alunos de 5ª serie nas aulas de educação física. Motrivivencia. Ano XX, nº31, p.50-65, dez 2008.
DA SILVA, C. L.. Vivência de atividades circenses junto a estudantes de Educação Física: reflexões sobre Educação Física no ensino médio e tempo livre. Belo Horizonte: Revista Licere, v.12, n.2, jun 2009.
VENDRUSCOLO, C. O circo na escola. Rio Claro: Motriz, v.15, nº3, p.729-737, jul/set 2009.
TAKAMORI, F. *et al*. Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: Um relato de experiência. UFG: Revista Pensar a Prática, vol. 13, n. 1, abr., 2010.
DIAS, A. Circo nas aulas de Educação Física: Relato de experiência para ensino médio. Buenos Aires: Revista EFDeportes. Año 15, Nº 154, Mar., 2011.
GOULART, M. Ginástica, circo e dança: um relato da educação física na educação infantil. Cadernos de Formação RBCE, p. 30-42, jul. 2011.
BORTOLETO, M. A. *et al*. Capítulo 4: As artes circenses nas aulas de Educação Física. In MOREIRA, E. e PEREIRA, R. Educação Física Escolar – desafios e propostas 2 (reedição). Jundiaí: Editora Fontoura, 2011.

Por último, 9 documentos foram categorizados como "outros temas relacionados", pois traziam algumas discussões sobre as atividades circenses, especialmente sobre os aspectos históricos e estéticos do circo, aspectos transversais (valores e atitudes), além de debates sobre a aplicação das atividades circenses em projetos sociais (terceiro setor). Estas obras revelam importantes indicadores da transversalidade que as atividades circenses permitem como conteúdo escolar (GASPARI e SCHWARTZ, 2007), característica desejada por grande parte das propostas educativas atuais, inclusive na que vem sendo utilizada na rede estadual de ensino do estado de São Paulo (cf. Cadernos do Professor – Secretaria de Educação – Governo de São Paulo, 2008-2010), maior rede pública brasileira.

TABELA 6 – Publicações da categoria outros temas
BEEK, P. J.; LEWBEL, A. La ciencia del malabarismo. Barcelona: Investigación y Ciencia, nº 232, enero, pp. 72-79, 1996.
MINISTÈRE DE L´EDUCATION NATIONALE, DE LA RECHERCHE ET DE LA TECHNOLOGIE- Francia (CNAC). París: Théâtre Aujourd´hui nº7 – Le Cirque Contemporain, La Piste et la Scène. Centre National de Documentation Pédagogique. 1998.
MATEU, M. El lenguaje perceptivo y la expresión corporal: El circo. Guías prácticas para la Formación del Profesorado. Barcelona: Praxis, 1999.
SOARES, C. L. Acrobacias e Acrobatas: anotações para um estudo do corpo. In: BRUHNS, H. T. e GUTIERREZ, G. L. (Org.) Representações do Lúdico: II Ciclo de debates "lazer e motricidade". Campinas: Autores Associados, 2001.
HENRIQUES, C. Picadeiro, palco, escola: A evolução do circo na Europa e no Brasil. Buenos Aires: Revista EFDeportes, año 11, nº101, oct. 2006.
GASPARI, J.; SCHWARTZ, G. Vivências em arte circense: motivos de aderência e expectativas. Rio Claro: Revista Motriz, v.13 n.3 p.158-164, jul./set. 2007.
RODRIGUES, R.; FREITAS, W.; SANTOS, F. Ginástica artística e acrobacias circenses: Diferenças, interseções e possibilidades pedagógicas. Ipatinga: Unileste-MG, Revista Movimentum, - V.3 - N.2 – Ago/Dez. 2008.
SACCO, R.; BRAZ, T. Atividades circenses: caracterização das modalidades, capacidades biomotoras, metabolismo energético e implicações práticas. Campinas: Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. V. 8, n. 1, p. 130-164, jan./abr. 2010.
ROSADO, P. Introducción a las técnicas circenses desde uma perspectiva integradora de género. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 16, nº155, Abril 2011.

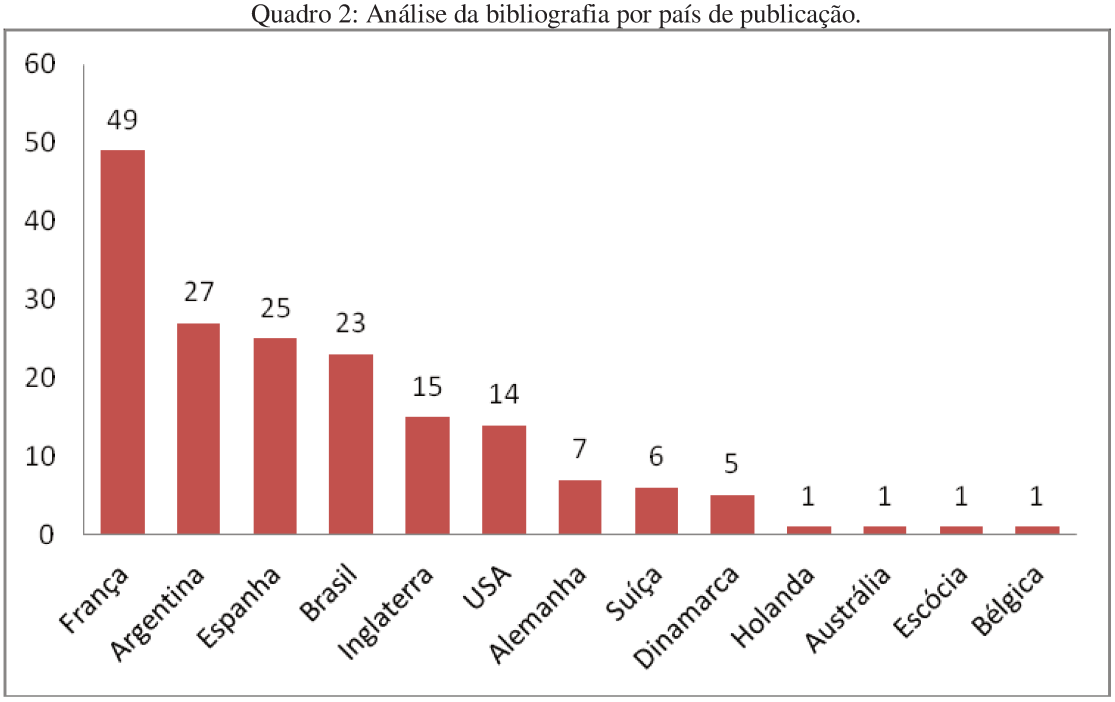
Procurando compreender mais alguns elementos da produção acima analisada, realizamos uma leitura complementar considerando o país de origem das publicações. Neste caso, observamos que 49 textos foram publicados por editoras/revistas francesas, quantidade que revela um cenário mais fortalecido, bem como maior tradição e respeito que nos outros países. Ao mesmo tempo, devemos ressaltar que os espaços educativos franceses possuem maiores e melhores recursos materiais, além de uma maior difusão e reconhecimento das artes do circo como um conhecimento relevante entre a população (FOUCHET, 2006; COASNE, 1992; FODELLA, 2000).

A maior parte das publicações francesas dedica-se ao ensino de uma única modalidade circense, isto é, são monotemáticas, com destaque para os malabares, a acrobacia e as técnicas de equilíbrio, como o rola-bola. As relações entre o circo e a educação física também são tratadas, embora com menor ênfase do que os conhecimentos procedimentais, talvez porque as atividades circenses já tenham alcançado um *status* similar aos das outras práticas corporais, e, assim, não necessitem de discursos que justifiquem ou defendam sua presença na educação física escolar.

Logo após seguem as publicações realizadas na Argentina, na Espanha e no Brasil, respectivamente, em geral relatando experiências pedagógicas no âmbito escolar. Por outro lado, países como a Inglaterra, os Estados Unidos, a Alemanha, a Suíça e a Dinamarca apresentam uma produção focada nos aspectos técnico-procedimentais do processo de ensino-aprendizagem, seguindo a tendência francesa. Deste modo, parece razoável dizer que a produção acadêmica sobre as atividades circenses aparece de modo disseminado em diferentes países, situação que, para além de reforçar nosso pressuposto inicial de que os estudos acadêmicos sobre este tema estão em franco crescimento, mostra que este aumento de produção se alastra por diferentes países.

Entendemos que, devido às dificuldades inerentes à busca em diferentes idiomas, não foi possível localizar outras publicações tanto nos países citados acima quanto em outros. Este é outro limite deste estudo, embora devamos reforçar que revisamos as referências bibliográficas das obras encontradas com a intenção de encontrar outros materiais ainda desconhecidos.

Quadro 2: Análise da bibliografia por país de publicação.

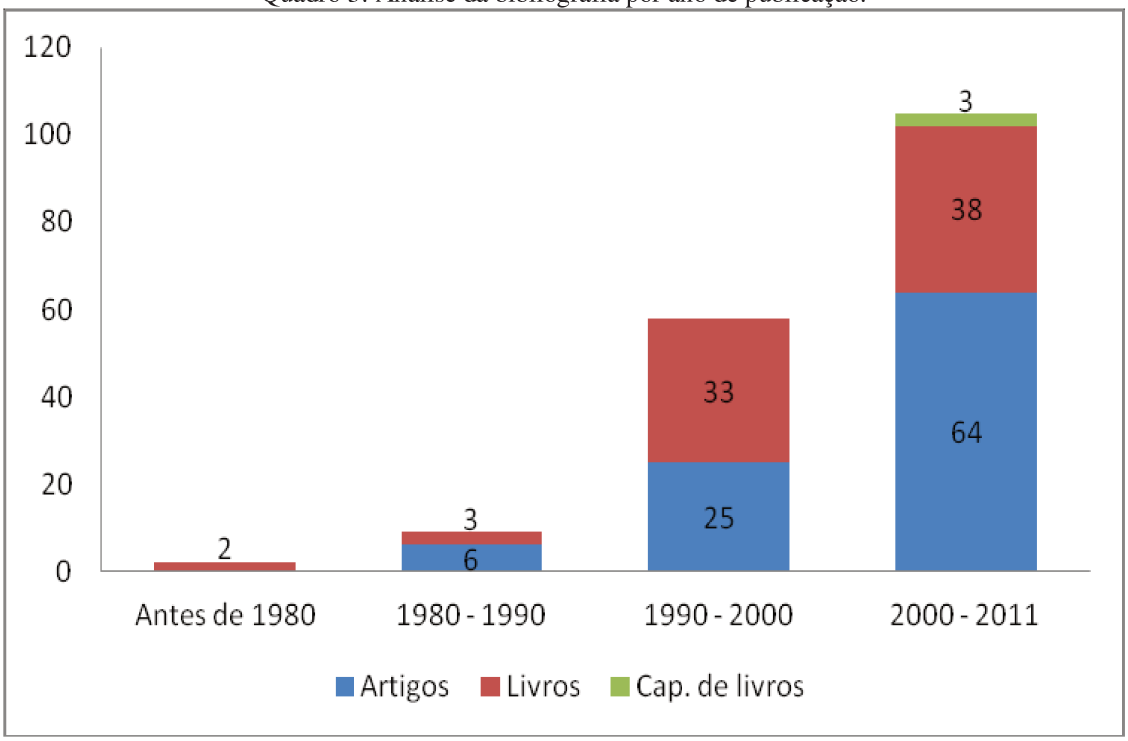


Quanto ao ano de publicação, notamos que antes da década de 1990 haviam apenas algumas publicações dedicadas ao aprimoramento técnico de alguma modalidade circense

de forma isolada (malabares, acrobacia...) quase todas oriundas dos países europeus, como as realizadas por Schambacher (1994, 1997, entre outros)[9]. Foi a partir de 1990 que as publicações referentes às atividades circenses surgiram em maior número, seja em forma de livro, seja em forma de artigos, dando início ao debate sobre sua presença no âmbito escolar.

No entanto, foi a partir do ano de 2000 que a produção aumentou significativamente, possivelmente devido a maior divulgação e reconhecimento social do circo pelos governos e pela mídia ao longo da década de 1990. Desde este período podemos dizer que as atividades circenses "estão na moda[10]", sendo consideradas representantes da renovação de conteúdo da educação física. Deste modo, as possibilidades educativas que as atividades circenses oferecem ainda são um elemento recente para os profissionais da área, explorado de modo tímido e pontual, com pouco suporte dos centros de ensino superior, no que diz respeito à formação inicial, conforme destaca Bortoleto (2011).

Quadro 3: Análise da bibliografia por ano de publicação.



[9] Daniel Schambacher mais conhecido como Mr. Babache, pedagogo e professor de educação física, suíço tido como um dos principais responsáveis pela difusão das atividades circenses no âmbito educacional. Sua empresa é uma das mais importantes na Europa no desenvolvimento e venda de materiais para a prática do circo – especialmente no que diz respeito aos malabares.

[10] As atividades circenses nunca foram tão praticadas quanto agora: escolas oferecem aulas extraescolares de atividades circenses; as academias fazem cursos de técnicas aéreas e acrobacia circense para atrair novos clientes; projetos sociais realizam projetos com circo, etc. Enfim, o circo está presente na sociedade agora mais do que nunca.

1.2.3 Atividades circenses nas aulas de educação física: um equilíbrio possível

> Este trato pedagógico dado aos saberes próprios das Artes do Circo, que apenas iniciávamos, nos brindou a oportunidade de ampliar o leque de práticas oferecidas nas aulas de Educação Física, nos espaços onde o corpo e seus movimentos são protagonistas, renovando esta disciplina e revitalizando o campo da expressão corporal, e, por conseguinte, da educação estética, artística, comunicativa e corporal dos nossos alunos (BORTOLETO *et al*, 2011, p.94).

Os dados mostrados anteriormente indicam de modo enfático como muitos autores vêm defendendo o desenvolvimento das atividades circenses no contexto escolar, o que em nosso entendimento representa um crescente interesse por este conteúdo não só no terreno teórico, mas também no prático. No entanto, como foi ressaltado, há certa fragilidade teórica e escassos avanços nas questões pedagógicas, o que sugere a necessidade de conhecer ainda melhor "como" e "por que" ensinar atividades circenses na escola. Deste modo, como defende Bortoleto (2011), estamos à procura de uma pedagogia de ensino dessas atividades que inclua procedimentos didáticos susceptíveis de favorecer a aprendizagem de alunos.

Por este motivo, após uma análise mais genérica, focamos nossa atenção naqueles trabalhos que tratavam das atividades circenses apontando a discutir seu desenvolvimento no contexto escolar.

Assim, observamos em primeiro lugar que as publicações anteriores à década de 1990 e, com maior frequência, as publicações oriundas de países europeus – como a Espanha, por exemplo – oferecem uma abordagem pedagógica que se aproxima mais a uma corrente tecnicista, ou seja, com um enfoque pedagógico centrado nas técnicas (no fazer) e na elaboração de atividades de modo sequencial e sistemático (manuais) (como, por exemplo, os estudos de Gaquiere, 1992 e 1993), não oferecendo discussões acerca do contexto histórico e sociocultural das práticas circenses nem da escola.

A maior parte desses estudos centra-se ademais nos fatores relacionados ao crescimento e desenvolvimento físico-motor das crianças/alunos e também sobre o processo de aprendizagem motora, como, por exemplo, os trabalhos de Sacco e Braz (2010) e Zadorosnei (2010). Por conseguinte, estes autores definem seus objetivos pedagógicos na aquisição de habilidades motoras repetindo o que aconteceu com outros conteúdos ao serem incorporados à educação física, como os esportes e a dança (DAOLIO, 2007).

Percebemos ainda que muitos autores defendem as atividades circenses como um conteúdo pertinente e adequado ao currículo da educação física – especialmente no âmbito escolar – fundamentados unicamente num discurso tecnicista, isto é, afirmando quanto este tipo de atividades pode contribuir para a melhora do "equilíbrio das capacidades coordenativas, etc.", embora cada vez mais encontremos autores que analisam aspectos de ordem histórica e cultural, como Bortoleto *et al* (2008 e 2010) e Duprat e Gallardo (2010), entre outros.

Assim, entre os trabalhos de origem europeia encontramos alguns como o de Fouchet (2006), Arribas (2001) e Fodella (2000), que oferecem diferentes propostas pedagógicas para o trato das atividades circenses e de distintas problemáticas que poderão ser experimentadas pelos professores. Estes trabalhos representam um convite à reflexão sobre as distintas questões próprias do ensino das atividades circenses e um chamado à possibilidade de que todos os profissionais da educação física, independentemente de duas capacidades, qualificações e objetivos pedagógicos, possam intervir neste campo. Estas produções destacam ainda as atividades circenses como uma oportunidade para que os alunos tenham a chance de conhecer alguns elementos de expressão corporal e assim ampliar suas competências criativas, como propõem Mateu e Bortoleto (2011), além de debater conceitos importantes relativos à ética, cooperação e autonomia, aspectos fundamentais na perspectiva pedagógica que defendemos.

> La práctica de las artes del circo motiva a un amplio público y, como lo hemos demostrado anteriormente, "son un medio de acceder a todos los alumnos a una actividad física y artística". Las artes del circo permiten igualmente experiencias originales, fuentes de emoción, de placer y de interés para los alumnos. (FOUCHET, 2006, p.33).

Outra proposta pedagógica que merece destaque é a de Invernó (2003), tratada em seu livro "Circo y educación física: otra manera de aprender". Nela o autor levanta uma série de questionamentos sobre as vantagens de incluir atividades circenses em escolas, discutindo e propondo uma metodologia que ele mesmo desenvolveu numa escola pública para o ensino deste conteúdo. A obra apresenta os procedimentos pedagógicos básicos para o ensino de diversas técnicas circenses em blocos temáticos, o que, em nossa opinião, facilita consideravelmente a implementação dessas atividades por parte dos professores de educação física que, em sua maioria, não tiveram formação específica.

O autor divide o conteúdo em distintas unidades didáticas e apresenta as respectivas justificativas para cada uma delas, bem como os conhecimentos transversais que podem ser tratados. Em suma, há um cuidadoso esforço de sistematização que vem influenciando a inclusão das atividades circenses nos currículos oficiais espanhóis.

Já no Brasil, a maior parte das abordagens pedagógicas dada às atividades circenses não segue uma modelo tão tecnicista, muitas, inclusive, se posicionam a partir dos fundamentos da perspectiva da "cultura corporal de movimento" (como, por exemplo, Baroni, 2006; Bortoleto, 2003 e 2004; Vendruscolo, 2009), posição defendida por muitos pesquisadores da educação física brasileira e que considera como objeto de estudo principal a cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Estes textos mostram-se reticentes ante o conceito de aptidão física como objetivo final da educação física, mais comum entre os autores europeus, como vimos acima.

Destacam-se nesta abordagem os trabalhos realizados pelo Grupo de Estudos e Pesquisa das Artes Circenses da FEF – UNICAMP, cujas pesquisas no âmbito pedagógico sobre as atividades circenses foram iniciadas em 2006. Parte significativa dos estudos produzidos por este coletivo foi sintetizada em dois livros (Bortoleto *et al*, 2008 - vol. 1; 2010 - vol. 2) intitulados "Introdução à pedagogia das atividades circenses", bem como em vários artigos. Nestes trabalhos, o debate aparece centrado nas questões pedagógicas sobre diferentes modalidades circenses, mas também questões históricas, estéticas, técnicas e de segurança, oferecendo assim um importante referencial para esta incipiente área. O impacto dos referidos trabalhos pode-se observar em frequentes citações nas produções de outros autores nacionais, de acordo com Abrahão (2011)[11].

Nessas obras, a escola é considerada uma instituição que não pode ser concebida de modo descolado da sociedade a que pertence. Assim, nenhuma iniciativa pedagógica pode ignorar a realidade sócio-histórica. Logo, considerando o circo como parte do patrimônio cultural, mais precisamente da cultura corporal, estes trabalhos, para além de apresentarem propostas de intervenção pedagógica, defendem a inclusão das atividades circenses na educação física escolar (BORTOLETO e MACHADO, 2003). Particularmente, somos partidários deste discurso, por meio do qual se pretende que todos os estudantes tenham acesso às

[11] Outro modo de observar o impacto destes trabalhos é por meio de uma resenha publicada de uma importante revista da área (MONTEIRO *et al*. Resenha do livro Introdução à pedagogia das atividades circenses. Florianópolis: RBCE, v. 33, n. 3, p.799-805, jul./set. 2011).

atividades circenses, como já foi mencionado em obras como as do Coletivo de Autores (1992) e de Freire (2002). Agora, como bem identificamos acima, dispomos de um conjunto de estudos e publicações que facilitam o desenvolvimento pedagógico deste conteúdo.

Valendo-se ainda do discurso anterior, encontramos na literatura brasileira o recente trabalho de autoria de Duprat e Gallardo (2010), que descreve um interessante estudo sobre as atividades circenses no âmbito escolar. Nele, uma série de justificativas e argumentos em defesa da inclusão destas atividades no currículo é lançada, salientando o circo como produção cultural e artística, isto é, um fenômeno sociocultural que deve ser vivenciado e debatido no espaço educativo. Este trabalho, fruto de uma experiência pedagógica numa escola pública, apresenta ainda um conjunto de procedimentos metodológicos próprios para as aulas de educação física.

Durante a análise da literatura não encontramos apenas esta experiência pedagógica, mas uma série delas, e, portanto, percebemos que de um ou outro lado do oceano, no Brasil ou na Europa, os relatos de experiência dos professores de educação física aumentam exponencialmente e, quase de modo unânime, revelam resultados positivos e grande adesão e satisfação por parte dos alunos (INVERNÓ, 2004). Contudo, pensamos que este crescimento da produção deve ir acompanhado de maior profundidade e rigor, que permitam novas elaborações pedagógicas segundo os distintos contextos educativos.

Ao defender a inclusão das atividades circenses nas aulas de educação física, os autores sugerem sua inserção no currículo oficial, o que já foi alcançado na França (FODELLA, 2000; FOUCHET, 2006) e na Espanha (MATEU, 2010). Neste sentido, Invernó (2003, p. 23) sustenta a inclusão da seguinte maneira:

> En este libro se apuesta claramente por la inclusión de las actividades circenses en el contexto escolar, no porque represente un recurso educativo novedoso, en mayor o menor grado, sino para ser concebida como una actividad que reúne toda una serie de características pedagógicas que le dan coherencia y justifican su presencia en el currículum educativo. Además el circo, planteado de una forma global, no ciñéndose tan solo al aprendizaje de unas simples técnicas, incide directamente en la tan anhelada educación integral de los alumnos puesto que las diferentes situaciones motrices que se plantean suponen un desarrollo personal para el alumno en todos los ámbitos (afectivo, social, motor y cognitivo).

Dentre os trabalhos analisados, alguns ressaltam aspectos pedagógicos nas três dimensões: procedimental, conceitual e atitudinal. Segundo eles, o domínio procedimental

objetiva ações que permitam a aquisição de habilidades motrizes e de conhecimentos, e que se relacionem com procedimentos adquiridos anteriormente pelos alunos, constituindo o saber prático do componente curricular; o domínio conceitual refere-se aos conteúdos que formam noções e conceitos, que fazem alusão a objetos, fatos e se relacionam com conceitos anteriores ao aluno, formando a estrutura lógica do componente; e o domínio atitudinal, faz referência aos valores (éticos, morais, de atitude) que envolvem a prática no contexto sociocultural, propondo, por exemplo, o desenvolvimento da autoestima, do conhecimento e valorização do próprio corpo, valorização dos companheiros, respeito, etc., valores que permitem a conquista da autonomia por parte do aluno (GOMEZ, 2004).

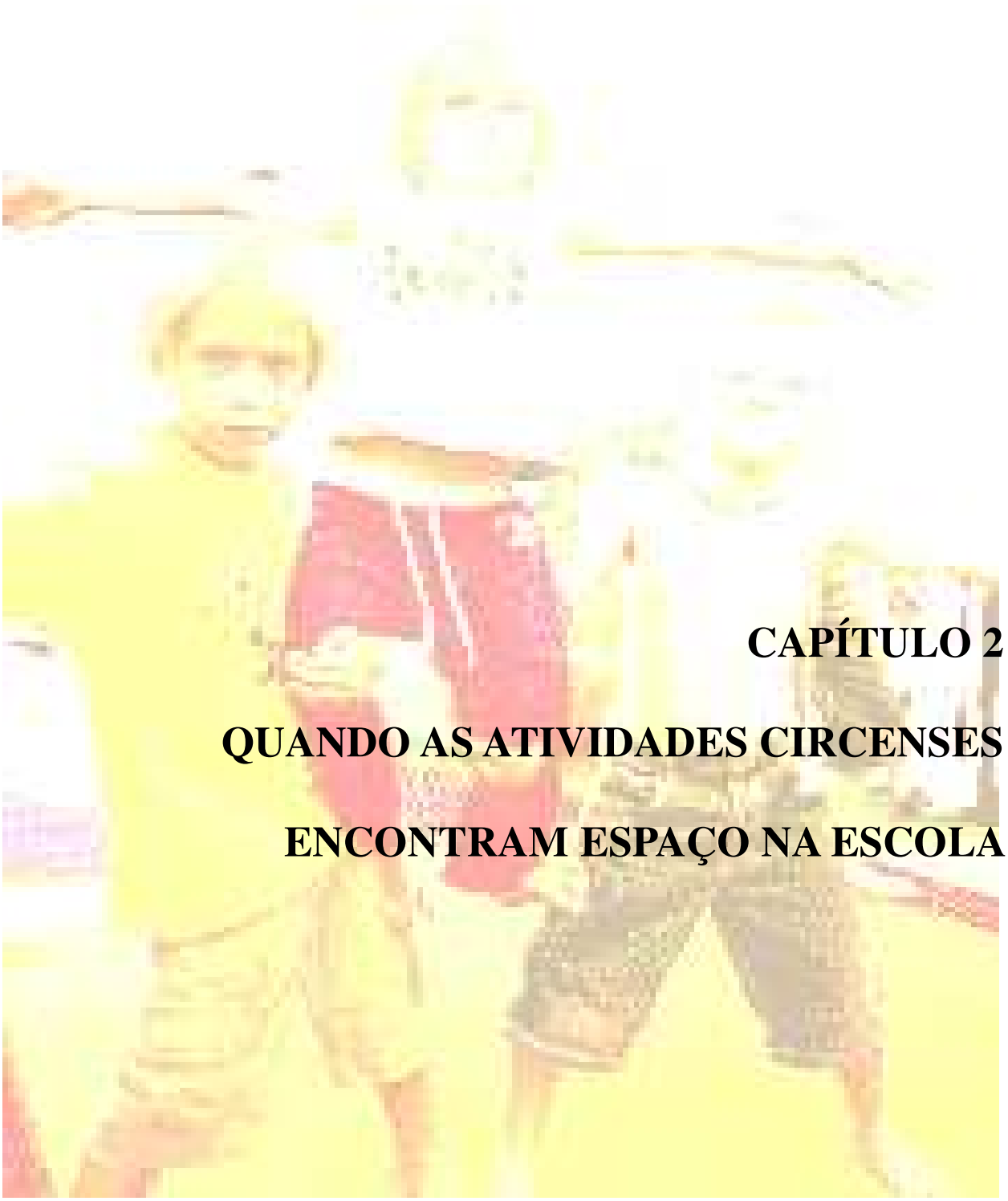
A maioria dos autores destaca também a importância das atividades circenses enquanto possibilidade de desenvolvimento da expressão corporal, reconhecendo sua lógica artística e, assim, destacando aspectos como a criatividade e a comunicação corporal (não verbal).

Desta forma, a literatura nos apresenta sólidos argumentos sobre o potencial educativo das atividades circenses (INVERNÓ, 2003; DUPRAT, 2007; FOUCHET, 2006; DE BLAS e MATEU, 2000). Em outras palavras:

> Se pretende que el alumno aprenda las diferentes técnicas de circo, pero que además este aprendizaje suponga una mejora en diferentes aspectos personales, como la sensibilidad por la expresión corporal, el trabajo de la cooperación, el desarrollo de la creatividad, la mejora de la auto-superación y la constancia en las diferentes tarea, el conocimiento del propio cuerpo, la mejora de la autoestima… Se pretende, en definitiva, que el mundo del circo favorezca el CRECIMIENTO del alumno como persona (INVERNÓ, 2004, p.24).

> De acordo com nossa maneira de pensar, estes conteúdos devem ir além de seus aspectos funcionais, transcendendo e vinculando o aluno com seu meio social, ampliando os questionamentos para "onde", "quando", "para que" e "por que", perguntas que transcendem ao simples ato de "fazer", colocando o aluno num contexto histórico, político e crítico, transformando, desta maneira, o conteúdo em um instrumento de luta e de reivindicação social, características de um cidadão democrático responsável, objetivo principal da escola (DUPRAT e GALLARDO, 2010, p.58).

Em suma, defendem os autores, que os professores de educação física devem "entender e identificar a complexidade de códigos que envolvem o circo" (DUPRAT e GALLARDO, 2010, p.59), visando à proposição das atividades circenses de modo contextualizado, condizente com o âmbito das artes e das atividades expressivas e reveladoras de uma nova possibilidade de intervenção pedagógica no campo da educação física.



CAPÍTULO 2

QUANDO AS ATIVIDADES CIRCENSES ENCONTRAM ESPAÇO NA ESCOLA

> Seja pelo encanto estético, pelo potencial poético ou simbólico ou, ainda, pela amplitude e diversidade da motricidade circense, testemunhamos sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar, em projetos extracurriculares e outros espaços que até pouco tempo desconheciam tais práticas. A inclusão das atividades circenses nas escolas representa, em nossa opinião, o reconhecimento do circo como parte do patrimônio cultural e, portanto, conteúdo pertinente à escola (BORTOLETO, 2011, p.13).

Conforme mencionamos anteriormente, este trabalho incluiu uma pesquisa de campo realizada em duas escolas, por meio da qual descrevemos duas experiências pedagógicas com atividades circenses. A seleção das escolas pautou-se na necessidade do oferecimento das atividades circenses como conteúdo regular nas aulas de educação física há pelo menos três anos, as quais tivessem um projeto pedagógico bem conceituado e fundamentado.

Na primeira instituição pesquisada, a escola Curumim, na cidade de Campinas-SP, optamos pelas aulas de um professor que vem desenvolvendo as atividades circenses há 5 anos de modo integrado no projeto pedagógico da escola. Por outro lado, estudamos o Instituto de Ensino Secundário (I.E.S.) Narcís Monturiol, na cidade de Figueres (Catalunha – Espanha), onde as atividades circenses fazem parte do projeto pedagógico da instituição há 15 anos. Estas experiências, já consolidadas nas respectivas instituições, podem, conforme os pressupostos apresentados no início desta pesquisa, revelar importantes indicadores sobre o encontro entre as atividades circenses e as aulas de educação física, ampliando aquilo que encontramos na literatura.

Assim sendo, tratamos a seguir de apresentar os aspectos metodológicos que pautaram nossa incursão de campo.

2.1 Organização da pesquisa de campo

Esta pesquisa de campo, cuja natureza considera-se exploratório-descritiva, consistiu na observação de um conjunto de aulas de educação física, nas quais o conteúdo pedagógico eram as atividades circenses. A quantidade de aulas acompanhadas – bem como o período desta observação – foi definida em função do planejamento anual dos professores responsáveis (com um ano de antecedência) e do critério de exaustividade, isto é, do momento como percebíamos que as informações começavam a se repetir (ARNAU e ANGUERA, 1990).

O processo constituiu-se da observação direta (*in situ*) da experiência pedagógica em duas escolas diferentes, sendo uma no Brasil e outra na Espanha, oportunidade na qual buscamos conhecer com maior riqueza de detalhes como vem sendo construída a abordagem pedagógica das atividades circenses nessas instituições, cuja experiência vem mostrando resultados expressivos e consoantes com as propostas pedagógicas das respectivas instituições. A opção por instituições destes dois países também foi motivada pelo acesso dos pesquisadores a estes contextos, particularmente aos professores responsáveis.

Cabe ressaltar que a observação realizada nestas instituições não teve um caráter comparativo, mas sim exploratório e descritivo, procurando conhecer as relações que vêm sendo estabelecidas entre as atividades circenses e a educação física, e destacando os principais elementos contextuais e também pedagógicos delas.

A escolha de ambos os países ocorreu ainda devido a que ambos vêm desenvolvendo projetos de caráter educativo com atividades circenses há algum tempo, e mais atualmente estas atividades estão tentando abrir caminho na educação formal (escolas) destes países, como revela Mateu (2010), no caso da Espanha, e Bortoleto (2011), no caso do Brasil, além da facilidade que a pesquisadora possui tanto em termos de idioma e da literatura quanto de contatos com as instituições. Certamente outros países também o fazem, contudo, considerando a natureza da pesquisa, este tipo de recorte foi necessário.

Os critérios de seleção das escolas foram os seguintes:

- As escolas selecionadas deveriam estar oferecendo há pelo menos três anos as atividades circenses como conteúdo da educação física;
- As atividades circenses deveriam aparecer como conteúdo regular do componente curricular de educação física, dialogarem com o projeto pedagógico da instituição e, portanto, não serem uma possibilidade desenvolvida de modo aleatório, irregular e unicamente um projeto pessoal do professor (embora ambas tenham começado desde modo, como veremos mais adiante).

Como já relatamos, as escolas selecionadas para a realização da pesquisa foram:

- Escola Curumim (Campinas - São Paulo, Brasil).
- I.E.S. Narcís Monturiol (Figueres - Catalunha, Espanha).

Esta **observação do processo educativo**, conforme relatam Lakatos e Markoni (1991), consiste numa pesquisa considerada "o ponto de partida de toda pesquisa de caráter

social" e incluiu de maneira complementar entrevistas junto aos professores responsáveis pelas aulas.

2.1.1 A observação do processo pedagógico

Nossas observações tiveram um caráter direto, sistematizado e não participativo, e foram realizadas durante as aulas de educação física nas escolas selecionadas para a pesquisa. Para o registro das observações criamos um sistema de categorias cujas unidades de registro fizeram parte de um "Diário de Campo", instrumento que permitiu organizar as informações recolhidas nas escolas, como recomenda Richardson (1989, p.41):

> Outro aspecto de importante aplicação metodológica da observação é quando se deseja compreender o campo da atividade humana. Para isso, deve-se organizar um conjunto de informações ligadas a um sistema descritivo e, em seguida, aplicar categorias já levantadas por pesquisadores e proceder a posteriores estágios de análises. Em outro tipo de estudo pode-se, evidentemente, querer classificar ou revisar categorias existentes e, para tal, torna-se necessário aplicá-las a um conjunto concreto de dados. Todavia, há casos em que o pesquisador necessita criar seu próprio sistema de categorias para ter condições de interpretar o material de estudo.

O registro no Diário de Campo foi realizado por meio de uma planilha orientadora (Anexo 2) que acompanhou a pesquisadora em todas as visitas às escolas. Neste caso, o estudo realizado por Duprat e Gallardo (2010), também focado nas atividades circenses em escolas, foi um referente fundamental para nossas observações.

Desta maneira, o Diário de Campo foi organizado da seguinte maneira:

Na parte superior da folha aparece a data de observação, os dados da escola, turma, horário e data, e ainda o número da sessão observada. Assim mantivemos uma ordem no momento de classificar as observações, podendo separá-las por escola e turma, a fim de facilitar a posterior análise dos dados.

Quanto à análise dos registros, optamos pelo seguinte sistema de categorias:

A **primeira categoria** classifica a atividade ou as atividades realizadas na aula observada, segundo as diversas possibilidades já descritas por Bortoleto e Machado (2003) e Invernó (2003). As atividades representam diferentes exercícios, jogos ou práticas nas distintas modalidades circenses, como são malabares, acrobacia, modalidades aéreas, equilíbrios, palhaço

(DUPRAT e BORTOLETO, 2007). Considerando que em uma aula podem acontecer várias atividades diferentes e visando ao seu registro preciso, criamos as seguintes subcategorias:

Subcategoria 1.1: Atividades propostas.

Subcategoria 1.2: Duração.

Subcategoria 1.3: Material utilizado.

Subcategoria 1.4: Espaço.

Logo, objetivamos com os dados desta categoria conhecer as atividades/práticas circenses utilizadas pelos professores, bem como o porquê da escolha de tais atividades no que concerne a seus objetivos pedagógicos, assim como as características dos materiais e espaços onde tais atividades eram realizadas.

A **segunda categoria** comportou as informações relativas à metodologia que o professor utilizou nas aulas, bem como outras informações importantes sobre o processo educativo e os recursos pedagógicos empregados. Do mesmo modo que a anterior, optamos por subdividi-la em 4 subcategorias com os diferentes aspectos que acreditamos serem fundamentais:

Subcategoria 2.1: Informações relativas à maneira como o professor organiza o espaço, os alunos, as dinâmicas de trabalho (individual, pequenos grupos, grandes grupos, etc.).

Subcategoria 2.2: Dedicada à organização dos materiais usados na aula, isto é, se o material era compartilhado entre os alunos (dividido por duplas ou grupos, por exemplo), como era armazenado e se os alunos participam no cuidado e no momento de recolher o material.

Subcategoria 2.3: Dados sobre a organização dos próprios alunos, bem como das relações existentes entre eles e o professor.

Subcategoria 2.4: Postura do professor em aula com respeito às atividades realizadas e sua relação junto aos alunos; informações relativas à metodologia empregada pelo docente nas aulas.

A **terceira categoria** comporta as informações relativas aos sujeitos implicados no processo de ensino-aprendizagem e as relações e interações que ocorrem entre eles, observando tanto as relações aluno-aluno quanto professor-aluno.

Por último, a **quarta categoria**, denominada “Observações Gerais”, permitiu classificar as observações que não podiam ser catalogadas nas demais categorias, mas que foram consideradas relevantes pelos pesquisadores.

A título de ilustração, dispomos a seguir um exemplo de registro das observações realizadas durante a pesquisa na escola Curumim:

Quadro 4: Exemplo de Diário de Campo utilizado nas observações da escola Curumim

Data: 25/04/2011
Escola: Curumim
Turma: 4.ª Série (matutino)
Horário: 10h45min – 11h30min
Número de Sessão Observada: 12
Categoria 1: Atividades Perna de pau, Tecido e Pratinho de equilíbrio. Categoria 1.1: Descrição do exercício Perna de Pau: Neste ateliê a atividade era basicamente livre, porém o professor propôs alguns desafios (chutar uma bola para tentar fazer gol e subir e descer uma rampa). Tecido: Figura acrobática no tecido (casulo). Pratinho: Experimentação individual; o professor disse que era para ficar tentando fazer coisas novas e mostrou alguns exemplos de "truques" que podiam ser feitos. Categoria 1.2: Duração Dez minutos por ateliê. Categoria 1.3: Material utilizado Perna de pau, tecido, colchão fino x2, pratinho de equilíbrio. Categoria 1.4: Espaço Espaço Freinet (espaço aberto com teto) **Categoria 2**: Metodologia Categoria 2.1: Organização da aula Divididos em três ateliês, cada um com uma atividade, em grupos de 7 crianças. A cada 10 minutos trocam de ateliê. Categoria 2.2: Organização dos materiais Por ateliês, o material não se mistura. Os próprios alunos pegam o material e ajudam a guardá-lo, permanecendo ele ordenado a aula inteira. Categoria 2.3: Organização dos alunos Por ateliês, 7 alunos em cada grupo que vão trocando ao longo da aula e passando por todos os ateliês. Categoria 2.4: Posição do professor O professor ficou no ateliê de tecido, que era onde mais estava precisando da participação dele. **Categoria 3**: Sujeitos Categoria 3.1: Alunos, professores, outros 21 alunos (9 mulheres e 12 homens). Turma bastante avançada em relação ao nível de habilidade nas diferentes modalidades propostas. Motivação pelas atividades circenses - alta. Turma curiosa. Faz bastantes perguntas. Um pouco tímidos entre eles, sobretudo entre meninas e meninos. Categoria 3.2: Professores Professor responsável pela turma: Thiago. **Categoria 4**: Observações: - O exercício de tecido dá mais certo nessa turma do que nas outras com crianças de menor idade. Eles têm mais condições para subir. Quase todos conseguem fazer o exercício proposto pelo professor sem problemas. - Na perna de pau, a maioria consegue e fica tentando coisas novas. O professor propõe desafios (chutar uma bola no gol) e eles ficam muito mais motivados. - Nesta turma, os meninos e as meninas começam a ficar separados, em grupinhos.

2.1.2 A entrevista com os professores

Buscando complementar a informação obtida nas observações, realizamos uma entrevista com cada um dos professores responsáveis pelas aulas observadas. O objetivo principal das entrevistas foi conhecer o ponto de vista do professor-educador com respeito à experiência do ensino das atividades circenses.

As entrevistas foram realizadas atendendo às orientações metodológicas sugeridas por Lakatos e Marconi (1993), cuja natureza pode ser qualificada como Entrevistas em Profundidade e/ou Semiestruturadas. Estas entrevistas foram gravadas, transcritas, e a entrevista em espanhol traduzida para o português após a transcrição. De modo sintético, os questionamentos feitos aos professores foram divididos em quatro blocos temáticos:

- O primeiro deles continha perguntas referentes à experiência pessoal e profissional do próprio professor;

- O segundo trazia algumas perguntas orientadas a descobrir informações relativas às aulas de educação física, objetivando saber como elas acontecem, como são preparadas, como se repartem ao longo do ano escolar, etc.;

- No terceiro bloco incluímos perguntas específicas sobre os motivos que levaram esses professores a desenvolver as atividades circenses como conteúdo programático regularmente;

- E, por último, algumas perguntas sobre o posicionamento institucional (escola) referentes a essa experiência pedagógica propriamente dita, além das respostas que as famílias dos alunos e a comunidade produzem em relação às aulas de educação física e às atividades circenses propostas (Ver Anexo 3 – Roteiro Norteador).

Em relação ao Comitê de Ética para a realização da pesquisa com os sujeitos, enviamos às escolas, antes da visita propriamente dita, uma carta de solicitação para a realização da pesquisa de campo (Anexos 4 e 5), por meio da qual explicamos todos os pormenores do trabalho. No caso das entrevistas, o Termo de Livre Consentimento Esclarecido (Anexos 6 e 7) foi entregue e assinado momentos antes do início das entrevistas. No caso particular da escola espanhola, os documentos foram traduzidos para assegurar o bom entendimento dos termos da pesquisa.

No transcurso do trabalho, mantivemos em sigilo a identidade dos alunos e funcionários da escola, excetuando os nomes dos professores que solicitaram expressamente que o nome real deles aparecesse no trabalho.

A pesquisa de campo não incluiu imagens nem filmagens das aulas ou sujeitos envolvidos, a fim de preservar o direito de imagem dos professores e alunos, sujeitos deste trabalho, como foi especificado no projeto submetido ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Medicas (UNICAMP)[12].

2.1.3 A análise dos dados

A análise dos dados obtidos, tanto nas observações nas escolas quanto nas entrevistas realizadas com os professores, seguiu as indicações metodológicas de Anguera (1999) e Bardin (2002). Deste modo, os registros do Diário de Campo foram organizados segundo cada uma das turmas observadas. Em seguida, realizamos uma primeira leitura identificando as unidades de significado, isto é, trechos das anotações que continham informações relevantes para o presente estudo. Logo, alocamos cada uma das unidades de significado em uma das categorias anteriormente descritas. Estas reduções permitiram selecionar as informações que logo utilizamos para redigir a descrição de cada uma das experiências pedagógicas das escolas visitadas.

Por outro lado, as entrevistas realizadas junto aos dois professores, gravadas em formato digital (mp3), foram transcritas e digitalizadas (descrição nos Anexos 8 e 9). A análise destes textos seguiu o mesmo modelo dos diários de campo, isto é, uma leitura inicial para a seleção das unidades de significado (1.ª Redução) e categorização destas unidades (2.ª Redução).

De posse dos dados já sistematizados, redigimos os textos narrativos de cada uma das experiências pedagógicas estudadas buscando a coerência entre nossas observações e o discurso dos professores, e, sempre que possível, recorremos a um diálogo com a literatura específica, previamente analisada.

Finalizando o processo de análise, remetemos as descrições das experiências aos professores responsáveis, solicitando, num prazo de 15 dias, suas observações, sugestões e

[12] Cujo teor foi aprovado em abril de 2011 (Parecer do CEP: n.º 1.224/2010 CAAE: 0954.0.146.000-10).

críticas. Suas respostas foram incorporadas ao texto final sempre que nos permitissem precisar nossas observações e interpretações.

Uma vez apresentada a metodologia, passamos, a seguir, à descrição dessas experiências pedagógicas, destacando como este conteúdo foi incorporado no projeto pedagógico, a metodologia empregada no seu desenvolvimento, os objetivos que norteiam a intervenção dos professores, bem como outros aspectos que permitem conhecer tais experiências de modo mais aprofundado.

2.2 A escola Curumim

Entre os meses de abril e maio de 2011, acompanhamos 27 sessões/aulas de educação física na escola Curumim, na cidade de Campinas – São Paulo, instituição privada com três décadas de existência e cujo projeto pedagógico se apoia nos princípios da conhecida Pedagogia Freinet[13]. Nela, os princípios da livre-expressão, da autonomia, da cooperação e do trabalho visam fomentar a criatividade e objetivam uma educação integral, sempre a partir das ideias e interesses dos alunos. Assim, a opinião dos alunos constitui-se parte fundamental desde o planejamento dos conteúdos até a operacionalização das aulas.

Como já afirmamos, escolhemos esta escola devido à presença regular do conteúdo "atividades circenses" nas aulas de educação física, cujo desenvolvimento foi sistematizado e organizado por um dos professores da instituição. O referido professor, Thiago Sales, formado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas e reconhecido artista circense, lance que o converte num apaixonado pela arte, desenvolve as atividades circenses no âmbito escolar há 5 anos. Atualmente ministra este conteúdo a 8 turmas da 2.ª à 5.ª série do ensino fundamental. Cada turma, com aproximadamente 25 alunos, participa de 2 aulas semanais de educação física, com duração de 45 minutos cada uma. No ano em que nossa pesquisa foi realizada, o professor oferecia o conteúdo 1 dia na semana, reservando o outro dia para demais atividades.

[13] A pedagogia Freinet fundamenta-se nas premissas do pensador francês Célestin Freinet (1896-1966), desenvolvidos em meados do século XX. Ela considera que as aprendizagens se efetuam a partir das próprias experiências, contemplando a funcionalidade do trabalho e criando atividades que tenham sentido e utilidade para os alunos. Apoia-se, portanto, nos princípios de cooperação, criatividade e autonomia da criança, organizando a aula de maneira que contemple a participação dos alunos na construção dos seus conhecimentos (UNESCO, 1993).

Em suas próprias palavras, Thiago nos conta o motivo da escolha das atividades circenses como uma das práticas corporais a serem desenvolvidas em suas aulas:

> "Sempre me chamou a atenção a possibilidade de ter a chance de trabalhar com um conteúdo que fugisse do esporte, que tradicionalmente é mais trabalhado nas aulas, e eu não sou contra trabalhar esporte, eu acho que é ruim trabalhar só o esporte; e particularmente por ser algo no terreno das artes, das atividades artístico-expressivas, porque acho que isso traz possibilidades de aprendizado que outras práticas mais utilizadas na educação física não têm tanta chance, então isso pra mim é algo interessante de cara, e aí, quando fui conhecendo isso e me aprofundando, cada vez mais eu fui me apaixonando pelo circo, pelas possibilidades que o circo tem, essa diversidade que o circo traz, assim temos uma prática aqui, que de maneira geral, interessa muito aos alunos; então são muitas vantagens, muitos aspectos positivos que tem por traz dessa escolha" (Thiago).

As atividades propostas durante o período de nossa visita à escola foram, segundo nossos registros, aquelas que o espaço e os materiais disponíveis permitiram. No entanto, cabe ressaltar que o professor, profissional que nos pareceu motivado e muito interessado pelo ensino das atividades circenses, buscou alternativas para fabricar parte do material "circense" utilizado nas aulas, além de aperfeiçoar os espaços disponíveis.

A possibilidade de construir o material pedagógico a partir de materiais recicláveis, ou de baixo custo, para além de viabilizar o desenvolvimento das atividades circenses permitia aos alunos aprenderem a como construí-lo, dando assim a oportunidade de trabalhar outros aspectos motores, bem como a criatividade, a sociabilidade, e, de modo sutil, elementos das artes plásticas. Esta opção pedagógica coincide com a defendida por estudiosos do assunto que também defendem a construção artesanal de materiais na escola, entre eles Inverno (2003) e Duprat e Gallardo (2010). Sobre este assunto, Bortoleto L. (2008, p.243) são enfáticos ao afirmar:

> Além disso, a utilização de materiais alternativos proporciona conscientização, valorização do patrimônio, economia e empenho. O fato de construir o próprio material permite ainda descobrir diversas possibilidades de variações desses materiais (estéticas, como cores, e estruturais, como formas e tamanhos), ademais de construir-se um momento importantíssimo para a pedagogia, uma vez que possibilita conhecer em profundidade as características dos objetos, suas limitações e possibilidades de ação (manipulação, equilíbrio, etc.) ademais de aumentar o respeito e o zelo pelo material.

Por outra parte, outros materiais difíceis de serem fabricados foram obtidos com suporte da própria escola, paulatinamente ao longo dos cinco anos, período em que o professor vem trabalhando nesta instituição. De fato, o incondicional apoio institucional às propostas deste

professor foi percebido não somente com a aquisição dos materiais, mas em muitas outras situações, é importante mencionar que a escola apoia plenamente o projeto pedagógico do Thiago, já que este encaixa a perfeição nos objetivos e princípios da mesma. Em nossa opinião, este diálogo favorece enormemente a atuação docente e, por conseguinte, a qualidade de sua proposta pedagógica.

De modo geral, observamos o modo exemplar com que os alunos cuidavam do material e colaboravam para guardá-lo no local e da forma indicada pelo professor, mostrando uma organização impecável. Tudo isso sem que o professor tivesse de "exigir" dos alunos, nem cobrá-los repetidamente.

Do ponto de vista dos conteúdos tratados, as aulas ofereceram atividades de perna de pau, rola-rola, acrobacia individual, tecido, prato chinês/chapéu de equilíbrio e aros malabares. Vemos, com isso, o oferecimento de modalidades aéreas, de equilíbrio, acrobáticas e de manipulação de objetos a todas as turmas da 2.ª à 5.ª série, variedade defendida por autores como Duprat e Bortoleto (2007, p.177).

Os exercícios realizados foram praticamente os mesmos para todas as turmas, porém percebemos que algumas das atividades foram mais bem aceitas de acordo com a faixa etária. Neste sentido, vimos que a prática da perna de pau apresentava melhores resultados (adequação) a partir da 3.ª Série. Os alunos menores experimentavam algumas dificuldades especialmente no que diz respeito ao peso e tamanho do material, aspectos discutidos no trabalho de Bortoleto (2003). Já os alunos da 4.ª Série conseguiam andar sem maiores dificuldades, superando obstáculos e realizando várias brincadeiras sobre as pernas de pau. Apesar dessas diferenças, segundo relatou o próprio Thiago, no final do ano quase todos os alunos conseguiam andar de perna de pau.

Nas atividades de malabares e acrobacia de solo, observamos algo parecido, isto é, maior dificuldade entre os alunos de menor idade, especialmente no que tange ao controle motor e à coordenação. Contudo, e o que é muito importante, todos os alunos, independentemente da faixa etária ou série, apreciavam positivamente as atividades propostas, revelando momentos de grande ludicidade e avanços significativos na aprendizagem.

O tecido, única experiência no âmbito das modalidades aéreas, foi a grande estrela das atividades propostas. Na sua grande maioria, os alunos adoravam, participaram com entusiasmo e, por meio da observação de seus próprios comentários, viam nela a oportunidade de

vivenciar um material e suas respectivas possibilidades, algo pouco comum ou totalmente inovador, até então. Sempre que esta atividade era proposta, os alunos ficavam encantados e participavam prazerosamente. Porém, devido ao sistema de aula, o tempo de prática era reduzido e os alunos experimentavam a prática do tecido a partir de exercícios simples, como, por exemplo, formas básicas de subir e descer, como as descritas por Bortoleto e Calça (2007). Esta limitação temporal do trabalho com modalidades aéreas já foi apreciada em outras experiências, inclusive em outro relato sobre a escola Curumim (BORTOLETO *et al*, 2011).

Notamos ainda, sobre as atividades de tecido, que os meninos experimentaram maior dificuldade para realizar os exercícios propostos em relação às meninas. Quanto maiores os alunos, mais visível foi esta situação. Após refletirmos sobre este fato – e consultarmos a opinião do professor –, parece-nos que os meninos tentavam subir no tecido só com a força dos braços, sem usar as pernas, uma técnica pouco eficiente, segundo Bortoleto e Calça (In Bortoleto *et al*, 2008, e Sugawara, 2007). Como consequência, apresentavam maior dificuldade.

Por outra parte, as meninas, conscientes (ou intuitivas) de que não seriam capazes de subir no tecido só com a força dos braços, buscavam um modo mais efetivo de ascensão, usando também as pernas, desenvolvendo uma técnica mais eficiente que a dos meninos. Esta situação causava algumas vezes certo desconforto entre os meninos que queriam ser melhores e mais fortes em relação às meninas. Já a alegria das meninas, quando realizavam com êxito os exercícios, também merece destaque.

Cada atividade proposta tinha uma duração aproximada de 10 minutos por grupo, e cada aula propunha três atividades diferentes. Deste modo, buscava-se uma otimização dos materiais, espaços e tempos disponíveis. O fato de os alunos aproveitarem melhor o tempo de aula pode ser visto como muito positivo, considerando que outros sistemas de aula, como a organização em fila ou em participação simultânea, não oferecem a mesma dinâmica (VAZQUEZ, 2001). Apenas nas atividades de tecido e acrobacia observamos uma espera maior, isto é, menor volume de prática. Mas isso era justificado pelas razões de restrição do material e, sobretudo, pelas questões de segurança, que levavam o professor a permanecer mais próximo dos alunos nessas atividades.

O espaço onde aconteceram as aulas foi uma quadra externa coberta, com a possibilidade de fechar uma das laterais com uma lona, o que possibilitava em dias com chuva e vento que as aulas acontecessem normalmente.

Apresentamos a seguir um quadro que sintetiza as atividades realizadas durante o período das observações:

Quadro 5: Atividades realizadas na escola Curumim

Modalidade Circense	Manipulação de Objetos	Técnicas Aéreas	Equilíbrio sobre Objetos	Acrobacia
Técnica Circense	Malabares com aros	Tecido	Perna de pau	Acrobacia individual
	Prato chinês		Rola-Rola	
Situações Propostas	Jogos circenses	Subidas e descidas básicas	Prática individual	Estrela
	Exercícios de vivência e iniciação	Figura: Casulo	Jogos e desafios	Rolamento à frente
				Rolamento para trás

Em concordância com Gallardo e Gutierrez (2008), o professor relatou que a escolha das atividades levou em consideração a faixa etária dos alunos, bem como suas experiências. Assim, da 2.ª à 5.ª Série o foco estava no oferecimento de um amplo repertório de atividades circenses, visando ampliar paulatinamente as experiências dos alunos no âmbito dessas atividades.

Merece atenção que as atividades propostas não ficaram restritas à vivência prática, ou seja, aos jogos e exercícios propostos, mas eram discutidas e contextualizadas constantemente, procurando-se "obter uma ampla rede de informações que permita tecer um sólido tecido cultural, para compreender e valorizar esta forma de cultura corporal" (GALLARDO e GUITIERREZ, 2008, p. 237). Assim o confirmamos durante a entrevista em que o professor falou sobre o porquê da escolha das atividades circenses na educação física:

> "Eu não gosto de olhar pro circo como uma maneira, por exemplo, de desenvolver o equilíbrio, ou qualquer outra qualidade física, ou a coordenação motora, ou a força, eu não gosto disso, porque eu sou mais afinado com a linha da educação física que pensa coisas mais nesse âmbito cultural, histórico, enfim me considero simpatizante de uma linha da educação física que pensa primeiramente no conhecimento que se está trabalhando, a partir disso a gente vai experimentar, trabalhar nela, ter um olhar critico sobre ela e poder fazer com que essa prática possa estar presente na nossa vida com autonomia, seja como um apreciador ou como praticante, eu gosto de partir daí" (Thiago).

Outro aspecto fundamental em nossas observações diz respeito à maneira de organizar a aula, que, segundo Vazquez (2001), se refere aos procedimentos que utiliza o professor para movimentar e coordenar o grupo com o objetivo de tornar mais eficaz o ensino, procurando a máxima participação do aluno. Nas aulas observadas, o docente organizava os alunos em forma de circuitos, quase sempre com três estações ou ateliês. O ateliê, como relatou o professor, é uma das propostas educacionais da pedagogia Freinet. Nele o aluno pode optar por fazer uma determinada atividade proposta que não necessariamente a turma toda tenha a obrigação de fazer. Não obstante, o próprio professor destacou:

> "Eu uso o termo ateliê porque é um termo que eles estão familiarizados, porém nas minhas aulas os ateliês são um pouco diferentes, em geral o que eu faço é dividir a turma em três grupos, onde cada um vai fazer uma atividade, ao longo da aula eles trocam para que todo o mundo acabe fazendo tudo. Para algumas atividades eu tenho achado mais interessante organizar dessa maneira porque me parece que a aula rende mais, eles aproveitam melhor a aula e ficam na atividade por um tempo mais reduzido, porém é um tempo que contribui para que eles continuem interessados pela atividade, já que normalmente quando estão perdendo o interesse e ficando entediados já é a hora de trocar" (Thiago).

Assim, os alunos se repartiam nos ateliês para realizar atividades propostas em grupos de 6 ou 7 alunos, dependendo da turma, de modo aleatório, conforme acordo no começo da aula. Aliás, no início da aula o professor se reunia com os alunos numa roda na sala da respectiva turma, explicava as atividades do dia, respondia às possíveis perguntas e sugestões dos alunos, seguindo a característica da pedagogia Freinet.

Durante a aula, o professor ficava sempre em um dos ateliês, normalmente no que era mais solicitado ou no mais necessário por questões de segurança e eficiência. Já nos outros, na maioria dos casos, ficavam apenas os alunos realizando a atividade que o professor tinha proposto no início da aula. Do mesmo jeito, os materiais eram distribuídos por ateliês, e a instrução era que se mantivessem ordenados e separados por atividades. Os alunos sempre ajudaram na organização e cuidado do material. Numa ocasião, o professor relatou que por vezes os alunos quebraram o material por mau uso, embora isso não fosse algo frequente.

O relato do professor revela que ele já trabalhou organizando a aula de outra maneira, mas que naquele momento o tipo de organização por ateliês estava sendo muito efetivo e oferecendo um maior aproveitamento da aula, o que era condizente com suas expectativas. Estamos de acordo com que o sistema de organização das aulas relatado resulta bastante efetivo

no que se refere ao aproveitamento da aula pelo aluno. Como era esperado, encontramos alguns pontos positivos e outros que, dependendo dos objetivos pedagógicos, podem ser menos favoráveis, como, por exemplo, a não presença constante do professor em determinados ateliês. Entendemos ainda que este sistema funciona muito bem com alunos familiarizados com a metodologia, já que requer certo nível de autonomia e responsabilidade por parte deles.

O fato de o professor estar ausente em 2 das 3 atividades tem seus inconvenientes, como acabamos de relatar, já que a participação e o interesse dos alunos pela atividade podem diminuir e, neste caso, a ausência do professor dificulta a recondução da atividade tratando de reavivar a motivação e os desafios propostos. Em suma, observamos:

Quadro 6: Aspectos positivos e dificuldades da metodologia de trabalho por ateliês

Aspectos positivos	**Dificuldades**
A quantidade e diversidade de atividades vivenciadas por aula é maior.	O professor só pode atender a um ateliê cada vez.
O menor tempo de prática de cada modalidade permite que o aluno não se canse e mantenha a concentração na atividade.	Os ateliês que não têm a presença do professor carecem de *feedback* e recondução, quando necessário.
Ao ter várias atividades na mesma aula, a desmotivação tende a diminuir, pois os alunos podem mudar de grupo e, portanto, de conteúdo, conforme seus interesses.	O aluno tende a perder a motivação mais rapidamente por diferentes motivos, especialmente quando deixa de existir um claro desafio.
Propõem um maior aproveitamento do tempo de prática dos alunos, já que todos eles participam simultaneamente, sem ter necessidade de parar por falta de material, espaço ou outros motivos.	Requer maior autonomia e responsabilidade por parte do aluno, o que exige tempo para familiarização com a metodologia[14].
Permite melhor distribuição dos alunos de forma autônoma.	

Com respeito aos sujeitos desta experiência pedagógica, incluindo alunos, professores e outros personagens importantes, podemos tecer outras observações. Vemos, em primeiro lugar, que as atividades circenses eram oferecidas a alunos desde a 2.ª até a 5.ª série, o que certamente promoverá ao longo dos anos um processo de continuidade pedagógica, além de facilitar o diálogo intergrupos sobre o conteúdo tratado, conforme sugere o trabalho de Inverno (2003). Em cada série havia 2 turmas, sendo 1 de manhã e 1 à tarde. Cada uma das turmas

[14] Entendemos também que este tipo de "inconveniente", dependendo do contexto, pode até resultar positivo, dependendo do que queremos conseguir. Por exemplo, se o que se quer fomentar no aluno é a autonomia, este sistema será o mais apropriado.

matutinas tinha 25 alunos no máximo, sendo que as turmas da tarde apresentavam um número menor, de forma geral. Cabe apontar que todas as turmas observadas tinham ao menos 1 aluno com algum tipo de deficiência física ou intelectual, e que estes participavam da aula de forma totalmente integrada, dentro de suas possibilidades, como faziam os demais.

O professor Thiago, formado em educação física em 2007, exerce também a atividade profissional no âmbito das artes circenses, e, segundo seu relato, o interesse, tanto pedagógico quanto artístico, pelo circo aconteceu há aproximadamente 10 anos. Segundo ele, quando começou atuar na escola buscou levar às suas aulas um pouco da sua paixão por esta arte secular, e aos poucos foi introduzindo as atividades circenses como conteúdo de suas aulas. Na atualidade desenvolve as atividades circenses muitas vezes por meio de jogos (na mesma linha que sugere Bortoleto, 2006), abordando ao menos 1 modalidade por dia, considerando que realiza 2 aulas por semana com cada grupo/turma.

Conforme podemos desprender de seu discurso, chegar ao formato atual não foi tarefa fácil, já que as crianças reivindicavam frequentemente os esportes tradicionais e práticas já presentes em seu repertório corporal. Contudo, como ele mesmo comentou, sua proposta não vai contra o desenvolvimento do esporte como conteúdo na educação física escolar, embora sua hegemonia provoque o "empobrecimento" das aulas de educação física, além de dificultar a inserção de outros conhecimentos/práticas, inclusive as atividades circenses.

Notamos, nas palavras de Thiago, que nos primeiros anos de sua experiência na escola optou por trabalhar com atividades circenses somente com os alunos da 5.ª Série, embora com as outras turmas fizesse algumas atividades relacionadas de vez em quando. No entanto, depois de algum tempo e de algumas experiências com outras turmas, sua perspectiva mudou:

> "No terceiro ano que eu estava aqui, teve uma turma de segundo ano que se interessou pelo tema circo dentro do trabalho com a professora deles, e aqui na escola tem esse olhar de tentar identificar os interesses dos alunos e desenvolver em cima disso projetos para as turmas; Obviamente vieram me convidar para participar disso de alguma maneira e a minha participação foi trazer o tema circo também para as aulas de educação física dessa turma, fizemos várias coisas de atividades circenses e algumas coisas em parceria com a professora da turma[15]; foi muito interessante para mim, porque foi bacana trabalhar com as crianças menores também. Essa experiência, junto com outra ficha que tenha caído, de pensar que, não só com o circo, senão com qualquer conteúdo, é sempre

[15] Conforme se relata no capítulo "As artes circenses nas aulas de educação física", do livro Educação Física escolar: desafios e propostas II (Bortoleto *et al*, 2010), a experiência que surgiu desta turma, para a qual foi criado um projeto educativo usando o circo dentro do plano curricular, em que as crianças, além de praticarem várias atividades circenses, tiveram a oportunidade de trocar correspondência com vários artistas circenses.

> melhor você trabalhar várias vezes o mesmo tema ao longo do período escolar, porque a cada ano que passa, mesmo sendo as mesmas crianças, já é outro olhar, são outras possibilidades que surgem, então comecei achar que seria mais interessante trabalhar com eles tentando diluir isso ao longo dos anos que eles estivessem comigo, assim desde o ano passado venho tentando trabalhar com todas as turmas conforme eles estão crescendo, estão se desenvolvendo..." (Thiago).

Ainda, conforme a opinião de Thiago, suas aulas de atividades circenses ainda estão em pleno desenvolvimento, e sua procura pela melhor maneira de ensinar ainda provoca muitas reflexões e constantes ajustes.

Merece atenção também que a escola dispunha de um sistema de estágio para estudantes que estavam terminando a graduação em educação física. Assim, nas turmas da manhã o professor contava com a ajuda de duas estagiárias que tinham escolhido a escola por afinidade com as atividades circenses. Ambas praticavam tecido e outras modalidades aéreas. Esta situação obviamente provocou mudanças na dinâmica das aulas, uma vez que elas ajudavam o professor nos dias que coincidiam com as atividades nos ateliês. Nestas ocasiões, elas participavam, sob a supervisão do professor, de algumas das atividades propostas, o que gerava outra dinâmica nas aulas, e, do nosso ponto de vista, maior eficácia pedagógica. Esta modificação pode ser observada no maior interesse, na concentração e no empenho dos alunos.

O professor manifestou, ademais, que tanto a coordenação quanto os gestores da escola, além dos próprios pais e familiares dos alunos, sempre se posicionaram a favor desse projeto, uma vez que consideravam as atividades circenses como um agente potencializador do caráter artístico-expressivo, característica acorde com as premissas da filosofia Freinet, que alicerça o projeto político-pedagógico da escola.

Outro aspecto que chamou nossa atenção diz respeito ao prazer atribuído pelos alunos à prática das atividades circenses. Como as aulas de atividades circenses aconteciam apenas em um dia da semana, constantemente vimos os alunos indagando o professor sobre qual atividade iriam vivenciar nas aulas seguintes. Esses questionamentos eram moldados por grande empolgação e entusiasmo, do mesmo modo que na experiência relatada por Takamori *et al* (2010), condição, segundo nosso entendimento, extremamente favorável para qualquer proposta pedagógica.

Outro fato ainda que nos surpreendeu foi a boa relação estabelecida entre os alunos, e entre os alunos e o professor durante as aulas. Um ambiente de respeito e atenção pairava constantemente. Podemos dizer, inclusive, que os alunos "obedeciam" ao professor,

mesmo este não impondo ou pedindo tal comportamento. Ficou notório que as crianças estavam familiarizadas com o sistema de trabalho próprio da pedagogia Freinet, que, como já dissemos, fomenta a criatividade e propõe aos alunos terem uma educação ativa e participativa. Neste sentido, os alunos estavam acostumados a trabalhar em ateliês, o que permitia, entre outras coisas, o desenvolvimento de atividades sem a presença constante do professor, ou seja, autonomia discente.

Embora na maior parte do tempo tenhamos visto uma situação como a que acabamos de relatar, também observamos algumas situações nas quais os alunos pareciam desmotivados com a atividade e em certa maneira entediados pela repetição. Isso acontecia quase sempre no ateliê de perna de pau, que frequentemente ficava sem a presença do professor. Também é preciso dizer que, no momento em que o professor propunha alguma atividade ou desafio diferente, as crianças voltavam rapidamente à atividade e se manifestavam contentes e participativas outra vez. Esta recondução das atividades, fruto da atenção e observação da resposta dos alunos por parte do professor, é, sem dúvida alguma, uma fator decisivo para a efetividade da proposta pedagógica. Em outras palavras, o professor devia estar atento e atuando o tempo todo, o que exige disciplina, energia e motivação.

A participação dos alunos, de um modo geral, foi avaliada como muito boa durante todas as sessões observadas, percepção corroborada pelo discurso do próprio professor, quando disse:

> "Com relação à participação, é praticamente de cem por cento. Tem uma questão também, que a participação não é algo a ser discutido, não é opção participar ou não participar, é obrigação deles participar, já que a educação física faz parte da grade escolar curricular, eles não escolhem se querem ou não aprender matemática, eles têm que aprender matemática da mesma maneira educação física, não é negociável, agora dentro disso também eu vejo que eles gostam de participar, fazendo isso com prazer, e pedindo pra fazer tecido, pratinho, etc., e o circo tem essa vantagem, por ter uma gama de atividades bem diversa, que passa pelo equilíbrio de objetos, pelos malabarismos, pelas acrobacias, pelos aparelhos aéreos, pelo palhaço, por um monte de coisas, acaba agradando, é claro que uns vão preferir rola-rola do que o tecido, mas a vantagem de trabalhar em ateliês é que as vezes nessa aula eles vão fazer por exemplo o tecido que não gostam muito e depois vão fazer o rola-rola que gostam bastante, então isso acaba contribuindo para manter o interesse alto" (Thiago).

Outra questão importante, observada em relação aos alunos que apresentavam algum tipo de deficiência[16], foi sua total integração com os colegas e com as atividades propostas. Vimos como seus companheiros ajudavam e colaboravam com eles quando necessário, acompanhando-os até a quadra e de volta à sala de aula e ajudando na hora de pôr e tirar os tênis, etc. Todas as crianças, independentemente de sua condição, participaram das atividades conforme suas possibilidades. Um exemplo que nos marcou foi o de uma menina com paralisia cerebral, e que devido a suas restrições motoras não podia participar das atividades de perna de pau. Assim, neste momento se envolvia com as atividades de prato chinês, tratando de desenvolver habilidades diferentes e jogando com os outros colegas.

No ateliê de tecido, o professor ajudou-a a subir para se balançar, e seu imenso sorriso tratou de mostrar o prazer que viveu naquela experiência. Vendo isso, opinamos que as atividades circenses se apresentam, tanto nesta experiência quanto em vários outros relatos analisados neste trabalho, como uma prática inclusiva, na qual é possível garantir a participação de todos os alunos, individual ou coletivamente. Isso, claro, conforme a dedicação e disposição do professor e dos companheiros para encontrar soluções e alternativas a fim de que a integração seja completa.

A esse respeito, encontramos outras situações nas quais professores de educação física já levaram as atividades circenses até a educação física e incluíram alunos com necessidades educacionais especiais nas atividades, fazendo as adaptações necessárias e conseguindo a participação de todas as crianças, tal como aconteceu na escola EM José de Calasanz (Belo Horizonte - MG), onde a professora Fernanda P. de Paula fez esta integração com grande efetividade. Nas palavras dela, "o projeto valorizou as aulas como um espaço voltado a uma prática corporal da qual todos podem participar, independentemente de sua condição"[17].

Ainda sobre o potencial inclusivo das atividades circenses, vale mencionar o estudo de Takamori *et al* (2010, p.14), quando diz:

---

[16] Havia crianças com síndrome de down e autismo, assim como outras crianças com problemas de atenção e em algum caso com problemas motores e certo grau de paralisia.

[17] Esta informação foi extraída do artigo da revista de divulgação Nova Escola "O circo que inclui todos na educação física", que relata como a professora responsável pelas aulas de educação física escolheu as atividades circenses como conteúdo e como prática inclusiva mediante várias adaptações pedagógicas (disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/circo-inclui-todos-educacao-fisica-674385.shtml>). Um dos exemplos das aulas deste projeto foi incorporado nesta pesquisa no Anexo 11.

> Pensar as atividades circenses nos termos supramencionados é possibilitar a inclusão dos excluídos, respeitando a diversidade existente no Brasil, na busca de uma educação de qualidade incitando a criatividade e autonomia por meio do movimento corporal e suas reflexões. É considerar novos autores que possam escrever suas próprias histórias e perpetuar suas experiências para legitimar uma arte fascinante e reveladora de inúmeras possibilidades, seja em âmbito formal ou não formal.

Finalmente, ressaltamos que todas as crianças, apesar claro do caráter obrigatório da escola, participavam das atividades propostas pelo professor de modo livre, isto é, por vontade própria. Em momento algum vimos o professor precisando obrigar seus alunos a algo. Inclusive quando alguma situação de desinteresse acontecia, vimos que a reação do professor foi de não dar muita atenção e deixar o aluno refletir sobre o que estava sentindo. Em geral, em pouco tempo o aluno reencontrava o interesse, voltando às atividades que estavam sendo oferecidas.

2.3 O I.E.S. Narcís Monturiol: mais de uma década de atividades circenses

No segundo momento da nossa pesquisa de campo acompanhamos, ao longo da segunda quinzena de novembro de 2011, as atividades desenvolvidas no I.E.S. Narcís Monturiol, localizado na cidade de Figueres, na Catalunha (Espanha). É uma escola pública que atende alunos do Ensino Secundário Obrigatório (ESO), similar ao ensino médio brasileiro, bem como alunos de *Bachillerato*[18] e alunos de Ciclos Formativos[19] (similares ao ensino profissionalizante no Brasil), dentre os quais se destacam formações como eletrônica, telecomunicações, estética e mecânica, entre outras.

O projeto pedagógico da escola considera a educação como um processo global que tem como objetivo desenvolver nos alunos a capacidade de se adaptar e enfrentar novas situações, assim como fomentar o trabalho em grupo para poder crescer individualmente. O referido projeto pedagógico orienta-se por meio dos valores democráticos, potenciando as capacidades dos alunos em igualdade de condições, fomentando também a integração do alunado

[18] Período pertencente ao programa educativo espanhol, que consta de dois anos. Estes são desenvolvidos após a educação secundária e são prévios à educação universitária. Não são obrigatórios. Ao finalizar a educação secundária, pode-se optar pelo mundo laboral ou pelos chamados Ciclos Formativos.

[19] Cursos de formação profissionais que de 3 a 6 semestres capacitam o aluno para sua incorporação no mundo laboral em diversas áreas. Requerem ter-se finalizado com êxito a educação secundária obrigatória.

e reforçando valores como convivência, tolerância e respeito das pessoas, da sociedade o do meio natural, já que o centro recebe um alto número de alunos de diferentes nacionalidades.

É neste contexto que o professor de educação física, Josep Invernó, desenvolve suas atividades; formado em Pedagogia pela Universidade de Girona (Espanha) e doutor pelo Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha (INEFC) da Universidade de Lleida em 2006, trabalha na escola há 15 anos. Contudo, conforme seu relato, começou a estudar e desenvolver as atividades circenses ou o circo, como ele prefere denominar, há 20 anos numa outra escola.

Segundo ele próprio, esta experiência começou quase por casualidade, com escassos conhecimentos. Mesmo assim resolveu ensinar malabares e perna de pau em sua proposta pedagógica, obtendo rapidamente ótimos e surpreendentes resultados com os seus alunos. A partir dessa percepção, foram incrementadas algumas atividades ao repertório ano após ano. Informou-nos que procurou cursos para a formação específica das diferentes modalidades circenses, e gradativamente foi convertendo sua formação continuada num conteúdo adaptado ao ambiente escolar. Quando perguntamos o porquê da escolha das atividades circenses como conteúdo educativo, ficou claro que não era por casualidade, o professor tinha uns objetivos educativos bem claros e diferenciados, nas palavras de ele referendo-se às atividades:

> "Para mim é um prato perfeito [...] Tem uma melhora de todos os alunos num nível motriz, cognitivo, social e emocional, a repercussão do circo na educação física é real, eu penso que em outros lugares pode até ser uma atividade alternativa, mas em outros não, como, por exemplo, aqui, onde passou a ser uma prática normalizada; e bom, eu gostaria pensar que daqui a cinco anos o circo vai ser um conteúdo normalizado na área; nem para melhor nem para pior, simplesmente um conteúdo diferente ao esporte tradicional, que também é necessário, mas é preciso saber que a educação física é mais rica que tudo isso, do que só esporte tradicional" (Josep).

Durante nossa visita à escola, tivemos a oportunidade de observar 11 aulas, em 6 turmas diferentes, com alunos de idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. Em cada turma havia uns 30 alunos. Tivemos a chance de assistir também a uma aula chamada na escola de "aula aberta", orientada a alunos com problemas de conduta e baixo rendimento acadêmico, sobre a qual falaremos mais pra frente.

O sistema de ensino do professor apoia-se na busca do crescimento do aluno em nível pessoal, social e cognitivo. Seu discurso deixou claro que o projeto pedagógico estava

focado no fomento da cooperação e no desenvolvimento da autonomia do aluno. Em suas palavras:

> "O porquê de trabalhar com a cooperação é que para mim, a cooperação é o norte, o rumo a seguir, a partir daqui podemos fazer as variações e os desvios que você imagine, mas sempre vamos na mesma direção, que é fomentar a relação interpessoal de maneira positiva; porquê? Porque com este tipo de relações você evita os conflitos, como você viu, normalmente neste tipo de atividades os conflitos aparecem, mas se resolvem entre eles, entre os próprios alunos; eu penso que é importante que existam esses conflitos mas a partir do positivo, de somar esforços. Por outro lado nestas atividades ninguém é excluído; tem muito material, todo mundo pode encontrar uma atividade na qual destacar" (Josep).

Como ele mesmo indica, é preciso insistir em que não existem práticas corporais mais importantes do que outras. O que é realmente importante é a coerência entre os objetivos pedagógicos e os conteúdos propostos que nos darão um indicativo da viabilidade ou não do projeto pedagógico, posição igualmente defendida por Parlebas (2001). Para alcançar esta meta o professor utiliza uma programação anual com aproximadamente 4 unidades didáticas de 3 meses de duração cada uma, passando pelo circo, diferentes esportes, atividades na natureza e outros conteúdos. Assim, nos primeiros anos o circo aparece de maneira introdutória com elementos ou modalidades mais simples, como malabares e perna de pau, de modo similar ao relatado na escola brasileira, para nos seguintes anos introduzir aparelhos mais complexos, como o monociclo, o tecido, o trapézio, etc.

Deste modo, as atividades circenses estão presentes em todos os anos, convertendo a educação física numa formação regular; talvez seja este um dos motivos que permitem que os alunos desta instituição alcancem um nível de habilidade tão alto nas diferentes atividades circenses, fato que nos surpreendeu bastante ao longo de nossas observações.

Em relação ao processo educativo, conforme o professor nos explicou, no começo do ano os alunos seguem uma metodologia fundamentada na livre exploração, na qual os alunos brincam e experimentam diferentes atividades circenses, explorando as distintas possibilidades que o material oferece. Num segundo momento, o professor realiza um descobrimento guiado (ou mediado), oferecendo algumas ideias e dicas aos alunos. Uma vez que estes conheciam as habilidades básicas das modalidades vivenciadas, o professor permitia que eles praticassem livremente com a ajuda de tabelas orientadoras (Anexo 10), que se encontravam espalhadas pelo ginásio onde as aulas aconteciam. Nessas tabelas aparecem diferentes truques de

malabares, figuras no trapézio e no tecido circense, etc., que os alunos consultavam quando desejavam aprender um novo exercício:

> "... e assim vamos construindo o processo todo até que aprendem as figuras básicas, e a partir daí, são eles mesmos que vão criando desafios e pequenos objetivos mediante o uso das figuras, um pouco também para respeitar o tempo de maturação de cada um; eu tento não controlar o processo de ensino-aprendizagem, que sejam eles mesmos os que se controlem, para mim esta metodologia consiste em criar retos e objetivos, porque se o professor planteia objetivos e retos, porém os alunos não querem fazê-los, não vai servir para nada, na minha opinião "a bola" tem que estar com os alunos e que sejam eles os que querem aprender, se o professor só quer ensinar, falta a outra parte, que é a mais importante, que os alunos queiram aprender." (Josep)

De maneira sintética, as atividades e modalidades desenvolvidas durante o tempo que durou o período de nossas observações foram as seguintes:

Quadro 7: Atividades realizadas no I.E.S. Narcís Monturiol

Modalidade Circense	Manipulação de objetos	Técnicas Aéreas	Equilíbrio sobre objetos	Construção de materiais (*)
Técnica Circense	Malabares com bolas, bola de rebote, devil-stick, swing, pratinho, diabolô, claves...	Tecido, trapézio, dança aérea e dança vertical[20]	Perna de pau, monociclo, rola-rola, bola de equilíbrio	Construção de malabares (swing)
Situações Propostas	Atividade livre e realização de figuras diversas individual e coletivamente	Atividade livre e realização de figuras diversas, sempre com ajuda	Atividade livre e realização de figuras diversas individual e coletivamente	Oficina realizada com os alunos da "aula aberta"

As observações ocorreram no final do trimestre (novembro e dezembro), momento em que os alunos já haviam vivenciado as diferentes modalidades circenses e muitos mostravam amplo domínio delas. Assim, todas as aulas tinham a mesma estrutura e metodologia; caso o professor não tivesse nenhum recado para dar à turma, quando os alunos chegavam à aula pegavam o material da sala e o colocavam no lugar que estava indicado para cada modalidade, o que era feito de maneira organizada.

A aula transcorria de maneira que os alunos só pediam a ajuda do professor quando da necessidade de alguma ajuda ou orientação; no restante do tempo os alunos

[20] A dança aérea (termo mais utilizado na Espanha) é uma fusão entre a dança contemporânea e as artes circenses, em que a coreografia se realiza normalmente longe do chão verticalmente com auxilio de cordas, sendo necessário o uso de técnicas e equipamentos de escalada. Por outro lado, a dança vertical tem o mesmo formato, exceto que é efetuada sobre uma parede.

praticavam livremente, sempre acompanhados de música, que, aliás, é uma característica marcante nesta escola. Logo, de maneira individual ou coletiva, espalhados livremente no ginásio, praticando exercícios já conhecidos ou tentando novos desafios, os alunos iam experimentando e mudando de modalidade a cada certo tempo, embora fosse possível perceber que eles tinham na sua maioria mais afeição por alguma modalidade, à qual dedicavam um tempo maior.

Achamos muito interessante o fato de que em cada turma os gostos dos alunos pelas diferentes modalidades circenses mudavam significativamente. Enquanto numa turma a atividade favorita era o tecido, noutra era a dança aérea, e em outra, os monociclos. Parece-nos aqui, como também é comentado em algumas das publicações anteriormente estudadas, que a grande variedade de atividades circenses permite que os alunos tenham um maior leque de escolhas, buscando, assim, aquelas práticas que mais lhes satisfazem.

Ficou-nos evidente que este sistema de trabalho faz parte da dinâmica da escola e é de conhecimento e aceitação de todos os alunos. Isso permitia, por exemplo, que o professor ficasse, na maioria das aulas, apenas observando o andamento das atividades, intervindo quando achava necessário, especialmente na prática do trapézio e do tecido. A única pauta repetida frequentemente pelo docente visava a orientar os alunos a experimentarem diferentes modalidades, mas que ninguém ficasse sentado ou sem fazer nada. No final da aula, quando o sinal soava, os alunos se organizavam e guardavam o material na sala indicada para tal fim, e ainda cumprimentavam o professor antes de ir para a aula seguinte.

Atendendo a proposta de Vazquez (2001) sobre a organização da aula, percebemos que este sistema favorece o bom aproveitamento da aula por parte dos alunos. De fato, observamos que os alunos ficavam praticando ao longo de toda a aula, sem que tivessem de ser lembrados ou pressionados. Por outro lado, o *feedback* do professor acontecia de modo mais sutil e esporádico, em geral de modo individual. Esta dinâmica não nos pareceu negativa, já que os próprios alunos se ajudavam nas diferentes atividades ensinando uns aos outros, refletindo de modo otimizado o modelo de ensino-aprendizagem cooperativo, defendido por Josep.

Em mais de uma ocasião pudemos observar como alunos mais experientes ensinavam truques, ou como experimentar alguma das modalidades circenses disponíveis a alunos recém-chegados à escola. Inclusive numa das aulas observamos como uma menina ensinava dança vertical a outra colega (de origem árabe) que não falava o espanhol e que acabava

de chegar na Espanha. Mesmo com esta limitação de idioma, por meio de gestos e algumas palavras num inglês pouco fluente ambas conseguiram brincar, comunicar-se e até compartilhar risos, sempre sob o olhar atento do professor, que as observava desde o outro canto do ginásio.

Outro aspecto relevante com respeito ao projeto pedagógico da educação física nesta escola foi a criação dos **espetáculos circenses**. Conforme relatou-nos Josep, a cada dois anos os alunos mais experientes, do 3.º e 4.º ano (equivalente ao 1.ª e 2.ª ano do ensino médio brasileiro), participam na criação de um espetáculo no final do ano escolar, o que acontece de modo totalmente voluntário. Desta ação participam os alunos que têm interesse, uma vez que as notas de educação física são divulgadas antes do espetáculo. Ou seja, há uma desvinculação da avaliação do componente curricular com a participação do festival. Segundo o professor, a ideia básica é que todos participem por igual na modalidade (ou modalidades) de que mais gostam, num exercício puramente cooperativo e criativo, realizado com a contribuição e envolvimento de diferentes professores/áreas da escola, mesclando várias turmas e professores, independentemente dos ciclos formativos oferecidos na instituição. O discurso do professor destacou ainda a importância de o projeto ter um caráter voluntário, já que para ele só faz sentido quando os alunos estão motivados e interessados em fazê-lo.

A elaboração do espetáculo na busca do elemento artístico das atividades circenses, e também como forma de síntese dos conhecimentos tratados na escola, é uma ação defendida por muitos estudiosos do assunto, incluindo Fouchet (2006) e Takamori *et al* (2010). Embora as atividades circenses possam ser reduzidas à simples repetição técnica, visando à aquisição de habilidades motoras, ao longo do processo criativo de preparação do espetáculo os alunos têm a oportunidade de mostrar tudo aquilo que foi realizado nas aulas e podem misturar isso com outros elementos da expressão corporal, musical, e diversos outros conhecimentos importantes para um espetáculo artístico.

Corroboramos com os argumentos acima mencionados, uma vez que o contexto artístico do qual derivam as atividades circenses vivenciadas nas aulas não pode ser ignorado. Aliás, é exatamente neste tipo de experiência que os alunos entram em contato com todo o potencial expressivo e, por conseguinte, afetivo, emocional e comunicativo das artes do circo, como afirma Bortoleto (2011).

Ainda com respeito ao espetáculo, sua estrutura é relativamente simples: primeiro o roteiro é pensado pelo professor em conjunto com os alunos, criando uma história-

tema; depois se formam os grupos de trabalho com funções diferenciadas, como construção de material, figurino, maquiagem, música, números, etc. Apesar desta organização simplificada, os resultados são excepcionais no que se refere à qualidade, participação e interesse dos alunos, como pudemos observar nos vídeos que o professor disponibilizou para podermos assistir a várias das apresentações realizadas até então, alguns deles disponíveis em Invernó (2003).

Segundo o relato do Josep, a importância do espetáculo é maior do que o simples fato de se apresentar publicamente. Trata-se de uma atividade com a qual todos os integrantes devem cooperar para dar certo, e não são unicamente os alunos, mas também professores e demais profissionais da escola. Desde a área de música, em que se cria a trilha sonora; desde a aula de tecnologia, em que se desenha parte do cenário, até os ciclos formativos, todos participam com a construção de elementos de maior dificuldade (que incluem soldas, por exemplo) e na realização das maquiagens e penteados. É um projeto do qual termina participando a escola inteira, já que a adesão dos alunos, apesar de ser fora do calendário escolar, é muito grande, e isto, junto com a realização de outros projetos cooperativos, acabou se tornando uma marca distintiva desta escola, motivo de orgulho de todos, conforme pudemos notar.

Finalmente, uma vez que o espetáculo é concluído, os alunos fazem a divulgação, e a apresentação acontece normalmente no teatro da cidade. A entrada para o espetáculo é paga, e os recursos arrecadados ajudam a cobrir os gastos, bem como se destinam a novos investimentos e na compra dos materiais circenses que logo serão utilizados nas aulas de educação física. Assim, a escola conseguiu, após tanto anos, dispor de recursos de boa qualidade e na quantidade suficiente, situação inabitual com respeito às atividades circenses, seja no Brasil, seja na própria Espanha.

Durante à visita na escola, tivemos também a chance de assistir uma **"aula aberta"**. Essa aula é oferecida a alunos com problemas de comportamento, fracasso escolar muito acentuado e, como explicou o professor, a alunos que realmente alteram o desenvolvimento normal da aula. Assim se criou um projeto pedagógico exclusivamente para eles. Trata-se de um modelo de aula com uns 10 alunos no máximo, nas que se trata de trabalhar num sistema no qual os alunos tenham maior participação, tornando as atividades que se realizam na aula mais práticas, para assim poder manter a atenção deles por um tempo maior.

O objetivo desse projeto é fazer com que esses alunos consigam se adaptar ao ritmo normal das aulas, e mais tarde, se reincorporarem à aula habitual com os outros colegas. Na

ocasião em que conseguimos fazer a observação juntamente com o professor de educação física, a temática foi de construção de malabares, em concreto "swing" (um tipo de jogos malabares giroscópios) com material reciclável. Na maioria do tempo os alunos se mantinham concentrados e focados na atividade, porém tratavam-se de rapazes muito nervosos que rapidamente perdiam a concentração. Apesar disso, o professor tentava encaminhar a atividade e fazer com que aprendessem a trabalhar de maneira conjunta.

Como já falamos anteriormente e como destacam muitos dos autores analisados até aqui, a construção do material a ser utilizado nas atividades circenses pode ser uma prática educativa interessante realizada juntamente com os alunos, já que por meio dela também é possível que eles aprendam a valorizar o material e conhecer suas características físicas, fatores que logo ajudam no desenvolvimento das aulas. Ao longo da observação de algumas delas, percebemos que sua metodologia e sua estrutura mantinham-se idênticas, e mesmo assim a motivação e o interesse dos alunos pelas atividades se mantinham altos.

Em uma ocasião, tivemos a oportunidade de presenciar uma aula um pouco diferente. A 2.ª aula observada na turma do 3.º Ano foi um tanto especial: o professor havia marcado havia semanas com os alunos desta turma uma saída na cidade em forma de cortejo, ou "pasacalles", como se diz em espanhol. Segundo ele mesmo, não era possível fazer este tipo de saída com todas as turmas, no entanto esta em especial era uma turma muito boa, motivada com as atividades circenses, além de os alunos serem responsáveis. Assim, durante uma hora, os alunos pegaram os monociclos, as perna de pau, as bolas de malabares, claves, aros, corda de pular, etc. e saíram pela cidade, caminhando, pulando e brincando, fazendo duas paradas nas principais praças da cidade ante o olhar curioso e fascinado dos vizinhos, familiares e transeuntes que encontraram pelo caminho. Este público, casual na sua maioria, ria, conversava e tirava fotos dos alunos.

Foi muito emocionante ver os alunos mostrando fora do espaço escolar aquilo que haviam aprendido, com orgulho de si mesmos e esbanjando alegria. Ver vários alunos andando de monociclo de mãos dadas na praça central da cidade foi maravilhoso, assim como escutar os comentários e conversas que aconteciam entre eles, como uma menina de perna de pau dizendo:

- Que legal! Sou muito alta, mais do que as pessoas!

Ou um aluno conversando com o professor:

- Aluno: Professor você pensa que estamos passando vergonha?

- Professor: Depende como você o veja; você tem vergonha?

- Aluno: Na verdade não, eu estou gostando muito, mas as pessoas olham para nós de modo esquisito.

Ao refletirmos sobre aquele passeio pela cidade, o cortejo, observamos que ele pode ser associado à própria cultura do país, em que existe grande tradição de espetáculos de rua, praças e feiras. Assim, com as devidas medidas de segurança, esta atividade pode ser de grande impacto na formação dos alunos, uma vez que acontece num espaço regido por outras regras (relativamente distintas às da escola), promovendo a escola como um espaço de geração de conhecimento.

A mesma motivação observada em sala de aula estava presente na rua e no espetáculo. Raras foram as ocasiões em que vimos alunos sentados ou tentando fugir da prática das atividades propostas, um indicativo muito importante de que estamos ante um conteúdo motivador cativante, que, quando ministrado adequadamente, alcança resultados interessantíssimos:

> "Eu acho que o pior da educação física é a apatia, do mesmo jeito que o nível de participação é fácil de ver, a motivação também se transmite. Quando você vê que ao abrir a porta da aula os alunos vão correndo para pegar o material, e ficam a hora inteira praticando, você vê que tem uma motivação alta, e isso para mim é suficiente, é um bom termômetro" (Josep).

Com respeito ao processo de avaliação realizado pelo professor, verifica-se que ele se mostrava meio resignado a atribuir uma nota para cada aluno. Em suas palavras: "eu acredito que o tema circo sobrepassa esta coisa de avaliação", contudo somos obrigados a colocar uma nota. Para isso solicita aos alunos uma autoavaliação e o preenchimento de um caderno ao longo do semestre, anotando os objetivos que se propuseram e o que conseguiram nesse período de tempo, colocando ainda as diferentes figuras e habilidades que dominaram suas conquistas e dificuldades. Isso tudo é avaliado junto com o professor, embora Josep admita preferir ficar com as opiniões dos alunos, como demonstrou em várias ocasiões:

> "Um dia eles perguntaram a nota que iria colocar para eles, ai eu falei que a nota não era importante, mas eles estavam muito insistentes com a nota, ai eu falei, bom, vamos fazer um pacto já que vocês querem saber a nota, eu coloco a máxima nota para vocês com uma condição, que vocês não podem mais assistir nas aulas (ainda faltavam três semanas de aula)... Ai eles falaram que não queriam e que não concordavam; Eles estavam quase conseguindo andar de monociclo, e foi realmente um paradoxo, porque eles queriam um 10, mas também queriam aprender, então entre todos decidimos que o 10 seria para os pais, porque o que eles queriam realmente era aprender, e é importante compreender isso também" (Josep).

Apesar de vermos uma estrutura de aula bastante livre, pouco diretiva e orientada à realização de diferentes modalidades circenses de modo simultâneo, observamos como os valores educativos, sobre os quais o professor discorria no início desta descrição, estavam presentes a todo tempo nas aulas. De fato, poucos conflitos foram observados, e quando aconteciam, eram resolvidos sem a mediação direta do professor. Assim, os alunos compartilhavam o material e mudavam de atividade de modo fluído e respeitoso, mostrando grande coesão grupal.

Sobre a autoestima dos alunos, observamos que entre tantas modalidades circenses os alunos acabavam encontrando uma em que podiam se destacar. Isso foi observado em diversas ocasiões, inclusive no discurso de Josep:

> "Tinha um garoto que sofria *bulling*, o que eu chamo terrorismo de baixa intensidade, desde o primeiro ano ele foi discriminado pelos alunos, e quando estávamos preparando o espetáculo decidi que ele devia ter "um minuto de gloria", normalmente tudo é grupal, se tem alguma coisa individual é para fazer algum enlace, mas quase sempre é tudo grupal. Então ele se interessou no espetáculo e lhe propus fazer alguma coisa individual, ele sozinho com a intenção de que todo o mundo o aclamasse, para elevar a autoestima dele, e não só foi assim, senão que quando faltavam duas ou três semanas para o espetáculo, eu estava ensaiando com os alunos de cordas e ele me perguntou que como era pra fazer malabares com cinco bolinhas, ai eu falei rápido como era e continuei com o que estava fazendo, e ele me chama e diz, é assim? E eu... sim! ai falei, se você pratica isso fazemos no espetáculo, e ele ficou umas três semanas sem parar de treinar; bom, a ovação que gerou no dia do espetáculo foi impressionante, e claro, os alunos que o assediavam estavam ai assistindo e instantaneamente... Acabou! Por que encontramos uma coisa que ele triunfou e foi reconhecido, de nada serve falar para não incomodar o rapaz, os alunos mais velhos, depois de assistir o espetáculo o apoiaram muito, e claro, depois foi quase um intocável" (Josep).

Para encerrarmos este ponto, queremos destacar a grande acolhida que tinha este projeto que o professor criou ao longo destes anos, na escola inteira, onde tanto colegas, como os próprios alunos o apoiavam plenamente e participavam em todas as atividades que eram propostas pelo docente; pensamos que isto só aconteceu após anos de intenso trabalho e de demonstrar que este tipo de projeto é coerente com os objetivos propostos pela escola.

CONSIDERAÇÕES

O NÚMERO FINAL...

> Apropriando-se assim das artes circenses como movimento da cultura corporal, propomos uma nova ordem como o faz o acrobata de cabeça para baixo (SOARES, 2000) e o palhaço sentado ao avesso no cavalo (DUARTE, 1995), a caminho de um processo de inclusão e participação efetiva, onde corpos em movimento possam representar alunos felizes dentro e fora da escola (BARONI, 2006, p. 95).

Respeitável público, senhores e senhoras o espetáculo está chegando ao fim... Em nossa opinião, o imaginário do circo não tem limites, tudo é possível neste mundo, fixado entre a realidade e a ilusão, o circo se envolve numa atmosfera de aplausos, luzes, sorrisos, música, emoção, surpresa, etc., onde as crianças (e não tão crianças!) ficam encantadas e deslumbradas; terminar estes espetáculos de uma maneira grandiosa nunca foi uma tarefa fácil, contudo, neste número final queremos mostrar algumas das considerações que surgiram a partir do estudo realizado e aqui apresentado, assim como alguns limites e perspectivas que encontramos ao longo do mesmo.

Em primeiro lugar, realizamos uma extensa revisão bibliográfica onde tentamos analisar e organizar o material encontrado; a primeira apreciação importante derivada desta pesquisa refere-se ao aumento da produção acadêmica, especialmente sobre os aspectos didático-pedagógicos comentados por meio de relatos de experiência. Parece-nos que estamos ante uma tentativa dos profissionais da área, na sua maioria professores de educação física, de buscar subsídios para suas experiências pedagógicas. Esta situação revela-se favorável e equilibrado ao incremento do rigor científico e pedagógico dessas produções, embora não o garanta. Sinaliza, ademais, para uma maior aproximação entre conhecimentos e perspectivas teóricas de diferentes áreas do conhecimento com a educação física, particularmente das artes cênicas e das ciências pedagógicas e sociais (DUPRAT e BORTOLETO, 2007; FOUCHET, 2006; PITARCH, 2000; WALLON, 2008). Parece-nos, ainda, que este crescimento da literatura especializada tende a ampliar-se, influenciado principalmente pelo maior reconhecimento que a própria educação física tem dado às atividades circenses.

Outro aspecto destacável diz respeito às aproximações entre os estudiosos e, portanto, entre os conhecimentos da ginástica e do circo (alguns exemplos: RODRIGUES, FREITAS e SANTOS, 2008; BORTOLETO, 2010; ROBIN, 2010; SOARES, 2009). Seja com relação aos aspectos de segurança, à sistematização pedagógica ou às questões pertinentes às

técnicas gestuais ou até mesmo históricas, os esforços têm crescido e provocado interessantes discussões até pouco tempo atrás impensáveis.

Atendendo a este aumento das experiências pedagógicas, verificamos o nosso pressuposto inicial de que existe um crescente interesse das atividades circenses por parte dos professores de educação física no contexto nacional e de modo simultâneo no internacional. Neste sentido parece-nos que o Brasil vem acompanhando de perto a tendência internacional, muito provavelmente pelo aumento da vinculação de informação sobre o assunto em meios alternativos (web, blogs, etc.), uma vez que a maioria dos professores brasileiros quase não referencia os autores estrangeiros. Logo, o contato com a produção parece estar sendo midiatizado por outros canais de informação, mesmo observando o aumento da produção acadêmica, a qual sabemos, ainda apresenta certas limitações no que se refere ao acesso e ao interesse dos professores.

Assim sendo, entendemos que o aumento da produção conduzirá paulatinamente a uma melhor sistematização dos conhecimentos neste âmbito, facilitando a formação profissional bem como a difusão de uma pedagogia com maior respaldo no estudo rigoroso e metódico.

Ainda, durante nosso esforço de conhecer o "estado da arte", tivemos acesso a dezenas de pesquisas acadêmicas, desde trabalhos de conclusão de curso de graduação (TCC) até teses de doutorado, muitos dos quais não conseguimos analisar nesta ocasião. Embora os trabalhos analisados ainda apresentem pouca profundidade teórica e escassas propostas pedagógicas, notamos o empenho de muitos pesquisadores e também professores atentos à necessidade de compreensão dos múltiplos aspectos do encontro entre a educação física e as atividades circenses, e suas possíveis consequências no espaço escolar.

Deste modo, é notório que as instituições de ensino superior, formadoras dos futuros professores, deverão atentar para este conteúdo, fomentando entre seus docentes o trato destes saberes ao longo da formação inicial. Rompemos ainda a impressão equivocada de que há poucos referenciais disponíveis: na verdade identificamos muitíssimos trabalhos, em sua maioria desconhecidos pelos professores de educação física. Logo, entendemos que a difusão dos conhecimentos sobre as atividades circenses será fundamental para o aprofundamento teórico-prático num futuro próximo.

É preciso destacar ainda que outras formas de divulgação da produção intelectual (blogs, paginas web, material audiovisual, como DVDs pedagógicos, etc.), embora não tenham sido consideradas nesta ocasião, são fontes interessantes e reveladoras de inovações pedagógicas importantes. De fato, muitas instituições têm utilizado os meios digitais para divulgar suas elaborações pedagógicas, o que merecerá futuros estudos específicos.

Vimos que grande parte da literatura aborda procedimentos técnico-pedagógicos referentes ao ensino de determinadas atividades circenses, ignorando reflexões sobre o contexto histórico, estético e artístico que norteiam as artes do circo. Essa visão restrita e utilitária do circo como mais um conhecimento passível de ser desenvolvido pelo profissional de educação física deve ser evitada, ou ao menos analisada com cuidado. Esperamos, portanto, que todos os profissionais que decidam ensinar as atividades circenses estejam dispostos a buscar formação e a dedicar tempo para aprender um novo conteúdo com a seriedade que ele merece, como o fizeram os professores responsáveis pelas duas experiências relatadas nesta pesquisa. Estes profissionais mostram um comprometimento que certamente foi decisivo para o êxito alcançado e para a obtenção do respeito e admiração que ambos desfrutam em suas respectivas instituições.

Outra questão relevante e recorrente na literatura analisada indica que os estudos estão de modo geral orientados mais às questões produzidas no âmbito extraescolar ou na educação não formal, do que propriamente para aquelas específicas do contexto escolar. Contudo, são cada vez mais frequentes os trabalhos que explicitem como estes saberes vêm sendo tratados nas aulas de educação física, o que demonstra que as atividades circenses estão definitivamente sendo incorporadas às práticas pedagógicas dos professores de educação física no ensino formal, seja na França, seja na Espanha, seja na Argentina, seja no Brasil.

Nestas últimas linhas cabe lembrar que o termo “atividades circenses” vem sendo mais utilizado nas produções nacionais, e o termo “circo” ainda é hegemônico nas produções estrangeiras.

Nosso estudo demonstra que antes da década de 1990 a produção acadêmica era tímida e restrita a alguns países europeus, especialmente à França, e tratava as atividades circenses de modo isolado e sob a ótica tecnicista, centrada no desenvolvimento das habilidades físicas e, em ocasiões, esquecendo o significado cultural e social que o circo apresenta.

Nestas primeiras obras, os malabares e a acrobacia (individual e em grupo) eram as modalidades mais discutidas, nelas, os autores apresentavam algumas orientações sobre o ensino dessas práticas, sem se aprofundarem nos fundamentos teóricos das artes do circo ou do processo pedagógico. Foi a partir do final da década de 1990 que observamos um "boom" bibliográfico, ampliando o número de publicações e diversificando as abordagens e modalidades circenses analisadas, o que evidencia a incipiência do debate. Em outras palavras, há muitas dúvidas e poucas certezas, mesmo entre os pedagogos com maior experiência no assunto.

Parece-nos que este "repentino" interesse se deve, em certa maneira, ao modismo que surgiu entre o final do século XX e o início do XXI, com a maior divulgação dos espetáculos circenses pela mídia de massa, e também pela constante procura, por parte dos professores de educação física, por novos e atrativos conteúdos para suas aulas. Felizmente esta "moda" parece estar contribuindo de modo positivo tanto para a renovação da educação física quanto para as artes do circo de forma geral, pois ampliou significativamente a quantidade de pessoas que vivenciaram de forma prática esses saberes seculares, até então restringidos a grupos seletos de artistas, como mencionou Bortoleto (2011).

Por outra parte, localizamos alguns desequilíbrios nesta aproximação de áreas já que as publicações revelam casos em que atividades circenses são propostas como elemento motivador, sem que seu potencial educativo (de formação em expressividade, em comunicação, em educação estética, etc.) seja desenvolvido. Parece-nos que somente com uma melhor fundamentação teórica e metodológica, e com reais investimentos em formação, é que poderemos superar essas limitações. De fato, algumas das experiências relatam práticas que expõem os alunos a situações de duvidosa segurança, o que pode depor contra esse tipo de prática num futuro imediato.

A fragilidade teórica e metodológica, apontada mais de uma vez ao longo de nosso estudo sobre a literatura, realça a incipiência das discussões, bem como da prevalência de uma abordagem excessivamente empírica e assistemática. Mesmo as experiências consolidadas, como as duas descritas anteriormente, se pautam em grande medida na experiência empírica dos professores, uma vez que pouco ou quase nada lhes foi ensinado ao longo de sua formação inicial.

Neste sentido, e em consonância com o sugerido por Bortoleto *et al* (2008 e 2010), acreditamos na urgente necessidade de estudos mais aprofundados, de caráter longitudinal,

experimental e comparativos, buscando subsídios científicos aos profissionais que desejam atuar com este conteúdo, condição fundamental para a superação do senso comum e da especulação que ainda pautam a maior parte das intervenções pedagógicas com este conteúdo que tem de ser superado. Isso não significa que ao conhecermos o "estado da arte" não possamos afirmar que, de modo claro e extenso, haja um significativo esforço para que a educação física consiga uma reaproximação com as artes do circo, num caminho oposto ao observado ao longo da história, conforme relata a historiadora Soares em várias de suas publicações (SOARES 1994, 1998 e 2009) ou como se destaca em Brozas (1999) no caso específico do trapézio.

Deste modo, sentimos a necessidade de refletir sobre o método utilizado na pesquisa. Em relação aos limites deste estudo, observamos que não nos foi possível, desta vez, consultar muitas das referências bibliográficas encontradas, mesmo assim, decidimos incluí-las no trabalho já que o título do texto dava a entender que se tratava de publicações relacionadas as atividades circenses, por outro lado, pudemos ter "pulado" muitos textos que, seja por uma questão de língua ou de terminologia, não faziam menção direta ao tema central da pesquisa. Contudo, em leituras posteriores, percebemos que havia referencias e citações que não tínhamos incluído, como por exemplo, uma referencia à Bach (1999) que é citado por Brozas (1999), e onde se discorre diretamente a respeito de uma experiência pedagógica na educação infantil na que foram utilizados trapézios e estruturas com cordas (elementos circenses) nas aulas de educação física.

Por outro lado, sentimos também certas limitações na hora de procurar bibliografia em outras línguas além do espanhol e português, e, sobretudo, na hora de conseguir a bibliografia que não se encontrava disponível em formato digital, como é o caso da revista de origem francês $EP_{\&}S$ (*Revue Éducation Phisique et Esport*), a qual temos certeza é uma das entidades que mais publica sobre as atividades circenses no âmbito escolar, entretanto só tivemos acesso a alguns dos artigos.

Nossas expectativas, neste sentido, estarão orientadas à procura deste material que não pudemos achar em formato impresso, através de contatos e vínculos universitários; procuraremos realizar também, uma análise mais exaustiva prestando atenção a todas as citações e referências que possamos encontrar nos textos já revisados para assim poder obter um repertório de literatura muito mais amplo e completo do que já obtivemos neste estudo.

Num segundo momento, após ter analisado um número considerável de relatos de experiência, realizamos a pesquisa de campo onde tivemos a oportunidade de acompanhar de modo presencial e direto, dois projetos pedagógicos consistentes, orientados em consonância com o projeto pedagógico de suas respectivas escolas e que vêm obtendo resultados expressivos quanto ao ensino das atividades circenses nas aulas de educação física e se apresentam como duas experiências pedagógicas perfeitamente equilibradas com os argumentos que viemos defendendo ao longo do trabalho. Embora tenhamos visto duas situações dadas em contextos totalmente diferentes, em ambas vimos que uma boa sistematização e um envolvimento incondicional dos professores alcançaram importantes mudanças na dinâmica educativa de suas instituições.

Observamos que as atividades circenses na escola Curumim começaram graças, não só ao empenho do professor senão a curiosidade dos próprios alunos que as propuseram como tema de interesse, característica do tipo de pedagogia que a escola segue e na qual a opinião e preocupações dos alunos estão muito presentes na hora de organizar o currículo. Esta escola particular de ensino fundamental, contava com a presença de um professor singular, o Thiago, implicado e impregnado pela arte circense já que além de professor é artista, fato o que o converte em um apaixonado do circo; a metodologia empregada nas aulas consistia em organizar os alunos em ateliês com diferentes atividades circenses nas quais os alunos faziam rodízio ao longo da aula. Como podemos observar no transcurso da pesquisa, a função do professor foi ajudar os alunos quando a atividade assim o requeria, como, por exemplo, no tecido ou na acrobacia de solo. Notamos também que poucos conflitos surgiram entre os alunos, e a postura do professor era intervir somente quando necessário, tentando sempre resolver as situações de uma maneira democrática.

Percebemos que o objetivo de usar as atividades circenses nas aulas não era motivado por uma vontade de adquirir determinadas habilidades motoras, mas que se centrava na experimentação por meio de elementos motivadores e propiciadores da criatividade e expressividade, oferecendo-se assim a possibilidade de fomentar a autonomia e a aprendizagem consciente e participativa no aluno.

Já no Instituto Narcís Monturiol, onde o professor, Josep Invernó, é responsável pelas aulas de educação física e trabalha com um projeto pedagógico orientado a dois objetivos principais: o fomento da cooperação e da autonomia no aluno, o circo tem 15 anos desde que começaram com modalidades circenses simples, e até hoje se realizam as mais diversas técnicas,

passando por trapézio, tecido, malabares, etc. Percebemos que o objetivo pedagógico nesta escola era, claramente, o fomento da cooperação e o trabalho conjunto, porém pudemos observar que as atividades circenses eram propostas nesta escola a partir de uma abordagem que principalmente desenvolvia a autonomia nos alunos, já que eles mesmos eram os que procuravam e escolhiam o que queriam aprender. No entanto, percebemos também que nesta escola se dava uma importância maior à aquisição de habilidades motoras do que na escola Curumim. Nesta escola, percebemos também uma importante implicação por parte do professor, o qual demonstrou uma motivação e interesse altíssimo pelas aulas e pelos seus alunos. Ele não é artista circense, mas ao longo de todos estes anos, procurou o conhecimento das diferentes técnicas circenses para poder adaptar isso ao espaço escolar, não só na prática senão também na teoria realizando diferentes publicações sobre o tema, o que o converte num entusiasta da educação; graças ao trabalho realizado nestes anos conseguiu o reconhecimento e respeito de muitos profissionais da educação física.

Em suma, vimos duas escolas, duas realidades, dois equilíbrios, com propostas de conteúdos (atividades circenses) similares, desenvolvidos por diferentes abordagens pedagógicas, mas que em ambos os casos obtiveram resultados positivos, inspirando-nos a seguir estudando este assunto com a mesma paixão que os professores revelaram.

Muitas foram as vantagens relatadas sobre as atividades circenses. Logo, consideramos que estamos diante de uma prática que se encaixa perfeitamente nas atuais diretrizes e expectativas curriculares da educação física, cuja multiplicidade de objetivos e conteúdo é uma característica marcante. Além do mais, as atividades circenses, precisamente pela diversidade que oferecem, permitem debater uma série de conteúdos transversais de importantíssimo valor educativo, como companheirismo, respeito (pelo material, pelo professor, pelos colegas...), cooperação, tolerância, etc., uma possibilidade que ficou patente no discurso de ambos os professores das escolas visitadas, assim como em várias das publicações revisadas.

Seja nos relatos de experiência analisados, seja nas duas experiências relatadas, notamos que tanto os alunos mais habilidosos quanto os menos terão a chance de tentar sem serem discriminados, sempre que o docente souber alcançar seus objetivos mediante a prática e metodologia apropriadas. A pressão ou estresse, que às vezes geram os esportes e outras práticas de maior tradição nas aulas de educação física (normalmente de caráter competitivo), diminuem

nestas atividades. Por outro lado, uma grande vantagem é que estas permitem a participação de todas as crianças em igualdade de gênero e nível de desenvolvimento.

Observamos que a ampla variedade que as atividades circenses apresentam permite que qualquer aluno possa encontrar sempre alguma prática que seja adequada às suas afinidades e qualidades, passando pelos elementos acrobáticos, de equilíbrio, expressivos, etc. de maneira que tanto os alunos que encontrem mais dificuldades quanto os que não a encontram poderão vivenciar uma experiência satisfatória sempre que o professor souber como guiar este aprendizado; e queremos destacar aqui a função dos docentes para realizar este tipo de projeto. Notamos, a partir das entrevistas e por meio da análise da bibliografia que trata a temática do circo na escola, que na maioria das vezes em que as atividades circenses são levadas até os alunos de educação física o interesse sempre surge do próprio professor, que já vem praticando e experimentando as diferentes modalidades e enxergando o potencial educativo que poderia ter o desenvolvimento desta prática, como bem destaca Bortoleto (2003); sem o interesse e esforço destas pessoas, preocupadas com a educação dos seus alunos, este tipo de projetos seria inviável.

Por último, queremos destacar que o gosto e interesse dos alunos, percebidos durante as observações nas duas escolas e também nos relatos de experiência disponíveis na literatura, sempre são destacados. Por isso, pensamos que o circo já começa a se desvincular de alguns dos preconceitos que o acompanharam por muito tempo, o que permite o aparecimento de uma nova ideia do circo, materializada na escola por meio das atividades circenses, que destaca o potencial visual, estético e corporal desta arte, aproximando-o da educação física, como tão bem o fazem autores como Invernó (2003), Bortoleto *et al* (2008, 2010) e Fouchet (2006).

Tentamos, ao longo desta dissertação, apresentar o panorama em que as atividades circenses se encontram e ao mesmo tempo levantar argumentos que posicionem estas atividades como uma possibilidade concreta e factível para a educação física de hoje. De acordo com o que encontramos, tanto na teoria como na prática esta possibilidade pedagógica está alcançando aos poucos maior rigor científico e reconhecimento[21], embora ainda falte muito

[21] Estudos recentes relativos ao desenvolvimento das atividades circenses no contexto escolar vêm sendo reconhecidos e cada vez mais consultados e utilizados pelos professores. Como exemplo, podemos citar o prêmio "Victor Civita de 2011", concedido à professora Fernanda Pedrosa de Paula, de Belo Horizonte (MG), graças a um projeto de atividades circenses inclusivas nas aulas de educação física. Não é menos importante o prêmio "ACCAFIDE de Investigación en Educación Física" da Universidad de Las Palmas de Gran Canarias (Espanha), concedido a um artigo sobre atividades circenses também em 2011, concedido a Teresa Ontañon, Rodrigo Duprat e Marco A. Bortoleto da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

caminho a ser percorrido, especialmente no âmbito da formação inicial e continuada, condicionantes das experiências que veremos no futuro.

Queremos destacar ainda que não existe um conteúdo perfeito, não existem práticas melhores que outras. Aqui apresentamos as atividades circenses como uma possibilidade que pode trazer à educação física novos contornos, sempre e quando houver competência e sensibilidade pedagógica para isso. Realmente acreditamos que são os professores e professoras, comprometidos com a educação de seus alunos, os grandes responsáveis pelo sucesso ou pelo fracasso das iniciativas. Saímos contentes desta empreitada, pois percebemos que os esforços tendem a ser sucedidos por resultados excelentes. Assim, uma educação física de qualidade não depende só das práticas propostas, mas depende também de quem seja o responsável pelo processo.

Em nosso entendimento, os esforços devem ser encaminhados para uma educação que se afaste do individualismo imperante na sociedade atual e que advogue por uma educação em prol do bem estar do aluno, que ensine a conviver e respeitar o ser humano e a natureza, e que se oponha à pedagogia seletiva e diretiva que caracteriza a civilização do rendimento e a exploração desenfreada com a única finalidade de possuir bens e dominar os outros (UNESCO, 1993). É por isso que concordamos com Freire (2011, p.9) quando diz:

> Toda criança quer ser palhaço, toda criança quer ser trapezista, toda criança quer ser malabarista. Mas nem toda criança quer ir para a escola. Quem sabe a gente mudasse isso se a escola se parecesse com o circo.

Finalmente, queremos expressar nosso desejo de seguir caminhando rumo a uma educação física que considere o aluno como sujeito do processo, como bem relataram os professores nas duas experiências, e assim amplie suas possibilidades de prática. É neste contexto que defendemos a incorporação das atividades circenses e, por conseguinte, das artes do circo no conjunto dos conhecimentos desenvolvidos pela educação física. Construindo experiências pedagógicas que proporcionem aprendizagens, assim como felicidade, sorrisos, cores e diversidade gestual, além de promover a disciplina, a dedicação, o trabalho coletivo, características que povoam o imaginário e a prática cotidiana dos artistas circenses, de quem ainda temos muito que aprender.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Sergio R. **Valoración de las actividades circenses en la formación del profesorado de educación física:** Una propuesta para la transformación social en la escuela. Tese de Doutorado apresentada na Facultat de Formació del Porfessorat. Universidad de Barcelona, Barcelona: 2011.

AGUADO, Xavier; FERNÁNDEZ, Ana. **Unidades didácticas para primaria II**: Los nuevos juegos de siempre: El mundo de los zancos, Juegos malabares y Juegos de calle. Zaragoza: Inde Publicaciones, 1992.

ANGUERA, Teresa. **Manual de prácticas de observación**. México: Trillas, 1983.

ANGUERA, Teresa. (org.) **Observación en la escuela**: aplicaciones. Barcelona: Ed. de la Universitat de Barcelona, 1999.

ARNAU, Jaume; ANGUERA, Teresa. **Metodología de la investigación en ciencias del comportamiento**. Murcia: Universidad Secretariado de Publicaciones, 1990.

ARRIBAS, Higinio. Los Zancos: Sus posibilidades educativas. **Revista la ciudad y el Deporte**. España: Fundación Municipal de deportes, nº 36, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análisis de contenido**. Madrid: Ediciones Akal, 2002.

BARONI, José Francisco. **Circo Girassol**: o saber circense incorporado e compartilhado. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

BARONI, José Francisco. Arte Circense: A magia e o encantamento dentro e fora das lonas. Goiânia: **Revista Pensar a Prática** 9/1: 81-99,jan/jun, 2006.

BLÁZQUEZ, Domingo. **La educación física**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2006.

BORTOLETO, Luciana et al. **Construção de Materiais** In: BORTOLETO, Marco A.C. et al. Introdução à pedagogia das atividades circenses. Volume 1. Jundiaí - SP: Editora Fontoura, 2008.

BORTOLETO, Marco A. A perna de pau circense – O mundo sob outra perspectiva. Rio Claro: **Revista Motriz**, v.9, n.3, p.125-133, set/dez 2003.

BORTOLETO, Marco A. Rola-bola: iniciação. São Paulo: **Revista Movimiento & Percepção**. Vol. 4, Nº 4-5 jan. dez., p. 100-109, 2004.

BORTOLETO, Marco A. Circo y Educación Física: los juegos circenses como recurso pedagógico. Buenos Aires: **Revista Stadium**, n. 195, p. 5-15, 2006.

BORTOLETO, Marco A. **A Ginástica e as atividades circenses**. In: GAIO, R.; GÓIS, A.; BATISTA, J. A Ginástica em questão, Corpo e movimento. São Paulo: Phorte, 2010.

BORTOLETO, Marco A. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 43-55, jul. 2011.

BORTOLETO, Marco A.; MACHADO, Gustavo. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. Santo André – SP: **Revista Corpoconsciência**, v. 2, n. 12, p. 36-69, 2003.

BORTOLETO, Marco A.; CALÇA, Daniela. O tecido circense: Fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. Campinas: **Revista Conexões**, V. 5, n° 2, pp. 78-97, 2007.

BORTOLETO, Marco A.; CALÇA, Daniela. Circo e Educação Física: Compendium das Modalidades Aéreas. **Revista Movimento e Percepção**, vol. 8, Nº 11, 2007.

BORTOLETO, Marco A.C. et al. **Introdução à pedagogia das atividades circenses. Volume 1.** Jundiaí - SP: Editora Fontoura, 2008.

BORTOLETO, Marco A.C. *et al*. **Introdução à pedagogia das atividades circenses. Volume 2.** Jundiaí - SP: Editorial Fontoura, 2010.

BORTOLETO, Marco A.C. *et al.* **As artes circenses nas aulas de educação física** In: MOREIRA, Evando; STOILOV, Raquel (org.). Educação física escolar, desafios e propostas II. São Paulo: Ed. Fontoura, 2010.

BORTOLETO, Marco A.; PINHEIRO, Pedro H.; PRODÓCIMO, Elaine. Jogando com circo. São Paulo: Fontoura, 2011.

BRASILEIRO, Lívia; MARCASSA, Luciana. Linguagens do corpo: Dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. Campinas: **Revista Pro-Posições**, v.19, n.3 (57) – set/dez, 2008.

BROZAS, María P. **Fundamentos de las actividades Gimnasticas y Acrobáticas**. León: Universidad, Secretariado de Publicaciones y Medios Audiovisuales, 1999

CHAPLIN, Charles. **The Circus**. Estados Unidos: United Artists, 1928.

COASNE, Joëlle. A la découverte des arts du cirque. Paris: **Revista EPS**, pag. 17-19, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COMES, Montserrat, *et al*. **Fichero de Juegos Malabares**. Barcelona: INDE, 2000.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas-SP: Papirus, 1995

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas-SP: Autores associados, 2007.

DE BLAS, Xavier; MATEU, Mercé. El circo y la expresión corporal. VI JORNADAS PROVINCIALES DE EDUCACIÓN FÍSICA, Calatayud (España): 8-10 junio. **Libro de actas**, Calatayud: 2000.

DUPRAT, Rodrigo; BORTOLETO, Marco A. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista RBCE**, vol. 29, janeiro 2007.

DUPRAT, Rodrigo. **Atividades Circenses**: Possibilidades e perspectivas para a educação física escolar. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP: 2007.

DUPRAT, Rodrigo; GALLARDO, Jorge. **Artes Circenses no âmbito escolar**. Unijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010.

FRANCO, Maria. **Análise de conteúdo,** 2ª edição. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

FREIRE, João B. **O jogo:** entre o riso e o choro. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

FREIRE, João B. **Prólogo**. In: BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO. Jogando com circo. Sao Paulo : Fontoura, 2011.

FODELLA, Patrick. Les arts du cirque a l'ecole: Dossier arts du cirque. París: **Revista EPS1**, nº 97, 2000.

FOUCHET, Alain. **Las artes del circo**: Una aventura pedagógica. Buenos Aires: Stadium, 2006.

GALLARDO, Jorge P.; GUTIERREZ, Luis L. **As relações do circo com a escola.** In: BORTOLETO, Marco A.C. et al. Introdução à pedagogia das atividades circenses. Volume 1. Jundiaí - SP: Editora Fontoura, 2008.

GAQUIERE, R. Les arts du cirque: L´equilibre a L´ecole. **Revista Revue EPS1**, nº59, page: 28, 1992.

GAQUIERE , R. Les arts du cirque: L´acrobatie a L´ecole. **Revista Revue EPS1**, nº61, page: 32, 1993.

GASPARI, Josset; SCHWARTZ, Gisele M. Vivências em arte circense: motivos de aderência e expectativas. Rio Claro: **Revista Motriz**, v.13 n.3 p.158-164, jul./set. 2007.

GOMEZ, Raúl. **La enseñanza de la educación física**: en el nivel inicial y el primer ciclo de la educación general básica. Buenos Aires: Stadium, 2004.

INVERNÓ, Josep. **Circo y educación física, otra forma de aprender**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2003.

INVERNÓ, Josep. El circo en la escuela. **Revista Tándem**: Didáctica de la Educación Física, n.16, p.71-83, jul., 2004.

JACOB, Pascal. **Le cirque**: un art à la crisée des chemins. Gallimard: Découvertes, 1992.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.

MATEU, Mercé. **Observación y análisis de la expresión motriz escénica**. Estudio de la lógica interna de los espectáculos artísticos profesionales: Cirque du Soleil (1986-2005). 711p. Tesis doctoral, Universidad de Barcelona, Departamento de teoría e historia de la educación. Barcelona. 2010.

MATEU, Mercé; BORTOLETO, Marco A. La lógica interna y los dominios de acción motriz de las situaciones motrices de expresión (SME). Ponta Grossa: **Revista Emancipação**, vol.11, n.1,129-142, 2011.

MONTEIRO, Antonio *et al*. Resenha do livro Introdução à pedagogia das atividades circenses. Florianópolis: **RBCE**, v.33, n.3, p.799-805, jul/set, 2011.

NUNOMURA, Myriam; NISTA-PICCOLO, Vilma. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte, 2004.

PARANÁ, GOVERNO DO. **Diretrizes curriculares da educação básica educação física**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Básica, Curitiba, 2008. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br. Acesso em 13-02-2012.

PARLEBAS. Pierre. **Juegos, deporte y sociedad**. Léxico de la praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PITARCH, Roger. Los juegos malabares: justificación educativa y aplicación didáctica en la ESO. Barcelona: **Revista Apunts**, n. 61, p. 56-61, 2000.

RICHARDSON, Roberto *et al*. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.

ROBIN, Jean-Grançois. **L'acrobatie en milieu scolaire**, In HAUW, D. (org.) L´acrobatie. Editora ep&s, Paris, 2010.

RODRIGUES, Rafael; FREITAS, Wanderlúcio; SANTOS, Flávia. Ginástica artística e acrobacias circenses: Diferenças, interseções e possibilidades pedagógicas. **Revista Movimentum**, Ipatinga: Unileste-MG - V.3 - N.2 – Ago/Dez. 2008.

SACCO, Raquel; BRAZ, Tiago. Atividades circenses: caracterização das modalidades, capacidades biomotoras, metabolismo energético e implicações práticas. Campinas: **Revista Conexões**, v. 8, n. 1, p. 130-164, jan./abr, 2010.

SÃO PAULO, Governo de. **Cadernos do Professor**. São Paulo: Secretaria de Educação, 2008-2010.

SCHAMBACHER, David. **La jonglerie, plaisir simple et facile**. Jonglerie Diffusion SA, Ginebra, 1994.

SCHAMBACHER, David. **Las Pelotas**. Jonglerie Diffusion SA, Barcelona, 1997.

SILVA, Ermínia. **O circo: sua arte e seus saberes**: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX. Campinas: Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1996.

SILVA, Ermínia; ABREU, Luís A. **Respeitável público... O circo em cena**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009.

SILVA, Ermínia; CÂMARA, Rogério. **O ensino de arte circense no Brasil**: breve histórico e algumas reflexões. I Encontro Funarte de Escolas de Circo, na cidade do Rio de Janeiro, em dezembro 2004. Disponível em: www.circonteudo.com.br. Acesso em: agosto, 2011.

SOARES, Carmen. **Educação Física, Raízes Européias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

SOARES, Carmen. **Imagens da educação no corpo**. Campinas-SP: Autores associados, 1998.

SOARES, Carmen. **Da arte e da ciência de movimentar-se**: primeiros movimentos da ginástica no Brasil. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. de (Org.). História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. 1 ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

SUGAWARA, Carlos. **Quedas e figuras para Corda Lisa e Tecidos**: Fundamentos. São Paulo: vencedor do Prêmio Carequinha Estímulo ao Circo – Funarte/Ministério da Cultura, 2007.

TAKAMORI, Flora *et al*. Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: Um relato de experiência. UFG: **Revista Pensar a Prática**, vol. 13, n. 1, abr., 2010.

TRINDADE, Boris. (Idealizador). **Circo social no Brasil**. Catálogo da Rede Circo no Mundo Brasil, 2010.

UNESCO (Oficina Internacional de Educação). Célestin Freinet. Paris: **Revista Perspectivas**, vol. XXIII, nº 1-2, p. 425-441, 1993.

VAZQUEZ, Benilde (org.). **Bases educativas de la actividad física y el deporte**. Madrid: Ed. Síntesis, 2001.

VENDRUSCOLO, Cinthia. O circo na escola. Rio Claro: **Revista Motriz**, v.15, n.3, p.729-737, jul/set 2009.

VIVEIRO DE CASTRO, Alicia. **O circo sem lona; O circo como ele é; O circo Norte-Americano; O circo no Brasil; Surge um novo circo; O circo contemporâneo brasileiro**. FUNARTE: Editora Atrações, 1998.

WALLON, Emmanuel (org.). **O circo no risco da arte**. (título original "Le cirque au risque de l'art"). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ZADOROSNEI, Vanessa. O Circo: uma reflexão sob o olhar do desenvolvimento motor sobre a aplicação no ambiente escolar. **Revista EFDeporte**, ano 15, nº150, nov., 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 – Lista completa dos documentos analisados na revisão bibliográfica

AGUADO J., X.; FERNÁNDEZ, A. Juegos con malabares. Perspectivas de la Educación Física y el Deporte, Buenos Aires, n.5, p.30-33, Diciembre, 1990.
AGUADO, X.; FERNÁNDEZ, A. Unidades didácticas para primaria II: Los nuevos juegos de siempre: El mundo de los zancos, Juegos malabares Y Juegos de calle. Zaragoza: Inde Publicaciones, 1992.
ALEMANY, E. Tratado de equilibrios gimnásticos: de aplicación en gimnasia deportiva, ornamental y circense. Barcelona: Editorial Sintes,1964.
ÁLVAREZ, J.C. Los Juegos y Deportes Alternativos en Educación Física. Argentina: Revista EFDeportes, Año 5, n° 22, Jun., 2000.
ALZINA, G. ALZINA, M. Ecole Maternelle – Des activites corporelles a l´expression. Revue EPS1 nº97, page: 13, 2000.
ALZINA, G.;.MAUGER, C. Cycle 1 – Jongleurs en herbe. Revue EPS1 nº97, page: 15, 2000.
ARRIBAS, H. Los Zancos. Sus posibilidades educativas. España: Revista La ciudad y el Deporte. nº 36. Fundación Municipal de deportes, 2001.
ASHMAN, S. Juggling. Parragon: Incorporated, 2003.
BAIGORRI, C.; ROYO, I. Unidad didáctica: ¡Malabares! Argentina: Revista EFDeportes, Año 13 - Nº 127, dic., 2008.
BARONI, J.F. Arte circense: a magia e o encantamento dentro e fora das lonas. Goiás: Pensar a prática, v.9, n.1, 81-99, jan/jun 2006.
BEEK, P.J. & LEWBEL, A. La ciencia del malabarismo. Barcelona: Investigación y Ciencia, nº 232, ene., pp. 72-79, 1996.
BERNAL, J. Juegos y ejercicios de malabares. Sevilla: Ed. Wanceulen, 2003.
BERTRAND, P. BERNARD, J. FAIVRE, A. De la decouverte du cirque a la creation d´un spectacle: Le cirque de la voie lactee. Revue EPS1 nº64, page: 10, 1993.
BESMEHN, B. Juggling step-by-step. Sterling, 1995.
BESSE, Y. et al. Du mime…Au spectacle de cirque. Revue EPS1 nº26 page: 18, 1986.
BLOCK, F. La corde lisse acrobatique. Bruxelles: L'Atelie du Trapèza, 2006.
BLUME, M. Akrobatik mit Kindern und Jugendlichen. Verlag: Meyer & Meyer, 2010.
BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. Cadernos de Formação RBCE, p. 43-55, jul. 2011.
BORTOLETO, M. A. C. Circo y Educación Física: Los juegos circenses como recurso pedagógico. Buenos Aires: Revista Stadium, Ed. Stadium, n.195, marzo, 2006.
BORTOLETO, M. A. C. Rola-bola: iniciação. Espírito Santo de Pinhal – SP: Revista Movimento & Percepção. ISSN 1679–8678. Vol. 4, Nº 4-5 jan. dez., p. 100-109, 2004.
BORTOLETO, M. A. C. y CALÇA, D. H. El trapecio circense: estudio de las diferentes modalidades. Revista EFDeportes, año 12, n. 109, jul., 2007. http://www.efdeportes.com/efd109/o-trapezio-circense.htm
BORTOLETO, M. A. C., PINHEIRO, P. H. e PRODOCIMO, E. Jogando com o circo. Jundiaí – SP: Editora Fontoura, 2011.

BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. Circo e Educação Física: Compendium das Modalidades Aéreas. Espírito Santo do Pinhal – SP: Revista Movimento e Percepção. Vol. 8, nº 11, 2007.

BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. O tecido circense: Fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. Campinas – SP: Revista Conexões, v. 5, n° 2, pp. 78-97, 2007.

BORTOLETO, M.A.C. A ginástica e as atividades circenses. In Ana Angélica Freitas Góis, Roberta Gaio e José Carlos Freitas Batista. A Ginástica em Questão: Corpo e Movimento. São Paulo: Editora Phorte, 2010.

BORTOLETO, M.A.C. A perna de pau circense: O mundo sob outra perspectiva. Rio Claro: Revista Motriz, Vol. 9, nº 3, dic., 2003.

BORTOLETO, M.A.C. et al. Introdução à pedagogia das atividades circenses. Jundiaí: Editorial Fontoura, 2008.

BORTOLETO, M.A.C. et al. Introdução à pedagogia das atividades circenses. Volume 2. Jundiaí: Editorial Fontoura, 2010.

BORTOLETO, M.A.C., et. al. Capítulo 4: As artes circenses nas aulas de Educação Física. In MOREIRA, E. C.; PEREIRA, R. Educação Física Escolar – desafios e propostas 2 (reedição), Editora Fontoura, Jundiaí, 2011.

BRAVO, M. et al. Aplicación de una progresión didáctica con malabares para la educación secundaria obligatoria. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 12 - N° 115 – Dic. 2007.

BRAVO, Marcos et al. Reutilizamos y jugamos con las cajas chinas: Unidad Didáctica. Revista EFDeportes, Año 10 - N° 93 - Febrero de 2006, Argentina.

BROZAS, M. P. & DÍEZ y VICENTE, M. Creatividad motriz mediante exploración cooperativa: relato de una experiencia (1ª parte). La Coruña: Revista de Educación Física, nº56, 1995.

BROZAS, M. P. La recuperación del trapecio en la Educación Física: de la historia a la didáctica. Buenos Aires: Revista EFDeportes, n.17, año 4, dic., 1999.

BROZAS, M. P. Las Dimensiones Pedagógicas de la actividad acrobática en L´acrobatie et les acrobates (1903) de Strehly, G. Buenos Aires: Revista Lecturas Educación Física y Deportes. Año 4. nº 14, Jun., 1999.

BRUCHON, F. Jonglerie: Créer des nouvelles figures. Revue EP.S nº299, page: 48, 2003.

BUDIN, R. Jonglerie: Jongler à trois balles. Revue EP.S nº272, page: 62, 1998.

BUSSE, H.. Artistik: Hohe schule der Körperkunst. Leipzig: Editorial Meyer & Meyer Verlag, 1991.

CARRAL, M. F. El Circo de las Estrellas. Algunas ideas que fundamentan la realización de un circo en la escuela. Buenos Aires: Revista Digital Lecturas Ed. Física y Deportes, Año 7, n° 39, ago., 2001.

CASSIDY, J.; RINBEAUX, B. C. Juggling for the Complete Klutz: Klutz Press, 2002.

CASTRO, M.; ROMERO, A. 'Callejeros': unidad didáctica para LOGSE. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 16, nº 155, Abr., 2011.

CHALLANDE, Y. Méthodologie trapézoïdale. Volume 1, Genéve: École de cirque de Genéve, 2002.

CHIQUETTO, E.; FERREIRA, L. A. O ensino de atividades circenses para alunos de 5ª serie nas aulas de educação física. Motrivivencia. Ano XX, nº31, p.50-65, dez, 2008.

COASNE, J. Enseigner les arts du cirque. París: Revue EP.S nº313, page: 39, 2005.

COASNE, J.. A la découverte des arts du cirque. París: Revue EPS, nº 238, pp.17-19, 1992.

COMES, M., GARCIA, I. MATEU, M., POMAR, L. Fichero de Juegos Malabares. Barcelona: INDE, 2000.

COSTA, A. C.; TIAEN, M.; SAMBUGARI, M. Arte circense na escola: possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar. Ponta Grossa: Revista olhar de professor. Año/vol 11, num. 1, pag. 197-217,

2008.

CUENCA, M. A. Unidad didáctica: 'El circo, un sinfín de espectáculos'. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 14 - Nº 139 – Dic., 2009.

DA SILVA, C. L.. Vivência de atividades circenses junto a estudantes de Educação Física: reflexões sobre Educação Física no ensino médio e tempo livre. Belo Horizonte: Revista Licere, v.12, n.2, jun., 2009.

DANCEY, C. How to ride your Unicycle. A beginner´s guide to the most ridiculous form of transporte ver invented. Inglaterra: Butterfingers Books, 1998.

DANCEY, C. The Enciclopaedia of Ball Juggling. Inglaterra: Butterfingers Books, 2003.

DIAS, A. Circo nas aulas de Educação Física: Relato de experiência para ensino médio. Buenos Aires: Revista Digital EFDeportes. Año 15, nº 154, Mar., 2011.

DINGMAN, R. Patterns: a manual of club passing. 2a ed. New York: Brian Dubé Inc, 1994.

DINGMAN, R. The Little Book of Juggling. Running Press, 1994.

DINKLAGE, B., BARDELL, B. Die Kunst des Einradfahrens. Alemanha: Edition Aragon, 2000.

DOLS, J. Reciclaje y materiales para la educación física en la escuela rural. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 10 - N° 87, ago., 2005.

DORE, C. Mastering Devilstick. Circustuff, 1995.

DUPRAT, R. M. e BORTOLETO M. A. C. Educação Física Escolar: Pedagogia e didática das atividades circenses. Campinas – SP: Revista Brasileira de Ciências do esporte, Autores Associados, v.28, n.2, p.171-190, jan., 2007.

DUPRAT, R.; GALLARDO, J. Artes Circenses no âmbito escolar. Unijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010.

DUPRE, C. ZIMMER, B. Cycle 1 – Au royaume dês clowns. París: Revue EPS1 nº97, page: 17, 2000.

DURAND, F. L'école du cirque. Toulouse: Ed. Biocircus, 1999.

DURAND, F.; PAULAK, T. Le corps jonglé: à la découverte du jongluer et de son langage gestuel. Vic-la-Gardicle: Ed. L'Entretemps, 2004.

DURAND, F.; PAULAK, T. Le libre de la jongle 2. Toulouse: Ed. Biocircus, 1999.

Équipe EPS 1 du Cantal. Cycle 2 - Atout jonglage. París: Revue EPS1 nº134, page: 19, 2007.

Équipe EPS Charente-Maritime. Arts du cirque - Équilibriste sur un Rolla Bolla. París: Revue EPS1 nº344, page: 56, 2010.

ERNEST, J. Contact Juggling. USA: Butterfingers Books, 1990.

ESPAÑA, J. A.; MÁRMOL, S. Unidad didáctica: ¡Pasen y vean! Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15 - nº 146 – Jul., 2010.

FEILER, B. Under the Big Top: A Season with the Circus. Publisher: Perennial; 1st Perennial ed edition, Apr., 2003.

FERRER, H. EPS1 au Quebec – Lance, attrape et relance. París: Revue EPS1 nº44, page: 19, 1989.

FERRER, H. La jonglerie pas à pas. París: Reveu EPS 1,nº 36, pp.21-22., jan./fev., 1988.

FIFE, B.. Dr. Dropo's Juggling Buffoonery. Piccadilly Books, Ltd., 1988.

FINNIGAN, D, FINNIGAN, D, FINNIGAN, B. Juggling: from start to star. Inglaterra: Human Kinetics, 2002.

FINNIGAN, D. Ball Juggling: Step by Step. Butterfingers, Inglaterra, 1993.

FINNIGAN, D. Devilstick: step by step. Butterfingers, Inglaterra, 1993.

FINNIGAN, D. Diabolo step by step. Butterfingers, Inglaterra, 1993.

FINNIGAN, D. e BOSNA, P. Jongleren. Gaade, 1995.

FINNIGAN, D. Scarf juggling step by step. Butterfingers, Inglaterra, 1993.

FINNIGAN, D. The complete Juggler – All the steps from beginner to professional. Editorial Betterfingers, Bristol. Inglaterra, 1992.

FINNIGAN, D. The joy of juggling. Jugglegug, Inglaterra, 2003.

FINNIGAN, D. The Zen of juggling. Jugglebug, Inglaterra, 1993.

FODELLA, P. Les arts du cirque a l´ecole – Questions a Patrick Fodella, President de la F. F. Des Ecoles de Cirque. París: Revue EPS1 nº97, page: 3, 2000.

FODELLA, Patrick. Les arts du cirque a l'ecole: Dossier arts du cirque. Revista EPS1, nº 97, París, 2000.

FODERO, J. FURBLUR, E. Creating Gymnastic Pyramids and Balances. Estados Unidos: Leirure Press, 1989.

FOUCHET, A. Las Artes del Circo: Una aventura pedagógica. Buenos Aires: Editorial Stadium, 2006.

FRATELLINI, A. EPS à L´école Nationale Du Cirque. París: Revue EPS nº 183, page: 4, 1983.

GAQUIERE , R. Les arts du cirque: L´acrobatie a L´ecole. París: Revue EPS1 nº61, page: 32, 1993.

GAQUIERE, R. Les arts du cirque: L´equilibre a L´ecole. París: Revue EPS1 nº59, page: 28, 1992.

GAQUIERE, R. Les arts du cirque: Jongler a L´ecole. París: Revue EPS1 nº58 page: 28, 1992.

GASPARI, J.; SCHWARTZ, G. Vivências em arte circense: motivos de aderência e expectativas. Rio Claro: Revista Motriz, v.13 n.3 p.158-164, jul./set., 2007.

GIFFORD, Clive. Juggling. Usborne, 1996.

GOMEZ, P. N. El circo en la escuela como proyecto. Una propuesta significativa para el desarrollo de los contenidos de la Educación Física escolar. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 12 - n° 115, dic., 2007.

GOULART, M. C. Ginástica, circo e dança: um relato da educação física na educação infantil. Cadernos de Formação RBCE, p. 30-42, jul., 2011.

GOUTEL, B. MOREL, D. Cycle 2: Au plaisir de jongler. París: Revue EPS1 nº93, page: 19, 1999.

GRANT, Donald. My first diabolo book. Circustuff, 1995.

GUYOT, P. SALLES, E. Acrosport et jonglerie: Construire dês pyramides à jongler. París: Revue EPS nº255, page: 54, 1995.

HACKETT, P. H. OWEN, P. Escuela de Malabarismo, Guía paso a paso de los juegos malabares. Madrid: Editorial TUTOR, 2000.

HAUW, D. (org.) L´acrobatie. París: Editora ep&s, 2010.

HENRIQUES, C. Picadeiro, palco, escola: A evolução do circo na Europa e no Brasil. Buenos Aires: Revista EFDeportes, año 11, nº101, oct. 2006.

HIRT, M.; RAMOS, I. Maximum Middle School Physical Education, USA: Human Kinetics, 2008.

HOCHMAN, N.; BAVELIER, A. Quel cirque! Des écoles à la piste, París: Editorial Alternatives, 1999.

HÖHER, S. Einradfahren: vom Anfänger zum Könner. Rowohlt, Dinamarca, 1991.

INDE Publicaciones. Fichero de Gimnasia Natural, Barcelona, 1999.

INVERNÓ, J. Circo y Educación Física. Otra forma de aprender. Barcelona: Inde Publicaciones, 2003.

INVERNÓ, J. El circo en la escuela. Barcelona: Revista Tandem, didáctica de la educación física, p.72-82, nº16, jul 2004,

IRVING, R. MARTINS, M. EDWARDS, M. Pathways in juggling: learn how to juggle with balls, clubs, devil sticks, diablos, and beyond. Firefly Books, 1997.

JAFFE, E. D. Juggling. Minneapolis (USA): Compass Point Books, 2002.

JANÉ, J.; MINGUET, J. M. Sebastià Gasch, el gust pel circ: antología de textos. Tarragona: Editorial El Mèdol, 1998.

JUUL, E. Cirkus, Gogl og Motorisk Fantasi. Nyborg (Dinamarca): Kroppen i Skolen, 2008.

KAHN, M.; BATCHELOR, L. J. Poi spinning. USA: Butterfingers, 2002.

KELBER-BRETZ, W. Bretz Kinder machen Zirkus. Dinamarca: Meyer & Meyer Verlag, 2007.

KRABBE, P. Hopla Gogler. Odense: Fins Paedagog-Seminarium, (data desconhecida)

LAPEYRE, M.; STIMBRE , B. Jongler a trois balles. París: Revue EPS1 nº79, page: 25, 1996.

LATORRE, J. M. Unidad Didáctica: Aprendo Malabares. Buenos Aires: Revista EFDeportes, año 14, nº135, ago. 2009.

LAZARO, A. Gigantes con Zancos. El mundo desde otra perspectiva. Alemanha: Motorik, vol.2, pp. 77-79, 2000.

LE MERCIER, F. Jonglerie – Diabolo: Acquerir le lancer-rattraper. París: Revue EP.S nº269, page: 48, 1998.

LE MERCIER, F. Jonglerie-Diabolo: Complexifier les figures. París: Revue EP.S 277, page: 54, 1999.

LE MERCIER, F. Jonglerie-Diabolo: Realiser dês figures. París: Revue EP.S nº273, page: 53, 1998.

LE MERCIER, F.Jonglerie-Diabolo: Acquerir Le lancer-rettraper. París: Revue EP.S nº269, page: 48, 1998.

LECLUSE, J.; LEFEBVRE-PUECH, C. Feux croises – Partir en sejour cirque. París: Revue EPS1 nº97, page: 7, 2000.

LEFAY, A. Cycle 3 – Acrobates experts. París: Revue EPS1 nº97, page: 23, 2000.

LEHN, D. ¡Agáchate y vuélvete a agachar! Malabares para todos. Madrid: La Biblioteca Encantada de Juan Tamariz. Frakson, 1991.

LEPER, R.; VAN MAELE, I. Circus op school: acrobatie, evenwicht en jongleren. Holanda: ACCO, 2001.

LERAY, C. Le cirque,avec l'académie du cirque André Gazanson de Sucy. París: Revue EPS 1, nº 82, mars-avril, pp.3- 6, 1997.

LERAY, C. Le cirque. París: Revue EPS1 nº82, page: 3, 1997.

LOPES DA SILVA, C. Vivência de Atividades Circenses Junto a Estudantes de Educação Física. Belo Horizonte: Revista Licere, v.12, n.2, jun., 2009.

LORIUS, V. Cycle 1 – Apprenti jongleur. París: Revue EPS1 nº101, page: 17, 2001.

LORIUS, V.MEUNIER, L. J'apprends à jongler. París: Revue EPS1 nº88, page: 33, 1998

MARTINEZ, A. M. El Acrosport y su aplicación práctica como contenido educativo. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 13 - n° 125, oct., 2008.

MATEU, M. El lenguaje perceptivo y la expresión corporal: El circo. Guías prácticas para la Formación del Profesorado. Barcelona: Praxis, 1999.

MINISTÈRE DE L´EDUCATION NATIONALE, DE LA RECHERCHE ET DE LA TECHNOLOGIE-Francia (CNAC). Théâtre Aujourd´hui nº7 – Le Cirque Contemporain, La Piste et la Scène. Centre National de Documentation Pédagogique. París, 1998.

MITCHELSON, M. How to Be a Juggler. Stargazer Books, 2006.

NAVAS, M. Fichero de Acrobacias en el Suelo. Barcelona: INDE, 2010.

OBERSCHACHTSIEK, B. Jonglieren und Mehr: handbuch bewegungskünste für schele, verein und freizeit. Leipzig: Ed. Meyer & Meyer, 2003.

ORTEGA, C. Unidad Didactica: "A las alturas con los zancos". Buenos Aires: Revista EFDeportes, año 14, nº138, nov. 2009.

PAJUELO, V. Cariocas: aprendo malabares. Unidad didáctica para Educación Física en secundaria. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 12 - n° 109, jun., 2007.

PAUMIER, D. Contrepoint : une aventure jonglistique. París: Revue EPS1 nº126, 12, 2006.

PEJU, N. Cycle 1: Le carnaval des jongleurs. París: Revue EPS1 nº108, page: 17, 2002.

PEÑALVER, J. A.; FERNÁNDEZ, P. Experiencia de una unidad didáctica de malabares con bolas. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15, nº 149, oct., 2010.

PEREJIL, R. Cómo utilizar materiales de desecho en las clases de Educación Física. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 14 - nº 133, jun., 2009.

PERRON, M. EPS Au Quebec –Acrobacirque. París: Revue EPS nº210, page: 53, 1988.

PERRON, M. Sous le chapiteau. Acrobacirque. París: Revue EPS1 nº36, page: 19, 1988.

PICOLINO. Almanaque Picolino: 18 anos de Circo e Arteducação Revolucionária, Gráfica JB. São Paulo, 2004.

PITARCH, R. Los juegos malabares: justificación educativa y aplicación didáctica en la ESO. Barcelona: Revista Apuntes, n. 61, p. 56-61, 2000.

RAMIREZ, G. L'entraînement acrobatique au sein du cirque: de l'enfant à l'artiste. París: Edition L'Harmattan, 2005.

RANSOM, D. Circus Thematic Unit. USA: Teacher Created Resources, 2002.

REMY, F. Le footbag, l'art du jonglage aux pieds. París: Revue EP.S nº313, page: 60, 2005.

RIVERA, D. Construye y practica: los malabares en Educación Física. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 13 - n° 125, oct., 2008.

RODRIGUES, R., FREITAS, W., SANTOS, F. Ginástica artística e acrobacias circenses: Diferenças, interseções e possibilidades pedagógicas. Ipatinga, Unileste-MG: Revista Movimentum, V.3, nº 2, ago/dez., 2008.

RODRÍGUEZ, C. Unidad didáctica para secundaria: Malabares. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 16, nº 155, abr., 2011.

RODRÍGUEZ, J. M. Organización autónoma y cooperativa del aprendizaje de malabares. La Coruña: Ed. Boidecanto, Revista Educación Física, nº95, p. 21-25, 2004.

ROSADO, P. Introducción a las técnicas circenses desde una perspectiva integradora de género. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 16, nº155, abr., 2011.

RÜEGG, E. L'apprendimento dell' arte dei giocolieri. Suiça: Scuola Federale dello sport, 1991.

SÁEZ, P.; TOMÁS, O.; GIL, S. Quadern D´educació Física Malabars, Nivell 1. Valencia: ECIR Editorial. (data desconhecida)

SÁNCHEZ, G. F.; SÁNCHEZ, L. Metodología de enseñanza de malabares con pelotas. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15 - nº 143, abr., 2010.

SCAMARONI. Parcours Diversifie – Spectacle de cirque bilingüe. París: Revue EP.S nº278, page: 31, 1999.

SCHAMBACHER, D. El Diabolo. Ginebra: Jonglerie Diffusion SA, 1996.

SCHAMBACHER, D. How to teach and enjoy juggling, Geneva: Mister Babache Methodology. Jonglerie Diffusion SA, 2007.

SCHAMBACHER, D. La jonglerie, plaisir simple et facile. Ginebra: Jonglerie Diffusion SA, 1994.

SCHAMBACHER, D. Las Pelotas. Barcelona: Jonglerie Diffusion SA, 1997.

SCHAMBACHER, D. Mazas. Barcelona: Jonglerie Diffusion SA, 1998.

SCHMIDT-SINNS, J. Freies Turnen am Trapez: Höhenflüge leicht gemacht. Dinamarca: Meyer & Meyer, 2000.

SILVA, C. Vivência de atividades circenses junto a estudantes de educação física: reflexões sobre educação física no ensino médio e tempo livre. Belo Horizonte: Licere, v.12, n.2, jun., 2009.

SIMON, A. Cirque. París: Revue EPS1 nº97, page: 9, 2000.

SOARES, C. L. Acrobacias e Acrobatas: anotações para um estudo do corpo. In: BRUHNS, H. T. e GUTIERREZ, G. L. (Org.) Representações do Lúdico: II Ciclo de debates "lazer e motricidade". Campinas: Autores Associados, p. 33-41, 2001.

STATE OF QUEENSLAND. Early years curriculum materials: The Circus. Queensland Studies Authorityl. Queensland (Australia), 2006.

STRONG, T. The Devilstick Book. Brian Dubé, 1990

TAKAMORI, F. et al. Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: Um relato de experiência. UFG: Revista Pensar a Prática, vol. 13, n. 1, abril 2010.

VENDRUSCOLO, C. R. O circo na escola. Rio Claro: Motriz, v.15, nº3, p.729-737, jul/set 2009.

VENTURINI, G. et al. Atividades circenses na Educação Física Escolar. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15 - nº 146, jul., 2010.

VERNETTA, M.; LÓPEZ, J. El Acrosport: una alternativa en la Etapa Secundaria como actividad simbiótica de ritmo y movimiento. Revista Perspectiva de la Educación Física, jun., 1993.

VERNETTA, M.; LÓPEZ,J.; PANADERO, F. El acrosport en la escuela. Barcelona: INDE. La Educación Física en Reforma, 1996.

VIEDMA, J. M. Juegos y ejercicios de Acrobacia: la acrobacia como valor educativo. Sevilla: Editorial Wanceulen, 2002.

VIEDMA, J. M. Talleres extraescolares de Educación Física. Sevilla: Editorial Wanceulen, 2001.

VIGNAUD, D. Feux croises – Accueillir des clases sous le chapiteau. París: Revue EPS1 nº97, page: 6, 2000.

VIVOLO, G. Ride the Unicycle - a Crash Course! Ride the Unicycle, 2006.

WILKENS, A, MAGER, R. Unicycling: First Steps - First Tricks. Meyer & Meyer Verlag, 2006.

ZADOROSNEI, V. O circo: uma reflexao sob o olhar do desenvolvimento motor sobre a aplicação no ambiente escolar. Buenos Aires: Revista EFDeportes, Año 15, nº150, nov, 2010.

ZIETHEN, K. Enrico Rastelli und die besten jongleure der welf. Berlin, 1996.

ANEXO 2 – Guia de registro no Diário de Campo

Este modelo de registro das observações no diário de campo foi criado visando aperfeiçoar o trabalho da pesquisadora, bem como sistematizar os registros e assim facilitar o processo de análise. Conforme detalhamos na metodologia, os diferentes aspectos a serem observados foram divididos em várias categorias, dentro das quais podemos encontrar várias subcategorias.

DIÁRIO DE CAMPO

Pesquisadora:		
Data:		
Escola:	Turma:	Horário:
Sessão observada - número:		

Categoria 1: Atividade

Categoria 1.1.- Descrição do exercício:

Categoria 1.2.- Duração das atividades:

Categoria 1.3.- Material utilizado:

Categoria 1.4.- Espaço:

Categoria 2: Metodologia

Categoria 2.1.- Organização da aula:

Categoria 2.2.- Organização dos materiais:

Categoria 2.3.- Organização dos alunos:

Categoria 2.4.- Posição do professor na aula:

Categoria 3: Sujeitos

Categoria 3.1.- Alunos, outros:

Categoria 3.2.- Professor:

Categoria 4: Observações gerais:

ANEXO 3 – Roteiro da entrevista semiestruturada dirigida aos professores das escolas visitadas

SOBRE O ENTREVISTADO

- O senhor/a poderia, por favor, fazer uma breve apresentação pessoal sobre sua formação acadêmica e profissional, destacando suas experiências na área?
- Qual sua experiência na prática e docência das atividades circenses?

SOBRE AS AULAS

- Como você organiza e/ou prepara suas aulas?
- Como você analisa a participação dos alunos na aula?
- Qual é o interesse dos alunos para as aulas com conteúdos circenses?
- Em sua opinião, qual é o principal, ou principais objetivos das aulas de educação física?
- Como é dividido o ano em referencia a conteúdos de educação física? Quanto desse tempo é ocupado pelas atividades circenses?
- Nas suas aulas de educação física, se trabalha o desenvolvimento de valores transversais?
- Você utiliza algum autor especifico para a preparação das aulas de atividades circenses?
- Como é feita a avaliação dos alunos?

SOBRE AS ATIVIDADES CIRCENSES COMO ELEMENTO PEDAGÓGICO

- Porque você escolheu as atividades circenses como recurso pedagógico?
- Em sua opinião qual o papel das atividades circenses para a educação física escolar? Você acha que ela ajuda no desenvolvimento de uma educação física integral?
- Quais aspectos (físicos, psicológicos, sociais, etc.) você acha que as atividades circenses desenvolvem nos alunos?

CONTEXTO INSTITUCIONAL E FAMILIAR

- Qual é o posicionamento da escola respeito das praticas circenses na educação física? Apoiam o conteúdo circense? Quais os motivos?
- Qual é o posicionamento dos pais com relação às atividades circenses? Apoiam as práticas ou pelo contrario? Quais os motivos?

ANEXO 4 – Carta de solicitação às instituições onde serão realizadas as observações (português): Escola Curumim

Ilmo. Sr (a) GLÁUCIA DE MELO FERREIRA
Diretor (a) (coordenador a) da **ESCOLA CURUMIM**

Esta carta tem como objetivo solicitar junto a esta prestigiada instituição a autorização para realizar parte da pesquisa intitulada **"Atividades Circenses e Educação Física: Equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos"** nas dependências da mesma.

Pesquisadora: Teresa Ontañon Barragan – Mestranda FEF/UNICAMP
Responsável pela pesquisa: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto – FEF/UNICAMP

Objetivo da pesquisa

Analisar e expor os principais benefícios que as atividades circenses podem trazer para a educação física atual, promovendo assim a introdução do circo na escola como elemento pedagógico através de um estudo da metodologia atualmente utilizada em escolas onde são ensinadas estas atividades, incluindo duas no Brasil e duas na Espanha. Serão observados os dois tipos de metodologias de ensino e recursos pedagógicos utilizados no processo educacional.

Justificativa

A educação física tem mudado muito nos últimos anos, o que anteriormente foi tachado de rígido, técnico e excessivamente esportivizado, transformou-se em uma educação física mais preocupada com o desenvolvimento integral do aluno. Porém, atualmente continuam aparecendo como conteúdo principal das aulas, os esportes, limitando em ocasiões outras possíveis práticas corporais.

O objetivo desta pesquisa é desviar-se um pouco da prática exclusiva dos esportes e propor as atividades circenses como recurso pedagógico da educação física. Entendendo o ensino de ditas atividades de uma maneira ampla e não como a simples aprendizagem de técnicas fechadas.

Através da pesquisa nas escolas se pretende chegar ao objetivo esperado que é o de oferecer uma educação física para os nossos alunos de qualidade, que não somente se preste a desenvolver habilidades físicas, mas também elementos como a criatividade e a linguagem corporal, que

possam transmitir aos nossos alunos uma série de valores através dessas práticas e oferecer uma educação física integral.

Metodologia

Trata se de uma pesquisa qualitativa já que o resultado da mesma não pode ser traduzido em números nem medidas, este deve ser interpretado pelo pesquisador, que analisará os fenômenos e a partir deles atribuirá uma serie de significados. Assim, desde o ponto de vista do objetivo que se pretende atingir, segundo Gil (1991) a pesquisa a ser realizada seria uma pesquisa de natureza exploratório-descritiva, já que o primeiro passo será a realização de um levantamento bibliográfico, lendo a literatura existente sobre as atividades circenses e as possibilidades pedagógicas que estas contém. Depois será realizada a pesquisa nas escolas selecionadas para proporcionar uma familiarização com a atual situação mediante uma observação sistemática das aulas de educação física. Serão também realizadas entrevistas com as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, nesse caso com os professores, com o fim de analisar os exemplos que estimulem a situação do problema.

Para a coleta das informações os instrumentos que vamos utilizar são:

- OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE: Tratasse de uma observação sistemática, previamente planejada na qual a pesquisadora observará as aulas de educação física nas diferentes escolas, sem nenhum tipo de participação na aula, serão observadas de 4 a 6 sessões de aula em cada escola onde o conteúdo seja a atividade circense.

- ENTREVISTA: Nesse caso será uma entrevista em profundidade, semiestruturada dirigida a os professores de educação física com o fim de conhecer melhor os conteúdos desenvolvidos nas aulas.

Durante a observação os aspectos importantes para a pesquisa estão divididos em categorias, as quais incluem:

- Práticas e conteúdos desenvolvidos durante a aula.
- Duração das práticas, tempo que é dedicado a certa habilidade durante a aula.
- Materiais que são utilizados na aula, tanto materiais específicos da modalidade como materiais auxiliares.
- Espaço utilizado: local onde a prática acontece.
- Metodologia da aula: aqui observaremos a organização da aula, dos materiais, dos alunos, etc.

- Sujeitos, nesse caso os alunos e professores implicados na pratica, número, idade, sexo, etc.

Termos da participação:

Realizaremos observação direta de das aulas de educação física, com presença do pesquisador no espaço escolar, sem que o mesmo interfira na dinâmica cotidiana de atividades realizadas pelos profissionais responsáveis.

Será realizada também uma entrevista em profundidade com o professor responsável pelas aulas.

Ao participar a instituição permitirá o uso das informações obtidas nestas atividades para usos única e exclusivamente acadêmico-científicos, com a preservação da identidade oficial dos envolvidos, o sigilo enquanto a identidade dos alunos será mantido em todo momento. Todos os implicados no estudo terão acesso a uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e no final da pesquisa, será encaminhado uma cópia do relatório final.

AUTORIZAÇÃO

Tendo em vista os argumentos apresentados, entendo que tenho como garantia, como instituição participante da pesquisa, acesso à metodologia do trabalho, tendo total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, de modo que não haverá qualquer prejuízo a instituição por mim representada. Também estou esclarecendo que não há riscos previsíveis na participação desta instituição na respectiva pesquisa.

É também de meu inteiro conhecimento que os dados obtidos terão uso exclusivo para fins da pesquisa em questão, mantendo em todo momento a garantia de sigilo sobre a identidade dos alunos e não havendo custos nem ganhos financeiros para a minha participação.

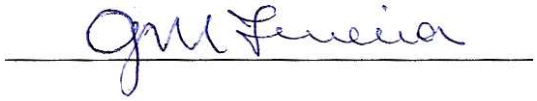
Em conformidade com o exposto acima, eu, GLÁUCIA DE MELO FERREIRA, (nacionalidade) BRASILEIRA, portador do documento 10.456.539, autorizo a realização da pesquisa **"Circo e Educação Física: Equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos",** realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob-responsabilidade da pesquisadora Teresa Ontañon Barragan, no período de **maio de 2011.**

Observação:

O responsável pelo projeto pode ser encontrado através do seguinte endereço:

Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física – Coordenação de Pós-Graduação – Rua Érico Veríssimo 701, Cidade Universitária Campinas/SP, Caixa Postal 6134, CEP 13083-851
Fone: (19) 3521 6609.
E-mail: teonba@gmail.com

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa podem ser feitas através do endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126 - Caixa Postal 6111 – CEP 13083-887 Campinas – SP. Fone (019) 3521-8936 Fax (019) 3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Glaucia de Melo Ferreira
Diretora da escola Curumim
Sociedade de Educaçao, Pesquisa e Cultura Escola Moderna, Ltda-EPP

Teresa Ontañon Barragan // Estudante de mestrado da FEF/UNICAMP

ANEXO 5 - Carta de solicitação às instituições onde serão realizadas as observações (espanhol): I.E.S. Narcís Monturiol

Ilmo. Sr (a) MIGUEL TURRÓ FRIGOLA
Director (a) (coordinador/a) do **INSTITUT NARCÍS MONTURIOL**

Esta carta tiene como objetivo solicitar junto a esta prestigiosa institución la autorización para realizar parte de la investigación titulada **"Circo y Educación Física: Equilibrios y desequilibrios pedagógicos"** en las dependencias de la misma.

Investigadora: Teresa Ontañon Barragan – Estudiante de Máster Universitario FEF/UNICAMP
Responsable por la investigación: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto – FEF/UNICAMP

Objetivo de la investigación:

El objetivo principal es analizar y exponer los principales beneficios que las actividades circenses pueden traer para la educación física actual, promoviendo así la introducción del circo en la escuela como elemento pedagógico, a través de un estudio de la metodología actualmente utilizada en escuelas donde son enseñadas estas actividades, incluyendo una en Brasil y una en España, para observar los dos tipos de metodología de enseñanza y los recursos pedagógicos utilizados durante el proceso educacional.

Justificativa:

La educación física viene cambiando mucho en los últimos años, lo que anteriormente fue tachado de rígido, técnico y excesivamente deportivizado, viene cambiando hacia una educación física más preocupada con el desarrollo integral del alumno. Aún así, actualmente continúan apareciendo como contenido principal de las clases, los deportes, limitando en ocasiones las posibles prácticas corporales.

El objetivo de esta investigación es desviarse un poco de esta práctica exclusiva de los deportes y proponer las actividades circenses como recurso pedagógico de la educación física. Entendiendo la enseñanza de dichas actividades de una manera amplia y no como el aprendizaje de una variedad de técnicas simplemente.

A través de este estudio en colegios, se pretende llegar al objetivo esperado que es el de ofrecer una educación física para nuestros alumnos de calidad, que no solo sirva para desarrollar las habilidades físicas, sino también elementos como la creatividad y el lenguaje corporal, que puedan transmitir a nuestros alumnos una serie de valores a través de estas prácticas.

Metodología:

Se trata de un estudio cualitativo ya que el resultado del mismo no puede ser traducido en números ni medidas, este debe ser interpretado por el investigador, que analizara los fenómenos y a partir de ellos atribuirá una serie de significados. Así desde el punto de vista del objetivo que se pretende atingir, según Gil (1991) la investigación a ser realizada sería una investigación de naturaleza exploratorio-descriptiva, ya que el primer paso será la realización de un levantamiento bibliográfico, estudiando la literatura existente sobre las actividades circenses y las posibilidades pedagógicas que estas traen. Después será realizada una investigación en las escuelas seleccionadas para proporcionar una familiarización con la actual situación mediante una observación sistemática de las clases de educación física. Serán también realizadas entrevistas con las personas envueltas en el proceso de enseñanza-aprendizaje, en este caso con los profesores, con el fin de analizar los ejemplos que estimulen la situación del problema planteado.

Para la colecta de las informaciones los instrumentos que vamos utilizar son:

- OBSERVACIÓN NO PARTICIPANTE: Se trata de una observación sistemática, previamente planeada en la cual la investigadora observará las clases de educación física en las diferentes escuelas, sin ningún tipo de participación directa en la clase, serán observadas de 6 a 10 sesiones de aula en cada escuela donde el contenido sea la actividad circense.

- ENTREVISTA: En este caso será una entrevista en profundidad, semiestruturada dirigida a los profesores de educación física con el fin de conocer mejor los contenidos desarrollados en las clases.

Durante la observación los aspectos importantes para la investigación están divididos en categorías, las cuales incluyen:

- Prácticas y contenidos desarrollados durante la clase.
- Duración de las prácticas, tiempo que es dedicado a cierta habilidad durante la clase.
- Materiales que son utilizados en la clase, tanto materiales específicos de la modalidad como materiales auxiliares.
- Espacio utilizado: local donde la práctica ocurre.

- Metodología de aula: aquí observaremos la organización del aula, de los materiales, de los alumnos, etc.
- Sujetos, en este caso los alumnos y profesores implicados en la práctica, número, edad, sexo, etc.

Términos de la participación:

Realizaremos observación directa de 6 a 10 sesiones, con presencia del investigador en el espacio escolar, sin que el mismo interfiera en la dinámica cotidiana de actividades realizadas por los profesionales responsables.

Será realizada también una entrevista en profundidad con el profesor responsable por las aulas.

Al participar la institución permitirá el uso de las informaciones obtenidas en estas actividades para usos única y exclusivamente académico-científicos, con la preservación de la identidad oficial de los implicados, el sigilo en cuanto a la identidad de los alumnos será mantenido en todo momento. Todos los implicados en el estudio tendrán acceso a una copia del Término de Consentimiento Libre y Aclarado y al final de la investigación será encaminada un copia del proyecto final.

AUTORIZACIÓN

Teniendo en vista los argumentos presentados, entiendo que tengo como garantía, como institución participante de la investigación, acceso a la metodología de trabajo, teniendo total libertad de recusarme a participar o retirar mi consentimiento en cualquier fase del estudio, de modo que no habrá cualquier tipo de prejuicio a la institución por mi representada. También estoy aclarando que no hay riesgos previsibles en la participación de esta institución en la respectiva investigación.

Es también de mi entero conocimiento que los datos obtenidos tendrán uso exclusivo para los fines de la investigación en cuestión, manteniendo en todo momento la garantía de sigilo sobre la identidad de los alumnos y no habiendo costos ni ganancias financieras para mi participación.

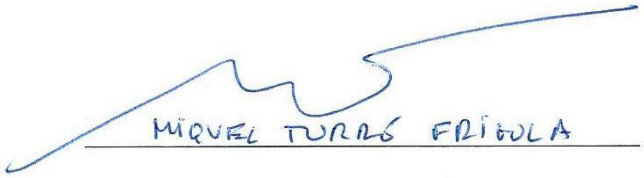
En conformidad con lo arriba expuesto, yo, MIQUEL TURRÓ FRIGOLA, (nacionalidad) ESPAÑOLA, portador del documento de identificación (DNI o pasaporte) 46.672.279N, autorizo la realización de la investigación **"Circo y Educación Física: Equilibrios y desequilibrios**

pedagógicos” realizada por la Facultad de Educación Física de la Universidad Estatal de Campinas (Brasil), sobre responsabilidad de la investigadora Teresa Ontañon Barragan, en el período de noviembre de 2011.

El responsable por el proyecto puede ser encontrado a través de la siguiente dirección:

Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física – Coordenação de Pós-Graduação – Rua Érico Veríssimo 701, Cidade Universitária Campinas/SP, Caixa Postal 6134, CEP 13083-851
Fone: (19) 3521 6609. E-mail: teonba@gmail.com

Reclamaciones o preguntas al Comité de Ética en Investigación pueden ser realizadas a través de la dirección: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126 - Caixa Postal 6111 – CEP 13083-887 Campinas – SP. Fone (019) 3521-8936 Fax (019) 3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br



Miquel Turró Frigola
Director Del Institut Narcís Monturiol
Figueres, 24 de noviembre de 2011

Teresa Ontañon Barragan // Estudante de Mestrado da FEF/UNICAMP

ANEXO 6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (português): Professor da escola Curumim

Atividades circenses na educação física escolar: Equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos

Pesquisadora responsável: Teresa Ontañon Barragan

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto

Obtenção do consentimento

A pesquisadora Teresa Ontañon Barragan apresentará o TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) ao sujeito no momento da entrevista, e este documento será assinado pelo entrevistado na presença da pesquisadora.

Justificativa da pesquisa

A educação física tem mudado muito nos últimos anos, o que anteriormente foi tachado de rígido, técnico e excessivamente esportivizado, desenvolveu-se até uma educação física mais preocupada com o desenvolvimento integral do aluno. Porém, atualmente continuam aparecendo como conteúdo principal das aulas, os esportes, limitando em ocasiões as possíveis práticas corporais.

O objetivo desta pesquisa é o de desviar-se um pouco desta prática exclusiva dos esportes e propor as atividades circenses como recurso pedagógico da educação física. Entendendo o ensino de ditas atividades de uma maneira ampla e não como a simples aprendizagem de uma variedade de técnicas.

Através da pesquisa nas escolas se pretende chegar ao objetivo esperado que é o de oferecer uma educação física para os nossos alunos de qualidade, que não somente sirva pra desenvolver habilidades físicas, mas também elementos como a criatividade e a linguagem corporal, que possam transmitir aos nossos alunos uma série de valores através dessas práticas e oferecer uma educação física integral.

Objetivos da pesquisa

O objetivo principal é analisar e expor os principais benefícios que as atividades circenses podem trazer para a educação física atual, promovendo assim a introdução do circo na

escola como elemento pedagógico, através de um estudo da metodologia atualmente utilizada em escolas onde são ensinadas estas atividades, incluindo duas no Brasil e duas em Espanha, para observar os dois tipos de metodologia de ensino e recursos pedagógicos utilizados no processo educacional.

Procedimentos utilizados na pesquisa

Não há riscos previsíveis decorrentes da participação na pesquisa e não será oferecido nenhum benefício direto ao voluntário.

O TCLE será assinado no momento da entrevista semiestruturada na presença da pesquisadora. E será entregue uma cópia do TCLE ao voluntário.

Os voluntários participarão de uma entrevista semiestruturada que será realizada no local combinado, de acordo com a disponibilidade do entrevistado, a fim de permitir que o mesmo sinta-se confortável em participar da pesquisa. Além disto, o sujeito terá sua identidade preservada.

Os voluntários poderão recusar-se a participar em qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer penalidade e não cause prejuízo ao seu tratamento, nem represálias de qualquer natureza.

A entrevista e as observações realizadas têm o fim de coletar informações sobre o processo de ensino das atividades circenses nas escolas selecionadas, e garantimos que as informações obtidas da pesquisa manterão o sigilo sobre a identidade dos alunos em todo momento.

Para contato com a pesquisadora:

Teresa Ontañon Barragan teonba@gmail.com

Para contato com o Comitê de Ética em Pesquisa

Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126 – Caixa Postal 6111 13083-887 Campinas – SP Fone (019) 3521-8936 Fax (019) 3521-7187

e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Eu, THIAGO SALES aceito participar como voluntário desta pesquisa.

ANEXO 7 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (espanhol): Professor do I.E.S. Narcís Monturiol.

Circo y Educación Física:
Equilibrios y desequilibrios pedagógicos

Investigadora responsable: Teresa Ontañon Barragan

Orientador: Marco Antonio Coelho Bortoleto

Obtención del consentimiento

La investigadora Teresa Ontañon Barragan presentará el TCLE (termino de consentimiento libre y aclarado) al sujeto en el momento de la entrevista, y este documento será firmado por el entrevistado en presencia de la investigadora.

Justificativa de la investigación

La educación física viene cambiando mucho en los últimos años, lo que anteriormente fue tachado de rígido, técnico y excesivamente deportivizado, viene cambiando hacia una educación física más preocupada con el desarrollo integral del alumno. Aún así, actualmente continúan apareciendo como contenido principal de las clases, los deportes, limitando en ocasiones las posibles prácticas corporales.

El objetivo de esta investigación es desviarse un poco de esta práctica exclusiva de los deportes y proponer las actividades circenses como recurso pedagógico de la educación física. Entendiendo la enseñanza de dichas actividades de una manera amplia y no como el aprendizaje de una variedad de técnicas simplemente.

A través de este estudio en colegios, se pretende llegar al objetivo esperado que es el de ofrecer una educación física para nuestros alumnos de calidad, que no solo sirva para desarrollar las habilidades físicas, sino también elementos como la creatividad y el lenguaje corporal, que puedan transmitir a nuestros alumnos una serie de valores a través de estas prácticas.

Objetivos de la investigación

El objetivo principal es analizar y exponer los principales beneficios que las actividades circenses pueden traer para la educación física actual, promoviendo así la introducción del circo en la escuela como elemento pedagógico, a través de un estudio de la metodología actualmente

utilizada en escuelas donde son enseñadas estas actividades, incluyendo una en Brasil y una en España, para observar los dos tipos de metodología de enseñanza y los recursos pedagógicos utilizados durante el proceso educacional.

Procedimientos utilizados en la investigación

No existen riesgos previsibles decurrentes de la participación en la investigación y no será ofrecido ningún beneficio directo al voluntario.

El TCLA será firmado en el momento de la entrevista semiestruturada en presencia de la investigadora y será entregada una copia del TCLA al voluntario.

Los voluntarios participarán de una entrevista semiestruturada que será realizada en el local combinado, de acuerdo con la disponibilidad del entrevistado, a fin de permitir que el mismo se sienta cómodo en participar del estudio. Además el sujeto tendrá su identidad preservada.

Los voluntarios podrán recusarse a participar en cualquier momento, sin que esto acarree cualquier penalidad y no cause prejuicio en su tratamiento ni represalias de cualquier naturaleza.

La entrevista y las observaciones realizadas tienen el fin de colectar informaciones sobre el proceso de enseñanza de las actividades circenses en las escuelas seleccionadas, y garantizamos que las informaciones obtenidas de la investigación mantendrán el sigilo sobre la identidad de los alumnos en todo momento.

Para contacto con la investigadora:

Teresa Ontañon Barragan teonba@gmail.com

Para contacto con el Comité de Ética en Investigación:

Rua Tessália Vieira de Camargo, 126 – Caixa Postal 6111 13083-887 Campinas – SP Fone (019) 3521-8936 Fax (019) 3521-7187
e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Yo, JOSEP INVERNÓ acepto participar como voluntario de esta investigación.

ANEXO 8 - Transcrição da entrevista realizada com o professor responsável pelas aulas de educação física na escola Curumim

Entrevistadora: O senhor poderia, por favor, fazer uma apresentação pessoal sobre sua formação acadêmica e profissional, destacando suas experiências na área da educação e das atividades circenses?

Professor *Thiago*: Eu me formei na educação física na Unicamp, entrei em 2003, me formei em 2007, em licenciatura. Eu fui pra educação física não necessariamente interessado em nenhuma questão circense, eu acredito que tenho ido para a educação física por conta de uma experiência esportiva que tive na infância e na adolescência. Sempre fui muito mais interessado em treinamento esportivo ou ate mesmo nas questões físicas relacionadas à área da saúde.

Quais esportes você praticou?

Pratiquei natação ate 14 anos e depois basquete, dois ou três anos e depois me interessei muito pelos chamados esportes de aventura e aí fiquei um bom tempo como praticante principalmente de "canyoning" e também trabalhando nessa área também, em agencias e como guia,...

Agora no circo, foi durante a própria graduação que eu tive o primeiro contato de poder experimentar algumas coisas, acho que sempre gostei de circo, mas numa relação como publico. Nunca tinha nem imaginado, e nem tinha desejo de trabalhar com circo ou como artista circense. Na graduação, eu acabei mudando um pouco os meus interesses com relação à educação física, primeiro eu mudei meus interesses com relação ao treinamento, comecei me interessar mais pela área escolar e ao mesmo tempo comecei ter um interesse por atividades circenses muito influenciadas pelo fato que havia inclusive na minha turma, pessoas que já estavam trabalhando com circo; tinha artistas, outros procurando no circo ferramentas pedagógicas e utilizando isso nas aulas, etc., em fim, tinha várias pessoas, um grupo pequeno de pessoas que se interessava por isso e que fazia coisas mesmo sem ter na faculdade um espaço formalizado para isso, era por conta própria mesmo. Faziam coisas fora também, treinavam em outros lugares, mas acabavam trazendo isso pra faculdade também, algumas pessoas da minha turma como já te falei estavam nessa pegada ai, e eu comecei experimentar, achei interessante a possibilidade de aprender, fazer um pouco de malabarismo, aprender um pouco de acrobacia, principalmente acrobacia coletiva, perna de pau,... E vi que meu primeiro interesse era bastante voltado na possibilidade de levar isso nas aulas de educação física, esse foi o meu primeiro interesse.

Eu nem pensava em ser artista, pensava em ser professor de educação física e levar isso para dentro das aulas porque a pesar de ter essa experiência esportiva eu achava que se a educação física se restringir ao esporte, é uma coisa que empobrece muito a educação física no âmbito escolar e ai comecei questionar muito isso e olhar o circo como possibilidade de trazer isso para dentro das aulas.

Assim tive numa primeira experiência pedagógica, que foi num trabalho de iniciação cientifica que depois resultou na minha monografia e ao mesmo tempo eu estava também me envolvendo com a questão artística, de uma maneira ao principio quase que por acaso, mas acabou que formamos um grupo de pessoas próximas, da minha turma e de fora, que procuramos um espaço pra treinar e praticar, e ai a gente conseguiu um espaço emprestado de um...

Na aquela época não tinha nada de material nem espaço na faculdade?

Não tinha nada, nem material, nem nada, só as pessoas que faziam as coisas por conta própria, mas institucional não tinha nada não, nem disciplina, nem professor tinha ainda.

Mas uma colega estava querendo montar um grupo, tanto para trabalhar com oficinas e apresentações, como com propostas pedagógicas. Ela me convidou por conta de um trabalho que fizemos numa disciplina em primeiro ano de faculdade. Na disciplina, chamada eventos corporais, era um trabalho artístico na verdade, tratava-se de uma apresentação, não especificamente circense mais que tinha coisas de circo e a gente resolveu fazer esse trabalho, dentro desse grupo terminamos tomando um pouco à frente da coordenação a gente se deu bem, depois ela me convidou para fazer parte desse grupo.

Paralelo a tudo isso, eu sempre dei aula de educação física, primeiro numa instituição chamada patrulheiros, pra jovens de 14 a 16 anos, onde comecei como estagiário. Depois de um tempo eles propuseram a criação de um departamento pra promover as atividades esportivas e culturais e me convidaram para coordenar o departamento onde uma das propostas era a criação de um grupo de atividades circenses que infelizmente não deu muito certo.

Depois comecei trabalhar na escola Curumim como professor de educação física, e aqui desde sempre procurei colocar aos poucos e entre outros itens as práticas circenses dentro das aulas.

Faz quanto tempo que você trabalha na escola com atividades circenses? Foi progressivo?

Eu comecei em 2007, são 5 anos desde que comecei. Eu já comecei trabalhar alguma coisa de circo, agora, em alguns períodos com um pouco mais de presença, outros um pouco menos, na verdade nesse tempo tudo, eu estou tateando ainda. Tatear é um conceito que a gente usa aqui, que vêm da pedagogia Freinet, no sentido de experimentar, e eu estou experimentando na verdade, numa maneira de introduzir o circo nas aulas, já que penso que tem a minha cara, tem a cara da escola tem a cara dos alunos.

Nos primeiros anos, optei por trabalhar o tema circo só nos quintos anos, claro, nos outros anos já faziam um pouquinho de acrobacia, mas sem ser especificamente na temática circense; ai teve um ano, no terceiro ano que eu estava aqui, que uma turma de segundo ano se interessou pelo tema circo dentro do trabalho com a professora deles, e aqui na escola tem esse olhar de tentar identificar os interesses dos alunos e desenvolver encima disso projetos para as turmas. Nesse caso a turma resolveu escolher o circo e obviamente vieram me convidar para participar disso de alguma maneira. A minha participação foi trazer o tema circo também para as aulas de educação física dessa turma, e ai fizemos várias coisas de atividades circenses, fizemos também algumas coisas em parceria com a professora da turma, e foi muito interessante para mim. Foi bacana trabalhar com as crianças menores também, e essa experiência junto com outra ficha que tinha caído para mim, referente à que, não só com circo, senão com qualquer conteúdo, é melhor você trabalhar várias vezes o mesmo tema ao longo de período escolar, já que a cada ano que passa, às vezes são as mesmas turmas e as mesmas crianças, mas já é outro olhar, são outras possibilidades que surgem. Então comecei achar que seria mais interessante trabalhar com eles em vez de limitar isso num ano somente, tentar diluir isso ao longo dos anos que eles estivessem comigo.

E aí, desde o ano passado vinha tentando fazer dessa forma, em vez de trabalhar só com uma turma, trabalhar com todas as turmas e conforme eles estão crescendo, estão se desenvolvendo e as possibilidades vão aumentando, tanto de compreensão, como de possibilidades práticas mesmo.

Como você organiza e/ou prepara suas aulas?

Depende um pouco do tema que vai ser trabalhado, você viu que eu acostumo trabalhar em ateliês, o ateliê é uma das propostas pedagógicas da pedagogia Freinet na qual o aluno pode optar por fazer as atividades que não necessariamente a turma toda tem que fazer, eu uso o termo ateliê porque é um termo que eles estão familiarizados, porém nas minhas aulas, os ateliês são um pouco diferentes. Em geral o que eu faço é dividir a turma em três grupos, onde cada um vai fazer uma atividade, mas que ao longo da aula eles trocam para que todo o mundo acabe fazendo tudo. Para algumas atividades eu tenho achado mais interessante organizar dessa maneira porque me parece que a aula rende mais, eles aproveitam melhor a aula, eles ficam na atividade por um tempo mais reduzido, porém é um tempo que contribui para que eles continuem interessados durante a aula inteira, porque normalmente quando estão perdendo o interesse já é a hora de trocar e isso traz também outra vantagem que, por exemplo, se eu quero trabalhar acrobacia durante esse semestre todo, eu posso trabalhar acrobacia durante todas as aulas, porem não estou trabalhando a aula inteira; isso ajuda a conseguir trabalhar vários conteúdos simultaneamente, de uma maneira que eles não vão enjoar-se ou ficar entediados de estar fazendo sempre a mesma atividade.

Eu ainda estou descobrindo essas coisas, pode ser que o ano que vem já não esteja mais trabalhando assim, nesse momento eu estou gostando de trabalhar desse jeito, o ano passado eu trabalhava geralmente com um tema por aula, só que eu tenho achado, cada vez mais interessante, a possibilidade de estar o tema circo o tempo tudo presente, em todos os anos, e também acabei combinando com as turmas, que das duas aulas que tem na semana, uma é voltada para o circo e na outra a gente trabalha com jogos, então da mesma maneira que o circo esta sempre presente, também está sempre presente a acrobacia, as atividades de equilíbrio de objetos, malabarismo, tecido, perna de pau, não tudo no mesmo mês, mas num bimestre tem tudo isso.No momento estou achando interessante trabalhar mais pulverizado, menos concentrado, trabalhar menos ao longo de períodos maiores.

Como você analisa a participação e interesse dos alunos na aula?

Eu considero um interesse muito bom, eles gostam. Claro que sempre há a comparação com os jogos, que hoje são os dois principais temas, jogo e circo, e para um grupo de alunos o jogo é mais interessante, o que não quer dizer que o circo não seja interessante, se eles pudessem escolher acho que eles fariam sempre o jogo, tal vez sempre o mesmo, mais é compreensível. Porém, isso não quer dizer que o circo tenha menos interesse, e com relação à participação, é praticamente o 100% de participação, e tem uma questão também, que a participação não é algo a ser discutido, não é opção participar ou não participar, é obrigação deles participar já que a educação física faz parte da grade escolar curricular, eles não escolhem se querem ou não aprender matemática, eles têm que aprender matemática e da mesma maneira educação física, não é negociável, agora dentro disso também eu vejo que eles gostam de participar, fazendo isso com prazer, e pedindo pra fazer tecido, pratinho, etc. E o circo tem esse vantagem, por ter uma gama de atividades bem diversa, que passa pelo equilíbrio de objetos, pelos malabarismos, pelas acrobacias, pelos aparelhos aéreos, pelas coisas expressivas, pelo palhaço, por um monte de coisas, acaba agradando, é claro que uns vão preferir rola-rola antes que o tecido, mas a vantagem de trabalhar em “ateliês” é isso também, que as vezes nessa aula eles vão fazer o tecido que não gostam muito e depois vão fazer o rola-rola que gostam bastante, então isso acaba contribuindo para manter o interesse alto.

Em sua opinião, qual é o principal, ou principais objetivos das aulas de educação física?

Eu acho que principalmente colocar o aluno em contato com certos conhecimentos, práticas corporais, que foram criadas pela humanidade ao longo dos anos, que algumas pessoas chamam de cultura corporal, eu gosto desse termo, e isso é uma coisa que faz parte de conhecimentos que a gente... Que é importante saber na vida, a vida não é só saber contar, também pode ser saber dançar, saber jogar, saber fazer coisas de circo, porque não; então para mim é isso, disponibilizar para os alunos de uma maneira sistematizada, acessível a eles, à idade, a maneira de compreender as coisas que eles têm, de colocar em contato com esse conhecimento e proporcionar esse aprendizado, não com os objetivos de profissionalizar alguém ou especializar alguém em alguma dessas áreas.

Eu acho que se você trabalha com esporte, não é o objetivo encontrar talentos esportivos, mas da a oportunidade para que essas pessoas tenham contato com esporte, tenham um aprendizado nessa área, uma vivencia e principalmente que eles consigam olhar criticamente essa prática, levando em conta a idade e experiências da criança, e dar a eles ferramentas para que possam utilizar essa prática ou não dentro de suas vidas com autonomia, para mim esse é o objetivo principal. Esse processo, claro, é muito mais complexo que tudo isso, dentro desse processo tudo também tem que aprender a conviver, tem que aprender a ouvir o outro, o que é viver coletivamente, expressar a sua opinião, escutar os outros, tomar decisões, agora isso para mim não é especificidade da educação física senão da educação e da vida em sociedade.

Nas suas aulas de educação física, se trabalha o desenvolvimento de valores transversais como cooperação, companheirismo, respeito, tolerância,...?

Eu acho que isso é inevitável, não é opção de escolha trabalhar ou não, a partir do momento que você esta em sala de aula como professor, automaticamente você já esta trabalhando muitas coisas transversais, porque você tem que tratar de... São relações humanas, que acontecem o tempo todo, e isso faz parte da aula, não da para acreditar que eu estou trabalhando o ensino de uma técnica circense só, eu estou trabalhando com um grupo, que tem um contexto, existem relações, e o tempo todo, a gente esta aprendendo a conviver.

Você utiliza algum autor especifico para a preparação das aulas de atividades circenses?

Não, eu utilizo minha própria experiência e claro às coisas que li anteriormente, nas referencias que eu tenho, também gosto da possibilidade de criar coisas, de criar outras maneiras de trabalhar diferentes, procuro exercitar essa a minha criatividade, claro baseado nas referencias que eu tenho, da educação física, de circo, e de educação de maneira geral.

Como é feita a avaliação dos alunos?

Não encontrei um método muito sistematizado, individualizado, me preocupo muito com a participação, não só quantitativa, me preocupo com a qualidade com que o aluno está participando, se ele está lá fazendo, se esforçando, está interessado, participando de maneira que colabore para o coletivo e não atrapalhando. É isso o que eu busco, se ele faz isso, acredito que tem que ser um aluno bem avaliado, não estou preocupado com o que ele consegue fazer, não me preocupo com isso de maneira alguma, eu sei que cada aluno tem o tempo de aprender e eu respeito esse tempo, tento respeitar as dificuldades e facilidades, mas não tenho métodos de avaliar se um aluno faz melhor a estrela do que o outro, não me interessa, me interessa sim que, por exemplo, cheguem ao quinto ano sabendo fazer cambalhota, sabendo fazer estrelinhas básicas do universo da acrobacia, não de qualquer jeito, que saiba fazer uma cambalhota bonitinha, uma estrelinha, mas assim, não estou preocupado em avaliar isso, eu falo como esta sua

estrela hoje, ai eu vou tentar como professor tentar ajuda-lho a melhorar isso, mas é uma consequência da efetiva participação, com qualidade e interesse.

Porque você escolheu as atividades circenses como recurso pedagógico?

Eu tenho chamado de um conteúdo mesmo, eu acho que essa escolha foi muito... Sempre me chamou a atenção a possibilidade de ter a chance de trabalhar com um conteúdo ou tema que fugisse do esporte, que tradicionalmente é mais trabalhado nas aulas, e eu não sou contra trabalhar esporte, eu acho que é ruim trabalhar só o esporte, e particularmente por ser algo no terreno das artes, das atividades artístico-expressivas, porque acho que isso traz possibilidades de aprendizado que outras práticas mais utilizadas na educação física não tem tanta chance, então isso para mim é algo interessante de cara, e quando fui conhecendo isso e me aprofundando, cada vez mais fui me apaixonando pelo circo, pelas possibilidades que tem, essa diversidade que o circo traz, há uma prática aqui que de maneira geral interessa muito aos alunos, então são muitas vantagens, muitos aspectos positivos que tem por traz dessa escolha.

E tem outro desdobramento, que eu fui procurar o circo como professor, mas acabei me tornando um artista, hoje na minha vida, ser artista e tão importante quanto ser professor, e tal vez sou um artista mais apaixonado do que professor; nesse aspecto eu terminei percebendo que é bom para os alunos e é bom para o circo. Porque a gente não esta formando artistas, não é essa a intenção, mas estamos formando publico, e público um pouco mais crítico, com um olhar já diferente do que eu tinha, ou do que a maioria das pessoas tem, leigo. No mínimo eles vão saber um pouco mais de circo do que sabiam antes, e isso contribui para despertar mais interesse pelo circo e como tem mais gente interessada acaba tendo mais artistas e um publico mais exigente que vai ajudar a atividade circense no Brasil de uma maneira geral, a se desenvolver mais, ter mais qualidade, etc.

Em sua opinião, qual o papel das atividades circenses para a educação física escolar? Você acha que ela ajuda no desenvolvimento de uma educação física integral? Quais aspectos (físicos, psicológicos, sociais, etc.) você acha que as atividades circenses desenvolvem nos alunos?

Eu acho que tudo isso, eu sou simpatizante de uma linha da educação física que pensa primeiramente no conhecimento que se esta trabalhando, a partir disso a gente vai experimentar, trabalhar nela, ter um olhar crítico sobre ela e poder fazer com que essa prática possa estar presente na nossa vida com autonomia, seja como um apreciador ou como praticante, eu gosto de partir de aí.

Não gosto de olhar para o circo como uma maneira, por exemplo, de desenvolver o equilíbrio, ou qualquer outra qualidade física, ou a coordenação motora, ou a força, eu não gosto disso, porque eu sou mais afinado com a linha da educação física que pensa coisas mais nesse âmbito cultural, histórico, em fim. Agora a gente não pode negar que isso faz parte do aprendizado, quando a gente fala de conhecimento corporal, se você conseguir ficar em pé encima de uma perna de pau ou de um rola, é um conhecimento, mais é um conhecimento que envolve não só o das partes cognitivas, também aspectos corporais e não vamos negar que é interessante você desenvolver o equilíbrio, mas a questão é se o grande objetivo é desenvolver o equilíbrio, não precisaria ter o circo, posso bolar aqui atividades de equilíbrio, não precisa nem falar de circo, para optar por falar de circo, eu acho que temos que partir primeiro de esse ponto, de que o circo é uma forma de expressão é um conhecimento que faz parte de cultura corporal e que envolve diversos aspectos, incluindo as questões físicas, psicológicas, etc.

Qual é o posicionamento da escola respeito das praticas circenses na educação física? Apoiam o conteúdo circense? Quais os motivos?

O que eu sinto é apoio, sempre tive a liberdade de escolher as coisas com que eu vou trabalhar, escolhi o circo dentro dessas coisas e na medida do possível a escola procura atender as minhas necessidades, inclusive materiais.

A gente está numa escola que, embora seja uma escola particular, não é uma escola que seja de elite econômica, é uma escola que atende classe média, trabalho também com muitos alunos bolsistas, e que tem certas dificuldades financeiras também, porém na medida do possível eu tenho sido atendido sim nas minhas solicitações, e claro também tenho consciência, nunca solicitei ou exigi uma cama elástica, mas os materiais básicos que eu considero que são importantes para minha aula, a gente tem conseguido comprar aos poucos, ao longo desses anos. Acho que algumas coisas ainda precisam ser adquiridas ou construídas, mas aos poucos a gente está conseguindo.

E com relação ao apoio pedagógico também, sempre tive abertura, apoio e inclusive simpatia por parte da direção da escola, eles apoiam esse meu projeto circense bem.

Qual é o posicionamento dos pais com relação às atividades circenses? Apoiam as práticas ou pelo contrario? Quais os motivos?

Olha, eu não tenho reclamações, os pais embora não tenha muito contato com a maioria, o contato formal é nas reuniões coletivas onde eu acostumo apresentar as minhas propostas, conteúdos, etc., e nunca tive problemas de que alguém falasse que eu não acho isso legal, mais eu sinto que eles são um pouco alheios as aulas de educação física de maneira geral. Porém, com certeza, é mais fácil alguém reclamar de alguém que está insatisfeito do que vir falar que o que você esta fazendo é muito legal.

Já tive um ou dois casos pontuais, de pais que pensam que a educação física deveria ser mais esportiva, inclusive já tive discussões, eu sempre tive o apoio da coordenadoria, a minha proposta é muito coincidente com a proposta geral da escola, existem pessoas que não se adaptam a isso, a essa proposta, que não querem isso, só que esse “cara” está na escola errada, tem coisas diferentes, em geral os pais que procuram esta escola, fazem essa escolha, é uma pedagogia diferenciada do contexto mais geral, as pessoas sabem onde entram e se permanecem, é porque aprovam isso.

ANEXO 9 - Transcrição da entrevista realizada com o professor responsável pelas aulas de educação física do I.E.S. Narcís Monturiol.

Entrevistadora: O senhor/a poderia, por favor, fazer uma breve apresentação pessoal sobre sua formação acadêmica e profissional, destacando suas experiências na área?

Professor *Josep*: De titulação eu sou professor de educação física infantil, depois fiz um mestrado em educação física, depois fiz uma graduação em pedagogia e por último doutorado em atividades físicas no meio natural.

Qual sua experiência na prática e docência das atividades circenses?

Bom, isso já é casualidade, comecei há 20 anos com o circo, numa escola aqui de Figueres de periferia, naquela época, eram as únicas escolas que tinham oficinas de "tecnologia" já que era considerada como educação... Não especial, senão de atenção preferencial, e na oficina, junto com o professor, me propus construir a perna de pau, porque eu já sabia andar de perna de pau, tinha alguma experiência como monitor de lazer, foi uma coisa sem pensar muito, para testar; quando a gente viu que construíram a perna, foi uma coisa sensacional, praticaram muito, me lembro de um rapaz cego que terminou aprendendo a andar com a perna, bom foi uma experiência maravilhosa, e a partir de aí pensei, bom, vamos continuar nessa linha do circo. No começo foi só perna de pau e bolas de malabares, mas cada ano fui colocando coisas novas, diabolô, devil stick, e claro, eu não tinha ideia, meu conhecimento era basicamente autodidata, conhecia as bolinhas e a perna de pau, e depois fui aprendendo graças aos manuais que ia encontrando, traduzindo, porque era tudo em inglês, e bom, passaram os meses e como vi que o tema circo resultava muito bem, foi quando fui fazer cursos em Barcelona, de trapézio, de acrobacia, tudo isso porque vi que me faltava formação e fui fazer cursos específicos de circo e cada ano ia aprendendo coisas novas, foi também quando cheguei aqui nesta escola, há 15 anos. E, por exemplo, a dança aérea faz uns 5 anos que a introduzi porque fui fazer os cursos específicos, então é isso, primeiro procurar a formação e depois levar isso para a escola. E bom, os espetáculos, no começo nunca tinha pensado em fazer um espetáculo, simplesmente utilizar o circo, porque motrizmente é uma opção excelente, coordenação geral, óculo-manual, equilíbrio... Para mim era um prato perfeito, por outro lado depois percebi, que por trás dos projetos de circo, encontrava um projeto carregado de valores, cooperação, solidariedade, de melhora da autoestima, e foi quando o projeto foi tomando mais forma, mais corpo e foi quando começamos os espetáculos, que no principio eram mostras simplesmente, misturamos a expressão corporal com o circo e no final do ano fazíamos uma apresentação de circo e teatro as duas coisas misturadas, e assim começou no inicio.

Como você organiza e/ou prepara suas aulas?

Agora já não as escrevo, porém, cada ano varia nas atividades dependendo das pessoas que tenha, ou seja, no começo sempre são as aulas um pouco mais diretivas, onde se ensinam as diferentes técnicas, procurando sempre..., eu sempre utilizo a metodologia pela livre exploração, que eles experimentem, que vejam o que acontece com o diabolô, se enrosca, primeiro eu não falo nada, livre exploração, e depois utilizo o descobrimento guiado, falo... que acontece se com a mão direita vamos para trás? e assim vamos construindo o processo todo até que aprendem as figuras básicas, e a partir daí, são eles mesmos que vão criando desafios e pequenos objetivos mediante o uso das figuras, um pouco também para respeitar o tempo de maduração de cada um; a ideia não é ensinar uma figura e que

todos os alunos a aprendam ao mesmo tempo, senão que tal vez um aprende primeiro e o outro aprendera depois de três ou quatro dias, não tem problema.

Como você analisa a participação dos alunos na aula?

Muito simples, o primeiro que pratiquem; e isto se vê muito bem porque temos a vantagem de que todos os alunos estão praticando na aula, então quando alguém se senta ou não pratica, você vê isso, nesse caso converso com eles para ver o que acontece, e o outro é o controle do processo, eu tento não controlar o processo senão que sejam os próprios alunos os que se controlem, mediante as fichas e tal, eles vão riscando as que conseguem, vão colocando o que sabem fazer o que não, porque é um pouco a ideia da pessoa quando vai à academia; quando você vai à academia, você tem uma ficha e vai fazendo os exercícios e depois de três semanas está feliz porque tira os 15kg e pega 20kg, é uma motivação não é? Pois igual acontece aqui, eles mesmos vão vendo o que conseguem; para mim o processo de ensino aprendizagem consiste em criarem-se retos e objetivos, porque se o professor pranteia objetivos e retos, mas os alunos não querem fazer, não vai servir para nada, em minha opinião "a bola" tem que estar com os alunos e que sejam eles os que querem aprender, se o professor só quer ensinar, falta a outra parte que é que alunos queiram, que é o importante. Eu tinha um professor de pedagogia que sempre dizia que a aprendizagem era como um bebê que você da a colher, e você pode dar a colher, mas ele decide se traga ou não traga, pode cuspir, então é a mesma coisa, você pode fazer as coisas muito motivantes, com material muito legal, com progressões, mas se eles não querem... E depois outra coisa, o circo, tem tanta variedade, que você pode encontrar um elemento que motive cada um dos alunos.

Qual é o interesse dos alunos para as aulas com conteúdos circenses?

Eu acho que o pior da educação física é a apatia, do mesmo jeito que a participação ou não é fácil de ver, a motivação também se transmite. Quando você vê que nada mais abrir a porta da aula os alunos vão correndo para pegar o material, e estão a hora inteira praticando, você vê que tem uma motivação alta, e isso para mim é suficiente, é um bom termômetro.

Em sua opinião, qual é o principal, ou principais objetivos das aulas de educação física?

Para mim seria um bom crescimento a nível pessoal, social, cognitivo, e para mim, no meu caso eu dou muita importância, já que o ser humano é um ser social, tento me focar mais na vertente social, para mim o fato de usar o circo é fomentar a cooperação, basicamente.

O que falava o outro dia, num projeto cooperativo você consegue um aumento da coesão grupal, um aumento da autoestima e um crescimento pessoal.

Como é dividido o ano em referencia a conteúdos de Educação Física? Quanto desse tempo é ocupado pelas atividades circenses?

Então neste caso, não seria por ano senão por "ano escolar", em 1º ESO, fazem diferentes unidades didáticas de um trimestre de duração e uma delas é o circo, que é uma introdução e tem basicamente, malabares com bolas, lenços, aros, diabolô, "swing" e depois tem perna de pau e rola-rola, e depois no 2º ano já tem uma optativa de ampliação dos conhecimentos que se faz malabares e equilíbrio, com aparelhos mais complexos, por exemplo o monociclo, a bola de equilíbrio, as claves, já são materiais um pouco mais complexos que numa introdução não teria sentido já que a maioria dos alunos não conseguiriam aprender, porem quando chega no 2º ano já tem mais horas de prática e da

para aprender muito mais, no 3º ano temos a optativa de trapézio e dança aérea e no 4º tem uma aula que tem de tudo que é como um resumo.

Nas suas aulas de educação física, se trabalha o desenvolvimento de valores transversais? Quais?

Com certeza, em nível de valores o mais trabalhado é a cooperação e depois a nível emocional, também muito a confiança com um mesmo e com os outros, por exemplo, quando fazemos *acrossport*, se você não confia no "portó", não vai sair a figura, eu penso que é isso, crescimento pessoal, e crescimento a nível social ou da comunidade.

Você utiliza algum autor especifico para a preparação das aulas de atividades circenses?

Não, bom quando comecei tinha muito pouco, lia alguma coisa de pedagogia de algumas técnicas, como perna de pau,... Por exemplo, em Catalunha tinha algumas pessoas que faziam circo e a gente conversava, mas não tinha nada escrito; tal vez agora com internet é diferente, tem também aqueles cadernos do Mister Babache, que basicamente explicam como funciona o aparelho, a técnica, mas não tem nenhuma explicação didática, de como ensinar isso; ou, por exemplo, quando ia fazer os cursos de trapézio, estava focado muito na técnica, e claro, eu tive que pegar a técnica e tentar adaptar isso para a escola, por exemplo, a subida no trapézio, o que eu faço é que os alunos comecem subindo no trapézio com os pés no chão, porque claro, senão demoraríamos um ano em ensinar só a subida, então eu prefiro que subam já no primeiro dia e que façam duas ou três figuras, para que assim consigam gostar da atividade desde o começo.

Um dia aconteceu uma coisa impressionante, estava passando o vídeo dos espetáculos, mostrando as técnicas e os vídeos, para que vessem a aplicação, e tinha um professor que falava o tempo tudo que os joelhos estavam flexionados no trapézio, e no final falou, nossa, com os joelhos flexionados, mas ficou muito bonito, então bom, se tem um rapaz que não faz a cambalhota ou deixa o joelho flexionado, bom, o objetivo não é a perfeição técnica, tem que ir introduzindo a técnica aos poucos.

Como é feita a avaliação dos alunos?

É um pouco complicado, eu parto um pouco da auto-avaliação, de observar o que se propuseram no começo. Eu faço uns itens, então vou pontuando, valoro também a auto-avaliação deles, o que tem aprendido e o que não, mas eu acredito que a temática circo, sobrepassa esta coisa de avaliação, e é o que te contava, quando fazemos o espetáculo, que acontece uns três meses depois de que a avaliação final seja feita, o importante para mim é que eles querem participar sem que necessariamente isso conte para a nota final, senão por que estão motivados, para mim isso é mais que uma nota; como estamos obrigados a por uma nota então... Porém, um tem que ir mais além da nota, os alunos estão mais que aprovados, eu penso se coloco a máxima nota, o que significa isso? Um dia eles perguntaram a nota que iria colocar, ai eu falei que a nota não era importante, mas eles estavam muito insistentes com a nota, ai eu falei, bom, vamos fazer um acordo, coloco a máxima nota para vocês com uma condição, que vocês não podem mais assistir nas aulas, e ainda faltavam três semanas de aula... Ai eles falaram que não, que não concordavam... Eles estavam quase conseguindo andar de monociclo, e foi realmente um paradoxo, porque eles queriam uma nota 10, mas também queriam aprender, então entre todos decidimos que a nota 10 seria para os pais; porque o que eles queriam realmente era aprender, e é importante valorar isso também, porque na vida não te dão notas, na vida você faz as coisas bem ou mal, tem uma citação do diretor da editora INDE que diz, quando não confio no professor quero que o professor me de uma nota e me deixe em paz, quando confio no professor e para mim é uma referencia, prefiro um juízo de esta pessoa que não uma nota, porque me dirá onde erro, como melhorar, e na vida é assim.

Porque você escolheu as atividades circenses como recurso pedagógico?

Bom, por casualidade escolhemos a atividade circo para responder a um objetivo pedagógico motriz só, de coordenação geral com acrobacia, coordenação com os malabares, e equilíbrio, e depois quando vimos que o pacote era perfeito a um nível motriz, mas que também quando decidimos fazer o espetáculo de circo, entrou o tema dos valores educativos, e foi aqui que percebemos que era muito mais do que o plano motriz.

Em sua opinião qual o papel das atividades circenses para a educação física escolar? Você acha que ela ajuda no desenvolvimento de uma educação física integral?

Tem uma melhora de todos os alunos num nível motriz, cognitivo, social e emocional, a repercussão do circo na educação física, eu penso que em outros lugares será uma coisa alternativa, mas em outros não, como por exemplo, nos, que já é uma coisa normalizada e bom, eu gostaria de pensar que daqui a cinco anos o circo vai ser uma coisa normalizada na área; nem para melhor nem para pior, simplesmente como um conteúdo diferente ao esporte tradicional, que também é necessário, mas que a educação física é mais rica que tudo isso, do que só esporte tradicional.

Quais aspectos (físicos, psicológicos, sociais, etc.) você acha que as atividades circenses desenvolvem nos alunos?

Físicos: coordenação geral, óculo-manual, equilíbrio.

Social: Toda a repercussão de cooperação, tolerância, solidariedade, aspectos de inter-relação positiva.

Emocional: temos um crescimento da autoestima, confiança, etc.

Nível cognitivo tal vez é um tema que é pouco tratado, mas tento abordar o tema da criatividade, expressão corporal, fazer coreografias, eu acredito que é um componente corporal importante, artístico também, tal vez não tão visível como a cooperação o crescimento pessoal, mas também está ai presente.

Qual é o posicionamento da escola respeito das atividades circenses na educação física? Apoiam o conteúdo circense? Quais os motivos?

Bom no começo, quando você fala que vai fazer circo as pessoas alucinavam um pouco, falavam o que é isso? Mas agora passou a ser quase uma marca distintiva da escola, o espetáculo de circo, bom, todo mundo sabe que na escola, a cada dos anos, fazemos um espetáculo de circo, e agora eu penso que na escola tem vários projetos cooperativos, não só de circo, são já outras coisas, mas, por exemplo, já no projeto curricular, diz de maneira explicita que se fomenta a cooperação entre os alunos, ou seja, já não é só o circo senão a rádio, a revista, tornou-se um objetivo prioritário da escola.

Qual é o posicionamento dos pais respeito das atividades circenses? Apoiam as praticas ou pelo contrario? Quais os motivos?

Não, bom a maneira de apoiar é indo no espetáculo, a postura dos pais e mães sempre foi positiva, sempre apoiaram economicamente quando foi preciso, sempre ajudaram, em fevereiro antes de começar a matricula sempre fazemos um dia na escola de portas abertas que vem os futuros alunos acompanhados dos pais para ver a escola, e ai sempre fazemos uma exibição de circo, então desde o primeiro dia os pais já vem que aqui tem circo, e a resposta sempre é positiva.

Poderia falar brevemente sobre os espetáculos?

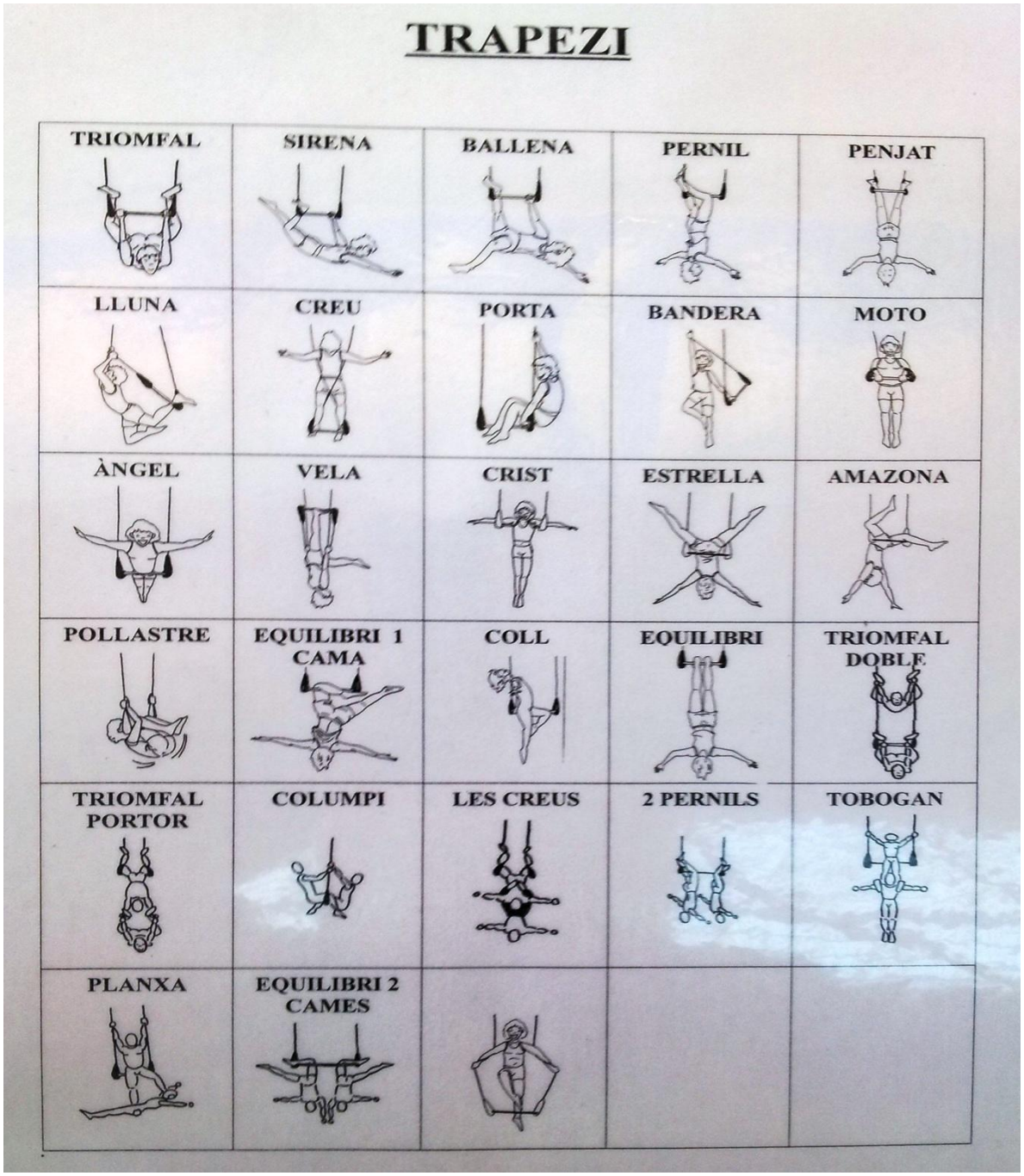
A coisa do espetáculo é uma coisa que você vê complicada, com muito trabalho, mas a estrutura é muito simples, primeiro se pensa num roteiro, do que vai tratar a história e depois se criam grupos de trabalho, e cada grupo tem uma função, pode ser construir os materiais, o figurino, a maquiagem, e depois é ver se as peças encaixam, e esse é um pouco o meu trabalho, de coordenar os diferentes grupos.

No espetáculo participam basicamente 3º e 4º ano, participa quem quiser, para mim um projeto faz sentido quando você o quer fazer, senão não; e por isso tem uns benefícios de não importar se com a nota, não tem pressão, porque são eles os que decidiram que querem participar, não é o professor que obriga, eu sempre falo que o projeto só anda se eles querem ou seja que se eles não querem não se faz e pronto, e segundo que é preciso certa implicação. Depois o dinheiro que é arrecadado com o espetáculo, é investido em novos materiais.

Poderia falar brevemente sobre a "Aula aberta"?

Seriam alunos com problemas de comportamento, fracasso escolar, muito acentuado, são alunos que realmente alteram o desenvolvimento da aula, assim se criou um projeto pedagógico exclusivamente para eles e são 7 ou 8 alunos, 10 máximo, com os quais se fazem atividades mais de manipulação, tem matérias normais também, mas se tenta fazer uma coisa mais prática, tipo oficina para que tenham um interesse maior, o ideal é que façam um ano nesta aula para que depois se integrem num grupo de reforço.

ANEXO 10 – Tabela exemplo das figuras no trapézio utilizadas no I.E.S. Narcís Monturiol



ANEXO 11 – Proposta de atividades circenses inclusivas

Atividades circenses na Educação Física

Like 0 Envie por email Imprima

Nesta sequência didática, você vai ver como incluir práticas circenses nas aulas de Educação Física

Objetivos

- Ampliar o conhecimento dos alunos a respeito do circo.
- Conhecer e aprender técnicas simples de movimentos presentes nos espetáculos, como acrobacias e malabarismos, observando normas de segurança individual e coletiva.
- Desenvolver a capacidade de comunicação corporal, explorando as características expressivas e criativas das práticas circenses.

Conteúdos

Técnicas específicas para a realização de:
- Acrobacias com cordas.
- Acrobacias de solo: roda, ponte, vela e parada de mãos.
- Equilíbrio de objetos.
- Malabares com bolas e lenços.
- Dramatização de cenas com palhaços.

Anos

4º e 5º anos.

Tempo estimado

15 aulas.

Material necessário

Computador com acesso à internet, 3 cordas grandes (cerca de 3 metros), cordas individuais, colchonetes, bolas de papel (de 2 a 3 por aluno), lenços de tule (de 2 a 3 por aluno), arcos, tambor, nariz de palhaço, peruca e outros adereços.

Flexibilização

Alunos com necessidades educacionais especiais participam de todas as atividades. Nas aulas com cordas, é possível diferenciar o ritmo das batidas, ampliando o tempo de deslocamento, ou alternar batidas no chão e no ar de modo que os cadeirantes possam transpor a corda enquanto ela estiver no alto. Nas atividades que envolvem malabarismo, é possível usar bolas maiores e/ou mais leves e balões presos por barbantes no pulso dos alunos que necessitarem de recursos como esses. Já na formação de pirâmides humanas, quem tem alguma dificuldade de mobilidade pode assumir posições tanto na base quanto fora dela – basta adaptar a figura a ser realizada a fim de que o aluno

consiga se equilibrar, com ou sem auxílio. A ajuda de professores e colegas também pode ser uma boa medida para acrobacias no solo.

Desenvolvimento

1ª etapa

Em uma roda de conversa, peça aos alunos que relatem seus conhecimentos sobre o circo e as brincadeiras realizadas no picadeiro. Convide-os a realizar as brincadeiras citadas e sugira outras complementares, tais como andar sobre uma corda no chão, simulando uma corda bamba, ou imitar um palhaço.

2ª etapa

Pesquise com a turma algumas informações sobre o circo. Na internet, há sites específicos como o da Academia Brasileira de Circo. Finalize essa etapa com uma sessão de filmes sobre diferentes tipos de circo e modalidades circenses, como malabarismo, acrobacias, dramatizações e equilíbrios. No Youtube, procure pelo canal oficial do Cirque Du Soleil e pelos vídeos do Circo da China, por exemplo. A partir do material coletado na pesquisa, da reação dos alunos diante dos filmes e dos relatos da etapa anterior, organize um roteiro com os pontos mais pertinentes e interessantes de serem desenvolvidos nas aulas práticas.

3ª etapa

Inicie uma sequência de aulas sobre as técnicas das modalidades circenses, começando pelas mais simples - como as atividades com corda - e deixando as mais complexas para o final - como acrobacias de solo e equilíbrio sobre o tambor. Exemplo de cronograma: 2 aulas para acrobacias com corda, 2 para malabarismos, 1 para dramatizações, 2 para acrobacias de solo, 1 para equilíbrios simples e pirâmides, 1 para equilíbrio sobre o tambor e 3 aulas mesclando os conteúdos em circuito. Em todas as aulas, é importante distribuir os alunos de forma a evitar ao máximo a formação de filas longas. Dependendo da disponibilidade de materiais, é possível dividir a turma em grupos.

Avaliação

Use o diagnóstico inicial como referência para avaliar a ampliação do repertório dos alunos sobre o tema circo. Quais modalidades e brincadeiras circenses eles conheciam e quais conhecem agora? A gama de movimentos corporais que são capazes de realizar aumentou? Que técnicas de movimentos presentes nos espetáculos foram aprendidas? A capacidade de se comunicar por meio do corpo foi aprimorada? Verificar e registrar, ao longo de todas as etapas, os avanços e as dificuldades ajudará a fazer esse balanço final.

Consultoria: Professora Fernanda Pedrosa de Paula
Professora da EM José de Calasanz, em Belo Horizonte, e Educadora do ano do Prêmio Victor Civita de 2011.